

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

JORGE ALEXANDRE NOGARED CARDOSO

**CIÊNCIA E CULTURA:
CONTRIBUIÇÕES DAS REUNIÕES ANUAIS DA SBPC.**

**Florianópolis
2018**

JORGE ALEXANDRE NOGARED CARDOSO

**CIÊNCIA E CULTURA:
CONTRIBUIÇÕES DAS REUNIÕES ANUAIS DA SBPC**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do grau de Doutor em Educação.
Linha de Pesquisa: Educação e Comunicação
Orientadora: Profa Dra Araci Hack Catapan

**FLORIANÓPOLIS
2018**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Alexandre Nogared Cardoso, Jorge
Ciência e cultura : Contribuições das reuniões
anuais da SBPC / Jorge Alexandre Nogared Cardoso
; orientadora, Prof^a Dr^a Araci Hack Catapan, 2018.
173 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa
de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Cultura e Ciência. 3. SBPC. 4.
Entrevistas Narrativas. I. Hack Catapan, Prof^a Dr^a
Araci . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

“CIÊNCIA E CULTURA: CONTRIBUIÇÕES DAS REUNIÕES ANUAIS DA SBPC.”

Tese submetida ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação em cumprimento parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 27/02/2018

Dr.^a Araci Hack Catapan (MEN/CED/UFSC – Orientadora)

Dr.^a Rosa Batista (PPGE/Unisul/SC - Examinadora)

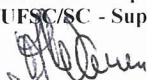
Dr.^a Maria Hermínia Laffin (MEN/CED/UFSC – Examinadora)

Dra Leonete Luzia Schmidt (UNISUL – Examinadora)

Dr.^a Beatriz Helena Dal Molin (PPGLetras/UNIOESTE/SC – Examinadora)

Dr.^a Dulce Márcia Cruz (MEN/CED/UFSC – Suplente)

Dr.^a Doris Roncarelli (MEN/CED/UFSC/SC - Suplente)


JORGE ALEXANDRE NOGARED CARDOSO
FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/FEVEREIRO/2018


Prof.^a Maria Hermínia Laffin
Vice-Coordenadora do PPGE/CED/UFSC
Portaria nº 1935

Aos meus pais, Osmar e Cilézia,
aos meus irmãos, Anamaria,
Ricardo, Eduardo e Carolina, e ao
meu companheiro Elton.

AGRADECIMENTOS

À Professora/Orientadora Araci Hack Catapan, cujo primeiro nome em Tupi significa **Mãe do Dia – A Aurora**, por ter sido justamente isto, **LUZ**. Muito Obrigado!

Aos amigos Paulo Hofmann e Olinda Evangelista, pela disponibilidade calorosa nos momentos mais tensos.

Aos participantes nas Entrevistas Narrativas, Eunice, Fernanda, Leonardo, Maria Fuentes e Paulo, pela disponibilidade e carinho com que se deixaram ouvir.

À SBPC, na pessoa da Presidente Helena Nader, por dar apoio para meu trabalho de pesquisa na 68ª Reunião Anual, em Porto Seguro, além de toda confiança nas demais reuniões onde atuei como colaborador.

Ao Leandro, incentivador ao meu ingresso no Programa de Pós-graduação em Educação da UFSC e que me acompanhou por um bom período desta trajetória.

Aos amigos do “Coletivo Tecendo”, pelos momentos de parceria e aprendizado.

Aos professores e às professoras do PPGE, assim como aos funcionários da coordenação do Programa, pela dedicação em aulas, orientações e instruções.

Aos amigos da Unisul e da Escola Dinâmica, pelo apoio e incentivo constantes.

Confesarse delante de un desconocido es darle un sitio en el mundo. Es permitirle que se calle y pueda apaciguarse. Es ofrecerle una detención. Es ofrecerle secretos que jamás tuvo.

Carlos Skliar

RESUMO

Cultura une pessoas, possibilitando-as a se sentirem pertencentes a uma dada comunidade, pois os homens constroem sua realidade a partir de seu entorno e, pela cultura, a ressignificam. O objetivo desta pesquisa foi analisar a relação entre Cultura e Ciência na SBPC. O objeto de estudo são as Reuniões Anuais (RAs) da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. A pergunta é: Como a SBPC, por meio de suas Reuniões Anuais, tem articulado cultura e Ciência? Trata-se de uma pesquisa exploratória. A coleta de informações está organizada em Entrevistas Narrativas (ENs) e análise documental. Os atores envolvidos são organizadores e/ou participantes das RAs em várias edições. A partir do estudo das narrativas, levantaram-se evidências de como as Reuniões Anuais da SBPC contribuem para a divulgação da Ciência, gerando uma nova cultura nas comunidades locais e/ou regionais nas quais ocorreram esses eventos.

Palavras-chave: Cultura e Ciência, SBPC, Entrevistas Narrativas.

ABSTRACT

Culture is a unifier, allowing people to fit in a certain community, once they build up a reality from their surroundings, and culture makes it meaningful. This research aims to analyze the relationship between Culture and Science at SPBC. This study objects are the Annual Meetings (RAs) of the Brazilian Society for the Progress of Science and the question is: "How has SPBC, in its annual meetings, been dealing with culture and science?" This is an exploratory research. To gather the information, narrative interviews and documental analysis have been proceed. The characters involved are RAs organizers and/or participants in many editions. Through studying the narratives, evidences were observed about how SPBC annual meetings contribute to spread science, creating a new culture at the local community and region.

Keywords: Culture and Science, SBPC, Narrative Interviews

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - RAs da SBPC: Média de participantes por período..	74
Quadro 2 - Relação das RAs da SBPC	75
Quadro 3 - As RAs e as programações, de 2004 a 2017	83
Quadro 4 - A frequência do tema Cultura nas programações das RAs.....	101
Quadro 5 - Fases principais da Entrevista Narrativa (EN).....	104

LISTA DE ABREVIATURAS

CCB	Centro de Ciências Biológicas/UFSC
CED	Centro de Educação/UFSC
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EN	Entrevista Narrativa
ENs	Entrevistas Narrativas
IES	Instituição de Educação Superior
MEC	Ministério da Educação
MEN	Departamento de Metodologia de Ensino/CED/UFSC
N 1, 2, 3, 4 e 5	Narradores
UFBA	Universidade do Sul da Bahia
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFS	Universidade de Feira de Santana
UFSB	Universidade Federal do Sul da Bahia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina
RA	Reunião Anual da SBPC
RAs	Reuniões Anuais da SBPC
RR	Reunião Regional da SBPC
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior

PRENÚNCIO

As palavras são seres vivos que saem vivas da boca dos seres humanos. Cada palavra é uma dor, uma esperança, um sofrimento. É um sentimento corporificado, que ganha forma e cor; uma ideia que ganha peso; um ente abstrato que se consubstancia, que se torna em coisa. Somos uma coisa: as palavras.

Augusto Boal

O resultado de uma pesquisa contém em um mesmo arcabouço o olhar do pesquisador e do pesquisado. Em se tratando de análise por narrativas, esse olhar se torna ainda mais contundente. Isso justifica o registro desse prenúncio. Nele, antecipo alguns aspectos de minha personalidade, de minha vida pessoal, acadêmica e profissional. Ele não esgota o assunto, claro, mas gostei de fazê-lo. Foi bom relembra trajetórias, repensar decisões e pensar possibilidades. Olhando para os percursos descritos, identifico-me cada vez mais com minhas escolhas e acredito ser a pesquisa no doutoramento um componente essencial para consolidação de um projeto de vida.

Jorge Alexandre Nogared Cardoso. Nome longo, porque meu pai tinha trauma de seu curto nome e das confusões geradas por homônimos. Mescla de ascendentes ameríndios, europeus e africanos, mas a cultura italiana foi marcante. Natural de Tubarão, Sul de Santa Catarina, sofrendo influência da região litorânea, mas com fortes tintas serranas (origem de meu pai).

Meus pais enfatizaram que os filhos e filhas deveriam estudar e não terem na casa deles um porto eterno. Fomos criados para, ao final do ensino médio, montar nossa própria casa, trabalhando e estudando.

Vim para Florianópolis, em 1981.

Fui trabalhar como auxiliar em umas das farmácias de uma grande rede estadual. Foram quatro anos na função, correndo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), após o ingresso no curso superior, em 1982/2, para o emprego e dali para casa, em uma rotina de três turnos. Acho que essa prática moldou meu, cada vez mais, perfil ativo. Ainda hoje, atuo diariamente por

quase três períodos completos e não consigo, por enquanto, pensar em fazer diferente. Gosto.

Sou filho; sou estudante; fui auxiliar de farmácia; fui professor de ensino fundamental e médio, nas disciplinas de Ciências e Biologia, respectivamente; sou professor de ensino superior, em disciplinas de formação de professores em curso de Pedagogia; sou coordenador de curso de Pedagogia na modalidade a distância e gestor universitário, atuando junto à Comissão Própria de Avaliação, atualmente como Presidente; sou alegre; curto música, cinema, festas, comidas (que faço razoavelmente bem), viagens, cachorros e casa cheia de amigos.

Minha formação escolar iniciou em 1969. Fui matriculado em uma instituição de educação infantil e ensino fundamental coordenada por uma congregação cristã. Diferentemente do que muitos podem supor, foram seis anos, até o encerramento dos anos iniciais do ensino fundamental, muito interessantes.

As freiras/professoras eram, em sua maioria, italianas de origem. Sobreviventes da Segunda Grande Guerra. Isso foi um diferencial, pois me deliciava com as histórias contadas acerca da vida em um país cujos conflitos eram em seu próprio território. As fugas, os pequenos roubos por necessidades vitais, os enfrentamentos vividos por elas povoaram meu imaginário.

Associadas a essas histórias estavam coleções e mais coleções sobre o conflito, que meu pai, um leitor inveterado, comprava e que eu lia com muito interesse. A guerra, o território diverso, os países do conflito (com suas características peculiares), as experiências dos que acompanharam de perto tudo, a tecnologia da época e seus avanços foram referências fortes para o estilo de leitura que fazia.

Quando terminei essa parte dos estudos, as relações de amizade que construí estavam tão fortes que, frequentemente, voltava àquela escola para rever as professoras e, quando um irmão mais novo seis anos foi cursar seus anos iniciais, eu o levava para as aulas e ficava como um auxiliar em classe.

Na sequência, fui matriculado em escola estadual, onde fiquei os quatro anos restantes do ensino

fundamental. Destacava-me nos estudos, porém, com ressalvas dos professores quanto ao irrequieto modo de ser em sala. Do quinto ao oitavo ano, fui líder de classe, representando-a junto aos professores e direção, em nossas (simples) demandas.

Das disciplinas cursadas, a de Ciências despertava especial interesse, muito pela relação com a área da saúde, visto que meu pai possuía, na época, duas farmácias, que eu frequentava e vivia envolvido com bulas, reagentes, medicamentos, doenças e o frequente contato com pessoas. Além dos aspectos médicos, as aulas de Ciências traziam um manancial de informações acerca da natureza, com seus constituintes e fenômenos.

No ensino médio, a trajetória para os estudos em Ciências foi se consolidando. Em virtude da legislação educacional, que obrigava as escolas a formarem técnicos, matriculei-me em um curso médio técnico, em Patologia Clínica. Isso foi um grande incentivo para a escolha do curso superior.

Em agosto de 1982, ingressei no curso de Ciências Biológicas da UFSC. Inicialmente, pensei em cursar o Bacharelado, mas optei, na segunda fase, pela Licenciatura, visando às possibilidades maiores de atuação após formado. Tal decisão se mostrou acertada, pois abriu campos e permitiu que reconhecesse a área educacional como "minha praia".

Na Biologia, fui aluno de bons índices, sendo que entre os alunos que a cursaram, desde de sua criação (em fins dos anos 70), ocupo a 46ª posição. Pelo bom desempenho acadêmico, fui convidado a integrar a equipe de alunos no Laboratório de Genética, sob a orientação da professora Jeanete Maristela Agostini, que começava a formar um grupo de pesquisa em Genética Humana.

Fiquei no laboratório até o final da graduação, em 1986, o que fez da Genética uma possibilidade forte de continuidade dos estudos no Mestrado. Fiz uma tentativa para ingressar no Mestrado em Genética pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), sem obter êxito.

Como já estava atuando em escolas da rede estadual de Santa Catarina, fiquei cada vez mais envolvido com as atividades docentes, assim, o mestrado seria pensado em momento oportuno. Em 1989, retornei ao laboratório de Genética da UFSC, por convite da Professora Ângela Bueno, para auxiliar em

pesquisa com genética de roedores. Em 1990, assumi uma bolsa de pesquisa Aperfeiçoamento tipo B, do CNPq, sob orientação da professora Hiroko Nitta. Essa pesquisa, inclusive, resultou em uma publicação no I simpósio Latino-americano de Mutagênese Ambiental, em 1991.

Como havia cursado a Licenciatura Plena em Biologia, em 1986, realizei estágio supervisionado no Colégio de Aplicação da UFSC. Foi uma experiência muito boa, onde compartilhei com um grande colega de curso a turma na qual desenvolvi o estágio. Devido a essa boa experiência, ou seja, de estar frequentemente circulando pelos espaços da UFSC, em virtude de atuar como pesquisador no Laboratório de Genética, fui convidado por minha professora de estágio, Marialva Feller Golin, a realizar concurso para professor substituto no Centro de Educação, no Departamento de Metodologia de Ensino (MEN). Obtive sucesso e, em 1991, assumi a carga horária daquela professora, que se aposentara no ano anterior.

As disciplinas que ministrei durante quase cinco anos, com reingresso por processos seletivos seguidos, reforçaram meu interesse pela área educacional.

Em 1995, prestei seleção ao Mestrado em Educação da UFSC. Fiz a opção pela área de Teoria e Prática Pedagógica. Meu projeto estava vinculado ao processo de formação de professores.

Fiz um recorte histórico e procurei, nos anos 1910, evidências da força que as ciências da natureza tiveram na construção de um novo currículo que formasse educadores sintonizados com os avanços da ciência e tecnologia almejados pelo Brasil. Sob orientação da professora Olinda Evangelista, investiguei arquivos históricos em Santa Catarina e São Paulo, elencando grades curriculares, níveis de formação, bibliografias dedicadas aos futuros professores e aos seus alunos, relatórios e legislação pertinentes.

O mestrado pareceu-me uma síntese de minha formação até aquele momento. O prazer pela ciência e seus conteúdos foram aliados à educação. Juntei a eles os conteúdos históricos e pude observar de que maneira o contexto cultural, social, político e econômico foram e são determinantes para a construção curricular das escolas e dos cursos de formação de professores. Em virtude de estar trabalhando e estudando simultaneamente, defendi minha monografia em 1998.

Naquele ano, ingressei como professor efetivo na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), no curso de Pedagogia, onde atuo até hoje nas disciplinas de Metodologia de Ensino de Ciências. Essas experiências formativas contribuem para uma organização de programa de disciplina e condução do trabalho docente, focando na relevância da educação em ciências, dentro de uma sociedade cada vez mais regradada tecnologicamente.

Profissionalmente, como professor, de fevereiro de 1986 até 2002, atuei em escolas da rede pública de ensino, nos níveis do Ensino Fundamental e Médio. Foram experiências que sedimentaram a prática docente, abrindo um universo de possibilidades educacionais.

Os dados coligidos nessas experiências foram substanciais para a construção de minha prática docente na universidade. Quando assumi, em 1991, as aulas na UFSC, no Centro de Educação, procurei fazer relações entre o que havia vivenciado nas salas de aula e os conteúdos das disciplinas pedagógicas.

Na Unisul, desde 1998, não foi diferente. Atuei desde a primeira turma com disciplinas pedagógicas, sendo que em um período de três anos, atuei tanto no curso de Pedagogia como no de Biologia, com disciplinas focando a educação.

Continuo atuando na Pedagogia da Unisul e minha experiência junto ao curso me levou a assumir, desde 2006, a sua coordenação. São 10 anos à frente dessa função, sendo que em 2008 assumi a coordenação do Curso de Pedagogia Virtual, ampliando a visão que tinha de educação e seus espaços.

Durante o período que atuo junto aos cursos de graduação, tenho realizado orientações de trabalhos de conclusão de curso, assim como participado de bancas de defesas de trabalhos orientados por colegas de curso. Ações como essas reforçam meu interesse em continuar as pesquisas em educação, visando a atuar junto ao programa de Pós-graduação em Educação da própria Unisul.

Como as ações junto à coordenação ampliam a visão que tenho da universidade como um todo, desde 2009 faço parte da Comissão Própria de Avaliação da Unisul. A equipe formada está atenta aos processos que são desenvolvidos na universidade e reportando-os aos órgãos reguladores externos, SINAES/MEC.

Aliadas à carreira docente, exerci outras atividades que reforçaram o desejo de continuar com os estudos acadêmicos.

Uma em especial está diretamente ligada a esta pesquisa do doutorado.

Em 2001, o professor Paulo Roberto Petersen Hofmann, do CCB/UFSC, havia assumido um cargo na Diretoria da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Ele já atuava junto à SBPC, desde 1990, organizando o grupo de monitores, estudantes que auxiliam nas Reuniões Anuais do evento. Como assumiu uma segunda função na entidade, convidou-me para assumir a função que exercia, desde o início dos anos 90. De 2001 para cá, foram 17 RA, sendo que, em apenas uma, não participei como membro da equipe organizadora de monitoria, em conjunto com o professor Paulo Hofmann.

As RAs da SBPC são eventos cativantes, tanto por seu aspecto científico/cultural quanto pela possibilidade de conhecer e interagir com pesquisadores, professores e estudantes, das mais diversas áreas do conhecimento e de todo o Brasil. Justamente por ser uma atividade muito prazerosa para ser desenvolvida, acabei por modificar, ao longo do doutorado, meu objeto de estudo. Inicialmente, meu interesse na pesquisa era centrado na percepção pública de Ciência. Como a percepção é influenciada pelo modo como as pessoas consomem o que é apresentado nos diversos espaços de uma sociedade, fiz a opção de compreender de que modo a SBPC apresenta a Ciência em seus eventos maiores, as RAs.

Uma outra questão que guardo carinhosamente é o aspecto relacional. Estar em um ambiente novo, um elemento estranho, não raramente provocou dificuldades com as pessoas que estavam nos auxiliando na realização de um evento grande como uma RA (e que muitos desconheciam). Não quero dizer que guardo com carinho possíveis brigas, mas, ao organizar uma equipe de trabalho, geralmente maior que uma centena de pessoas, pude perceber que a divulgação científica também passa pela forma como são estabelecidas as relações interpessoais.

Mais recentemente, quando da organização de uma Reunião Regional (RR), pude acompanhar mais de perto o processo de definição da temática geral, assim como dos temas das conferências e mesas-redondas, e os convidados que viriam para apresentá-las ou debatê-las. Esse é um exercício muito

especial, quase como uma arena, creio que, como Stuart Hall definiria, uma Arena Cultural¹. As sociedades científicas, a diretoria da SBPC, os gestores da instituição sede e a comunidade local procuram, cada qual ao seu modo, influenciar nas escolhas, dando ao evento uma especificidade única.

A minha participação nas RAs começou de forma bem atribulada. A Universidade Federal da Bahia (UFBA), Campus Ondina, foi pequena para o grande número de inscritos e participantes. Reconheci, dessa forma, a força que uma RA possui. Os espaços com as atividades programadas enchiam-se rapidamente, causando uma efervescência muito grande. Esse foi meu aprendizado inicial em relação a divulgar Ciência, ou seja, não é suficiente termos os convidados e locais reservados. A dinâmica do público, a oferta de atividades paralelas, além de outros quesitos devem ser muito bem pensados, caso contrário, pode-se perder muito da potência do evento.

Certamente, há outros aspectos que eu poderia apresentar, mas acredito que eles estarão nas entrelinhas, em especial, pela subjetividade expressa em uma pesquisa que passa por ouvir o outro e dialogar com sua fala.

¹ Nessa perspectiva, a Cultura é vista como uma arena de luta, como um espaço de luta por significação, como um campo de luta pela hegemonia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	31
1.1 JUSTIFICATIVA	33
1.2 OBJETIVOS	36
Objetivo Geral	36
Objetivos Específicos:	36
1.3 OBJETO E ESCOPO	37
2. CULTURA, CIÊNCIA E A CIÊNCIA COMO CULTURA	39
2.1 A CIÊNCIA COMO CAMPO CULTURAL.....	45
2.1.1 Cultura Científica e Significação Social	53
2.1.2 A Cultura da Ciência	58
2.1.3 A Cultura para a Ciência ou a Ciência para a Cultura: uma Mutação Cultural. Do imperialismo cultural da Ciência � Ciência como Cultura	64
2.1.4 A Ciência como Cultura	66
3. A SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA - SBPC	71
3.1 AS REUNIÕES ANUAIS DA SBPC	74
3.2 A IDEALIZA�O E A ORGANIZA�O DAS REUNIÕES ANUAIS	79
4. A METODOLOGIA	87
4.1 A ABORDAGEM POR NARRATIVAS	88
5. ORGANIZA�O, COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	97
5.1 DAS FONTES PRIMÁRIAS - PROGRAMA�O DAS RAS..	97
5.2 DAS ENTREVISTAS NARRATIVAS	103
5.3 AS NARRATIVAS E OS ENUNCIADOS.....	109
6. CONSIDERA�ES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	141
APÊNDICES	145
APÊNDICE 1 – DADOS COMPLETOS DAS ATIVIDADES DA PROGRAMA�O SÊNIOR DAS RAS, CUJA TEMÁTICA FOI CULTURA (2004-2017)	146
ANEXOS	165
ANEXO 1 – CÓPIA DA ATA DE FUNDA�O DA SBPC	166

1. INTRODUÇÃO

A discussão da relação entre ciência e cultura não é recente, porém, requer uma inovação epistemológica inédita. O novo “ethos” social requer outras competências cognitivas que se baseiam em intensivos de conhecimento. Se por um lado, a atual tecnociência desafia a lógica hegemônica que o mundo da ciência insiste em impor, por outro lado, emerge uma outra força de autoria baseada no modo de informação e comunicação que possibilita o acesso a qualquer cidadão (Maturana, 1998).

O modelo de comunicação digital, que delinea a cultura atual, não está centrado mais na dualidade do comunicador e do receptor. Está distribuído em redes sociais móveis, em todas as formas de linguagem, que afrontam as ordens centralizadoras de opinião e de representatividade (Castells, 2013).

Nesse sentido, a metodologia de pesquisa por meio de Entrevistas Narrativas² torna-se cada dia mais uma possível maneira de leitura e análise dos movimentos socioculturais científicos que se apresentam em outra moldura cultural, em que a ciência se aproxima cada dia mais das pessoas.

O modelo de comunicação digital promove uma convergência inédita entre grupos de diferentes perfis e etnias, entre comitês científicos de diferentes áreas, entre saberes científicos mais avançados e saberes do senso comum que expressam práticas simples de sobrevivência. O novo modo de ser, de saber e de apreender se entrelaça e coloca um ritmo nômade na produção e socialização do conhecimento. Isso estreita um pouco mais o distanciamento entre a produção da ciência e a transformação cultural de pessoas, grupos ou mesmo nações (Catapan, 2001).

Nesse contexto, investigar e narrar uma trajetória científica que perdura por 69 anos com o propósito de imprimir uma cultura, por meio de seus eventos, parece ser algo atual e relevante.

Esta pesquisa tem como delimitação o campo dos estudos da cultura, da comunicação e da produção científica. Tem por objetivo compreender os modos de percepção de sujeitos acerca

² As Entrevistas Narrativas como instrumento utilizado para a coleta de dados baseado nas orientações de Jovchelovitch e Bauer (2002), apresentadas no capítulo 4 desta tese.

de eventos científicos nacionais e as marcas culturais impregnadas nos locais e nas produções por onde ocorreram. O objeto de análise é o fenômeno científico/cultural realizado ou impingido pelas reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) por algumas reuniões anuais (RAs) dessa Sociedade. Trata-se de uma pesquisa exploratória que pretende evidenciar traços culturais manifestos em agentes humanos e não humanos, no lastro da realização de dezesseis reuniões nacionais realizadas no período de 2004 a 2017. Para perquirir as possíveis transformações provocadas nesse quadro, optou-se por ouvir e documentar narrativas em tardes agradáveis de julho de 2016, durante a realização da 68ª da SBPC, em Porto Seguro.

As questões norteadoras do pesquisador nas ENs foram: Qual ciência e qual cultura estão implícitas nestes eventos? Como alcançar o progresso científico e cultural? As pessoas possuem qual(is) ideia(s) sobre a ciência apresentada ao longo dos seis dias do evento? E quanto à cultura e sua relação com a Ciência, o que permanece como signo ou símbolo? Ou ideia? Ou comportamento?

Essas questões podem ser respondidas a partir de uma busca teórica, empírica, ou ainda abstrair respostas analisando práticas, e desenvolver uma investigação científica pelo método de narrativas, reunindo uma abordagem teórico-empírica.

Dada as especificidades da sociedade brasileira, podemos observar que parte significativa da informação acerca da Ciência, em geral e no específico, da(s) tecnologia(s) que as pessoas adquirem são oriundas das mídias impressas, como jornais, revistas, folders. Os veículos principais são os televisivos, os impressos, os noticiários, documentários e, mais recentemente, as redes sociais.

Certamente, apesar da presença muito marcante dessas mídias (e todo o arsenal de artefatos culturais que produzem e disseminam) no cotidiano nacional, há que considerar o papel da educação nos ambientes formais, como escolas, institutos de pesquisa, comitês de áreas de conhecimento, ou seja, organizações científicas que contribuem para o entendimento que temos acerca da Ciência, da Tecnologia, de seus desdobramentos em cultura de modo geral. Assim, é determinante o papel dos meios de comunicação nos processos de formação de modo geral de uma população, sejam processos

formais e ou informais. O modo de comunicação e informação dos avanços científicos imprime uma marca especial no processo de construção da percepção da sociedade sobre os avanços técnico-científicos. Para a divulgação da ciência, utilizam-se espaços e instrumentos construídos, especialmente, como obras impressas e *on-line*, laboratórios, museus, eventos científicos das mais diversas áreas (*workshops*, congressos, encontros, seminários, reuniões etc.), destinados a divulgar os avanços em cada área ao público em geral.

Esta pesquisa não busca uma percepção pública ampla, mas capturar, por meio de ENs, o entendimento que sujeitos envolvidos com a divulgação da ciência, em um determinado campo, conseguem incorporar e perceber em suas práticas os princípios com os quais operam na organização dos eventos. Não exatamente como produtores de um conteúdo formatado para uma publicação ou veiculação em diversas mídias, mas como participantes, seja integrando as equipes que organizam os eventos ou como participantes regulares dos eventos. Neste estudo, especificamente, nos eventos científicos multidisciplinares que são organizados regularmente, por mais de 69 anos - as Reuniões Anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

1.1 JUSTIFICATIVA

Uma das questões mais pujantes, no singular tempo que vivemos, é a relação do homem com a natureza e o futuro que construímos a partir da forma como essa é percebida, e suas transformações documentadas e divulgadas, promovendo o modo como uma sociedade se organiza. Os atuais avanços observados nessa relação têm gerado uma grande preocupação quanto ao futuro, pois são avanços que fogem das previsões tradicionais, avanços minados de incertezas. Se por um lado parece que a sociedade tem cada vez mais opções de escolhas, por outro, tem também a reação contrária, e o recrudescimento dos fundamentalismos (sejam religiosos ou não). O marco maior da cultura do século XXI é a incerteza, a celeridade a volatilidade dos saberes, dos valores. "...Para mim, o elemento novo é colocar a ideia da instabilidade no centro da ciência moderna" (Prigogine, 1996)

Diversas respostas já foram ensaiadas e praticadas, entre

elas o foco nas transformações produzidas pela tecnociência e os modos de comunicação digital. Esses têm aproximado mais rapidamente a sociedade dos avanços científicos, embora incluam os desafios de escolhas, como diz Prigogine, as opções, em um dilúvio de acesso, são inúmeras, e em mesma proporção as dificuldades de se fazer as escolhas. Tanto no sentido de quem divulga a ciência, como no sentido de quem a acessa.

As narrativas anteriores, mais limitadas em relação a código, a tempo, e à quantidade, eram mais seguras. Hoje a intensidade das informações, a volatilidade e a celeridade de veiculação, entra em conflito, continuamente, com a as possibilidades de verificação da veracidade do que é divulgado (Prigogine, 2000).

A ciência tem papel fundamental no desenvolvimento das sociedades, sendo imprescindível ao avanço da tecnologia como força cultural de grande importância. Contudo, a suposição de que a ciência seja guardiã da verdade absoluta, enfatizando que os cientistas, ultraespecializados, sejam os detentores absolutos das competências para orientar governos ou demais setores do parlamento nas escolhas sobre investimentos públicos em Ciência e Tecnologia e sobre o uso de tecnologias desenvolvidas, já remonta ao passado.

O que torna o campo científico particular é o fato de ele reunir agentes investidos dos mesmos princípios de validação científica, envolvendo acordos sobre o que é aceito como real, além de regular o confronto entre pares por meio da censura científica, colocando, a distância, o que depende da autonomia do campo, as pressões externas. Para Bourdieu (2007), o que se confronta no campo são representações sobre a realidade, isso implica, de certo modo, interferências políticas, sociais e culturais de modo específico.

Importa lembrar que a sociedade contemporânea tem noção, mesmo que desbotada, das implicações sociais e políticas das escolhas de modelos ideológicos e/ou científicos ou estratégias tecnológicas adotadas. As propostas eugênicas, o uso dos defensivos/agrotóxicos, os transplantes de órgãos, o desenvolvimento e o uso de organismos transgênicos, entre outros exemplos, despertaram para a possibilidade de uma transformação sem precedentes na gênese da vida no planeta, afetando diretamente a cultura das sociedades.

No escopo dessa noção, nos últimos tempos, constata-se uma crescente mudança de percepção sobre as competências na tomada das decisões sobre os objetos a serem pesquisados, assim como sobre o que se faz necessário ser utilizado ou apropriado pela sociedade. Na mudança desse paradigma, encontra-se a comunicação de massa, sob inúmeras formas, jornal, televisão, internet, redes sociais, e, em certa medida, também as publicações que ocorrem em eventos científicos, as quais se proliferam de modo generalizado. Os comitês científicos se renovam e se ampliam em uma ordem exponencial. Raros mantêm uma regularidade e uma visão focada em um propósito como as RAs da SBPC. Esses são eventos de quase sete décadas, os quais aconteceram sem interrupções, anualmente, em várias cidades brasileiras, sendo considerado o maior evento desse tipo realizado no Hemisfério Sul. Como seu foco é contextualizável, renova-se continuamente e ao mesmo tempo permanece. O objetivo das RAs da SBPC, em estreitar as relações entre a ciência e a cultura, tem se mantido de modo flexível e profícuo ao mesmo tempo, estendendo sua mensagem para toda a sociedade brasileira. É um evento científico que acolhe não só especialistas e acadêmicos, mas qualquer cidadão que tenha algo significativo, científica ou culturalmente, a compartilhar.

Este estudo se propõe a rastrear os marcos científico-culturais que caracterizaram as RAs ocorridas de 2004 a 2017 (14 edições), mapeando temáticas gerais e as atividades desenvolvidas (Simpósios, Conferências, Mesas-redondas) em documentos e publicações científicas. Em contraponto, busca auscultar o sentido, a percepção e a transformação provocada em cada um dos atores envolvidos diretamente ou indiretamente nas RAs. A relevância dessa investigação está expressa em dois sentidos: o primeiro na configuração do modo como as pessoas que participam se deixam transformar e se percebem nessas mudanças; o segundo como os eventos e suas realizações têm marcado os espaços e tempos por onde se efetivaram.

Assim, esta pesquisa propõe verificar como e quanto esses eventos científico-culturais contribuem para com uma outra forma de se entender e se relacionar com a ciência. O acompanhamento, a aproximação regular com a organização e realização dos eventos RA, sugere a seguinte questão: Como a SBPC, por meio de suas RAs, tem articulado Cultura e Ciência?

Para apreensão junto aos participantes das RAs da SBPC das percepções relativas às questões apresentadas anteriormente, foram desenvolvidas ENs. As Ens, como forma de pesquisa, podem ser justificadas pela necessidade de o pesquisador ampliar a compreensão acerca dos esquemas conceituais utilizados pelas pessoas para relatarem suas experiências de vida. Busca-se, dessa forma, tornar mais clara a relação do indivíduo singular com os eventos complexos da sociedade. Segundo Bauer e Jovchelovitch (2002), fazendo uso de narrativas como fonte da pesquisa social, é possível esclarecer como determinadas ações são projetadas, executadas e retrospectivamente acessadas pelos indivíduos, e, ainda, compreender os motivos que os levaram a essas ações.

1.2 OBJETIVOS

No sentido de responder essa questão, a tese está desenhada pelos seguintes objetivos:

Objetivo Geral

Compreender de que forma as RAs da SBPC articulam as intersecções entre a cultura e a ciência.

Objetivos Específicos:

- Identificar, por meio de Entrevistas Narrativas (ENs), quais as aproximações perceptíveis, entre sujeitos participantes nas RAs da SBPC, entre cultura e ciência;
- Identificar nas falas dos narradores indicativos de semelhanças entre experiências individuais e trajetórias coletivas;
- Destacar as evidências de relação entre Cultura e Ciência nos programas científicos das RAs pesquisadas, período de 2004 a 2017.

1.3 OBJETO E ESCOPO

O objeto desta investigação são as 14 edições das RAs da SBPC, no período de 2004 a 2017. As RAs são muito importantes, visto que elas são os espaços mais amplos e mais dinâmicos de consolidação dos objetivos e da missão que a SBPC toma para si, constituindo um objeto especial para o entendimento da relação da Cultura com a Ciência externada pela SBPC.

Esta tese está estruturada em sete itens, mais Apêndice e Anexo, sendo que após seu item 1, a Introdução, há o Capítulo 2: Cultura, Ciência e Ciência como Cultura, onde são abordadas discussões sobre algumas definições de Cultura e de Ciência e sobre a relação entre elas.

O capítulo 3 traz um conjunto de informações acerca da SBPC, sua representatividade no panorama científico e político no Brasil, além de apresentar as Reuniões Anuais já ocorridas, desde 1949, com seu peculiar modo de organização e desenvolvimento.

No capítulo 4 estão apresentadas as discussões acerca do processo de pesquisa por meio da análise documental dos arquivos das Reuniões Anuais da SBPC, dos últimos 14 anos, e, também, acerca das ENs, modalidade de pesquisa qualitativa adotada para apreender as falas de integrantes das RAs da SBPC, durante uma dessas RAs (68º RA, Porto Seguro – BA).

No capítulo 5, as análises do material coletado e das Entrevistas Narrativas estão apresentadas de forma a explicitar as relações que os narradores estabeleceram entre Cultura e Ciência.

No item 6 são apresentadas algumas considerações finais, desenvolvidas a partir da compreensão da pesquisa como um todo.

Finalmente, como sétimo item, está apresentada a bibliografia utilizada para dar o embasamento necessário à construção das análises.

No Apêndice estão listadas as atividades da Programação Científica, SBPC Sênior, das 14 edições pesquisadas. Segue, ao final, o anexo com a ata de constituição da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em 1948.

2. CULTURA, CIÊNCIA E A CIÊNCIA COMO CULTURA

Cultura, [...], nesse sentido restrito, e em todas as suas manifestações, filosóficas e científicas, artísticas e literárias, sendo um esforço de criação, de crítica e de aperfeiçoamento, como de difusão e de realização de ideais e de valores espirituais, constitui a função mais nobre e mais fecunda da sociedade, como a expressão mais alta e mais pura da civilização. (AZEVEDO, 1963, p. 38)

Para Azevedo (1963), a cultura é um dos acessos possíveis ao estudo dos fenômenos sociais. Acesso esse que incide diretamente no modo pelo qual a sociedade se pensa ou se representa, assim, pode-se tornar recorte temático fértil para o estudo dos fenômenos sociais do Brasil e guia condutor para a síntese proposta, porque a cultura, por um lado, tem a função de instaurar os bens e os valores espirituais que definem ou dão identidade a uma determinada civilização, e, por outro lado, só se mantém e se desenvolve conforme as transformações dos outros fenômenos sociais daquela sociedade (AZEVEDO, 1963, p. 28-29).

A cultura é uma das "pontas" que determinam a evolução social, que dão significado e unidade ao organismo social, em cuja base está a economia, a outra ponta da evolução social. Se há transformações econômicas sem transformações culturais, não há progresso em uma sociedade, porém, se a cultura acompanha as transformações econômicas o organismo social evolui, mantendo a unidade social (AZEVEDO, 1963).

O uso coloquial do termo cultura, sem ser feita uma análise do(s) paradigma(s) que o suportam, reporta-nos ao senso comum do termo. Para Geertz (1989), a cultura é o resultado de um lento processo, intrinsecamente ligado ao desenvolvimento orgânico humano. Dessa forma, há que se entender uma relação dialética entre o homem e a cultura, visto que para o referido autor, o homem é produtor e produto da cultura. A cultura, nesse aspecto, tal qual um sistema simbólico, é um dado contexto, onde os eventos sociais derivados das ações humanas tornam-se inteligíveis. Na perspectiva de Geertz (1989), aproximar-se da

compreensão do que é o homem implica considerar o que se concebe por cultura.

Para Geertz (1989), a cultura corresponde a um conjunto de mecanismos de controle do qual o homem depende para ajustar seu comportamento, ou seja, para regular sua inserção social. Segundo ele, a cultura corresponde à totalidade de símbolos significantes que se organizam em sistemas, correspondendo aos padrões culturais que regulam as ações. Entende que cada indivíduo imerso em sua cultura se apropria de estruturas simbólicas e se torna representante de suas especificidades, ou seja, cada grupo ou indivíduo enredado na teia simbólica, dela se apropria e faz suas escolhas.

Sob o ponto de vista de Bourdieu (2007, p. 208), a cultura “constitui um conjunto comum de esquemas fundamentais, previamente assimilados, e a partir dos quais se articula, segundo uma ‘arte da invenção’ análoga à da escrita musical, uma infinidade de esquemas particulares”.

Fato é que a cultura permeia, em nível local e global, todas as atitudes e relações humanas, gerando significados que nos transformam e transformam os outros e o impacto que lhe atribuímos não se restringe somente aos aspectos externos, mas, também, aos subjetivos, relacionados ao eu interno dos indivíduos.

Na perspectiva de Lévi-Strauss (2000), um sistema cultural é uma classificação que a cultura realiza sobre o mundo natural que a rodeia. Para ele, os sistemas culturais se articulam e convivem lado a lado, desempenhando seus papéis sem que um prevaleça sobre o outro. No entanto, acontece que, do contato entre sistemas, resultam mudanças de ambos e, muitas vezes, ocorre que um sistema cultural pode prevalecer sobre o outro, o que na Antropologia é conhecido como aculturação.

Tratada como elemento constitutivo dos diferentes sistemas sociais, a cultura que age por meio da linguagem, com seu aspecto funcional, constitutivo e independente, gera significados compartilhados socialmente que se traduzem em ações sociais em um processo dinâmico, amplo e complexo de interação e retroalimentação.

Segundo Hall (2007), os significados socialmente partilhados estão ligados à dimensão cultural ou discursiva da ação social ou da conduta humana, podendo-se dizer que a cultura é o meio pelo qual se exerce parte da regulação social.

Logo, as formas pelas quais significados culturais são produzidos fornecem importantes elementos à compreensão das ações sociais. Nesse sentido, a cultura, como conjunto de valores, conceitos e normas partilhados, é um meio regulador das ações e está inscrita e funcionando no interior do jogo do poder do qual todo grupo faz parte.

A cultura corresponde a um processo dinâmico por meio do qual os membros de uma comunidade compartilham valores comuns, ajustando-se e redefinindo seus papéis diante da comunidade, em função do compartilhamento desses valores. Por permear a subjetividade, engloba todos os empreendimentos humanos, constituindo-se em um instrumento de poder de amplo alcance.

Como combinação variável de restrições e liberdade, a regulação age submetendo os grupos a uma lógica particular, a do poder, ou melhor, a lógica daqueles que têm a possibilidade de moldar ou regular a cultura. De acordo com sua manifestação social, a regulação pode ser normativa, classificatória ou mudança cultural (Hall, 2007).

Segundo esse autor, a regulação normativa corresponde ao conjunto de ações internalizadas pelos membros de um grupo social e, por ser comum a todos, corresponde a ações previsíveis e regulares mediante as quais cada indivíduo é reconhecido como membro do grupo. Segundo Hall (2007, p. 23), a regulação normativa abarca o conjunto de “ações institucionalizadas, sedimentadas naquilo que em nossa cultura ‘é tido como certo’, o nosso *habitus*”.

Um segundo tipo de regulação é a classificatória. Ela se baseia na comparação que um grupo/indivíduo realiza sobre as condutas e práticas humanas tomando como referencial sua própria cultura. Esse tipo de regulação cultural, muitas vezes, favorece condutas e posições etnocêntricas.

No terceiro tipo de regulação, que se dá por meio da cultura, a mudança cultural, as motivações são alinhadas de modo que habilidades e interesses individuais convirjam para os objetivos da empresa, por exemplo. Nesse tipo, objetivos e metas pessoais internalizadas tornam-se por extensão os da empresa, tratando-se de um tipo de autorregulação cultural por trabalhar mudanças psíquicas profundas que alteram a conduta pessoal e, correspondentemente, alteram significativamente a cultura.

Logo, as mais variadas perturbações introduzidas em uma matriz cultural confluem para a acomodação em um patamar diferente do anterior. Isso significa que a cultura é sensível e reativa aos estímulos que a atravessam, esboçando tanto um movimento interno sobre si quanto um externo, na forma de ação social, além do fato de ser a linguagem, com suas características de autonomia e heterogeneidade, um sistema simbólico.

A sociedade humana vive imersa na cultura. "Torna-se uma comunidade com identidade própria quando unida na e pela cultura" (SANTOS, 2009). A cultura representa a realidade criada pelo homem, sendo, assim, o inverso da natureza; Ela é fator distintivo do homem em relação às outras criaturas. É um patrimônio informacional constituído por saberes, valores, crenças, expectativas, ações e normas convencionais de um grupo. Exprime-se por diferentes formas culturais. "Nos nossos países temos três tipos de cultura, inimigas ou em estado de coexistência pacífica com conexões muito fracas entre elas" (MORIN, s/d). A essas culturas da nossa cultura - humanista, científica e cultura de massa - há a acrescentar a "cultura do fazer" - cultura técnica:

- A cultura humanista, para Morin, tem a ver com conhecimentos sobre o homem, a natureza, o mundo e a sociedade, e polariza-se à volta de problemas fundamentais que dão sentido à vida. Inscreve-se numa linha de pensamento e numa atitude ética e social que consagra o homem como um valor irredutível na sua singularidade. Teve o seu apogeu nos séculos XVII e XVIII.

- A cultura científica teve um desenvolvimento exponencial do século XIX à atualidade. Caracteriza-se por um conhecimento fortemente estruturado, que tem como exigência a necessidade de uma especialização cada vez maior e uma diferenciação de comunidades específicas no seio da sociedade. Essa especialização foi dando lugar a um esbatimento das questões-tipo da cultura humanista. À medida que a cultura científica foi evoluindo de um saber de natureza contemplativa para um saber operatório, reaproximou-se da cultura humanística, mas as tradicionais dificuldades de comunicação entre as duas culturas continuam profundas e complexas.

- A cultura de massa é a grande novidade cultural do séc. XX. Fruto da idade da mecanização, apresenta-se como uma "indústria cultural" (Horkheimer e Adorno, 2014, apud

CHICARINO, 2009). Não nasce espontaneamente das massas, mas é dirigida a uma grande massa humana. A cultura de massa evita temas controversos, impõe estereótipos e provoca uma adesão acrítica a valores impostos. Segundo Morin (s/d), "desenvolveu-se nos e pelos *mass media*, segundo uma dinâmica própria da sociedade moderna [...] a partir de um mercado aberto pelas técnicas de difusão massiva em que os produtos culturais foram propostos como mercadoria, segundo a lei da oferta e da procura". Encontrou grande oposição entre os defensores da cultura erudita, que a designam de contracultura. São, nas palavras de Sartre (1963, apud CHICARINO, 2009), "duas culturas inimigas". Tal como a cultura científica, a cultura de massa é constituída por uma enorme quantidade de informação que cresce incessante e constantemente. Porém, ao contrário daquela, não estrutura as informações em conceitos e teorias, pelo que se vai autodestruindo a si própria. Outra diferença assinalável é o seu consumo descontraído. Um consumo que não se adequa à reflexividade e que não discute o conhecimento de modo a poder incorporá-lo em experiências de vida. Permite a multiplicação dos objetos cognoscíveis, mas tem um fraco papel na redefinição do ser por meio do saber.

"O sujeito não se modifica pelo que conhece, ou melhor, pelo trabalho realizado para conhecer". "A escola, que desde sempre se considerou fiel depositária da cultura e do saber, juntou a essas reticências culturais, fortes reticências pedagógicas, quando pressentiu que os 'mass media' se tornou na outra escola - 'a escola paralela' - como significativamente passou a ser conhecida". Na contemporaneidade, em muitos casos, os caminhos percorridos pelas duas escolas continuam paralelos, ou porque os esforços feitos para que as paralelas se encontrem são muito reduzidos ou porque nem sempre são conduzidos da melhor forma.

- A "cultura do fazer" tem uma influência marcante na sociedade do conhecimento em que vivemos. Tem a ver com a tecnologia, com o know-how para utilizar caminhos, recursos e sistemas, no sentido de uma solução prática para problemas vivenciados. Integra saber-fazer e "discursos sobre a técnica". A ela associam-se artefatos, instrumentalidade, competências práticas e ação. "Visa, sobretudo, concretizar aspirações do Homem em nível pragmático: identificando necessidades, concebendo projetos para resolução de problemas práticos,

estudando os limites dessa resolução, resolvendo esses problemas e avaliando os resultados obtidos...". Para além de aspectos técnicos, comporta aspectos conceituais, culturais e organizacionais. Porém, não é da mesma natureza da cultura científica. Há laços de dependência mútua, mas não são uma mesma entidade. A evolução da ciência fez-se no sentido da abstração e da teoria, enquanto a da tecnologia se fez no sentido do concreto, da prática e da ação. Os modos de operar da ciência orientaram-se pelo desejo de conhecer e explicar e os da tecnologia pelo desejo de controlar e modificar. "Os conceitos da tecnologia, contrariamente aos das ciências, permanecem incompletos enquanto se ficam pelo abstrato".

Para Simondon (apud Santos, 2009), "a aparição das duas modalidades, uma teórica e outra prática, exprime a ruptura de uma unidade primeira que era ao mesmo tempo conhecimento e ação". A correlação entre a cultura científica e a cultura do fazer é fraca na fase artesanal da nossa história e forte nas fases industrial e pós-industrial.

Segundo Santos (2009), os laços que as unem estão estreitando-se cada vez mais, à medida que o aspecto operatório se tornou essencial à ciência. O cientista, na sua forma tradicional, tem como primeiro objetivo compreender o mundo - construir conceitos para esclarecer a humanidade.

O tecnólogo opera essencialmente no domínio da realização de ideias. Tem em vista a satisfação de necessidades humanas; centra-se no fazer, na ação, na transformação, na prática, nos artefatos (objetos técnicos). Apesar de ainda subsistirem diferenças, progressivamente a correlação entre fazer ciência e fazer tecnologia tem vindo a crescer. Podemos mesmo afirmar que, na atualidade, a ciência e a tecnologia são atividades humanas, profundamente enredadas.

Segundo Layton, essa correlação aumenta os processos da ciência pura para os processos da ciência aplicada, da ciência estratégica e da ciência industrial (1993, apud SANTOS, 2009). Foi quando o aspecto operatório se tornou essencial à ciência que as culturas científica e tecnológica se reaproximaram e que a ciência passou a ser designada de tecnociência. O projeto da tecnociência começou a construir-se partir do Renascimento e foi crescendo à medida que se foram estreitando os laços entre a ciência e a técnica. A maioria dos cientistas do século XVI é

técnica, como mostra a ciência de Copérnico, Galileu, Bacon e Descartes.

Porém, foi só no pós-guerra que o projeto da tecnociência ganhou corpo. Dele passou a decorrer uma orientação instrumental da investigação científica, uma investigação que tem como objetivo final a criação de produtos de mercado. Remetendo-nos para uma ciência utilitária, para uma ciência ligada à tecnologia pela necessidade de sucesso lucrativo, contribuiu para uma dialética entre conhecimento e produção. À medida que a cultura científica e a cultura do fazer se iam enredando, crescia o imperialismo cultural que a ciência foi conquistando a partir da Revolução Industrial.

2.1 A CIÊNCIA COMO CAMPO CULTURAL

A ciência enquanto produção humana vem sendo, ao longo do tempo, apresentada à sociedade como um ramo “especial” de trabalho, desvinculada, muitas vezes, das formas convencionais, como são reconhecidas as demais atividades.

Envolta em processos não totalmente conhecidos pela maioria das pessoas, a ciência segue no âmbito social como fazer específico, liberto, aparentemente, das amarras sociais e, portanto, isento de qualquer intervenção do mundo social. Internamente, porém, a ciência está assentada em um fluxo contínuo de disputas entre pares, no qual o questionamento e a dúvida são elementos importantes já incorporados na prática científica e nela os agentes se juntam através do processo de negociação. E, como lembra Latour, “não é de espantar, portanto, a abundância de provas da interferência de fatores sociais nas trocas cotidianas entre pesquisadores”... as ideias e os processos de pensamentos individuais resultam de uma forma particular de apresentação e de simplificação de toda uma série de condições sociais, materiais coletivas” (SANTOS, 1989, p.181-185)

O que faz o cientista é ampliar o entendimento da construção de um fato ou de um fenômeno e explicitar a origem

dos relatos sobre certas ideias, fatos ou fenômenos, mas não deixa de continuar sendo um indivíduo resultante de suas condições objetivas, apenas diferencia-se dos demais indivíduos, talvez porque objetiva seu pensamento em escritos, fórmulas e tecnologias.

Segundo Latour, “A forma como alguém teve uma ideia resume o processo de maneira altamente condensada, cientificamente entendida” (1981, apud SANTOS, 1989, p. 190). Essa é a contradição e, ao mesmo tempo, o laço entre a ciência e a cultura. Enquanto a ciência olha pelas lentes desta ou daquela área de conhecimento – a física, a biologia, a sociologia – a sociedade, de modo geral, age em consonância com a realidade que não se especifica em uma área e sim congrega todas as áreas de conhecimento em um ato, uma ação, uma reação.

Segundo Latour (1981), “o argumento de ‘realidade’ só pode ser usado para explicar o processo pelo qual o enunciado torna-se fato, uma vez que é somente depois que o enunciado se tornou um fato que surge o efeito de realidade.” (apud SANTOS, 1989, p. 199)

Nesse sentido, as proposições científicas, enunciadas em obras, comitês, dossiês, precisam extrapolar os laboratórios e tomar força de experimentação para incorporar-se como cultura em um determinado grupo, sociedade e/ou nação. Os pesquisadores são movidos a escrever artigos, constituir objetos, artefatos e para isso escolher um método, uma norma, uma forma de divulgar seus achados. Porém, o poder explicativo das normas nem sempre encontra ressonância na sociedade, pelo contrário, na maioria das vezes raramente encontra ecos imediatos.

Leva-se muito tempo para um enunciado científico tornar-se uma solução para um problema social, mesmo em dias de comunicação de massa em potencial, como ocorre nos tempos atuais com as Tecnologias de Comunicação Digital. Esse hiato rítmico, mesmo em tempos de transformações céleres, entre ciência e cultura, continua cada vez mais profundo. A credibilidade de um achado científico não só carece do reconhecimento dos pares da área de conhecimento, mas da efetividade de tornar-se fato de solução para uma determinada necessidade daquela sociedade para a qual foi endereçado. A noção de campo de Bourdieu rompe com concepções associadas

ao senso comum, ao propor que o campo científico, apesar de suas peculiaridades, também está sujeito às imposições ditadas pelo meio social, sendo afetado por elas, porém, de modo particular. Segundo Bonnewitz (2005, p. 60), para Bourdieu,

Em termos analíticos, um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação (situs) atual e potencial na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital) cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo e, ao mesmo tempo, por suas relações objetivas com outras posições (dominação, subordinação, homologia etc.). Nas sociedades altamente diferenciadas, o cosmos social é constituído do conjunto destes microcosmos sociais relativamente autônomos, espaços de relações objetivas que são o lugar de uma lógica e de uma necessidade específicas e irredutíveis às que regem os outros campos. Por exemplo, o campo, artístico, o campo religioso ou o campo econômico obedecem a lógicas diferentes.

O modelo de espaço social pluridimensional desenvolvido por Bourdieu foi influenciado pelas teorias de Marx e de Weber. Bourdieu (1989), considerando que toda sociedade tem no intercâmbio econômico seu princípio de funcionamento, propôs um modelo segundo o qual as diferenças entre classes foram substituídas por desigualdades de capital e em que o capital corresponde a posições específicas nesse campo científico.

Bourdieu distinguiu quatro tipos de capital: econômico, social, cultural e simbólico. O capital econômico está associado aos bens materiais e é base para a obtenção dos demais tipos de capital. O social compreende a rede de contatos do agente e sua extensão. Quanto mais longa for essa rede, maior será a possibilidade de expansão de poder e, conseqüentemente, maior será seu capital social. Adquirido por meio da socialização em

família e na escola, o capital cultural incorporado exige do agente conhecimento e qualidades que só podem ser conquistados ao longo do tempo. Ainda que, nesse tipo de capital, os bens materiais possam ser transferidos, como capital cultural objetivado, os conhecimentos necessários para usufruí-los não o são. Um terceiro tipo de capital cultural é o institucionalizado, assegurado por títulos acadêmicos e certificados escolares.

Quanto ao capital simbólico, refere-se ao prestígio alcançado por meio do reconhecimento e do respeito, ou seja, do reconhecimento do poder social do agente no campo. Ele envolve os capitais econômico, social e cultural e pode ser destruído facilmente pela desconfiança e pela crítica.

Segundo a perspectiva de Bourdieu (1989), o espaço social tridimensional é assim arranjado: na dimensão horizontal, os agentes são dispostos de acordo com o peso relativo dos capitais econômico e cultural de que dispõem. Verticalmente, estão posicionados segundo o volume de capital social, econômico e cultural possuído. A terceira dimensão, denominada trajetória, corresponde ao tempo necessário à acumulação do volume de capital. Por meio do posicionamento dos agentes no campo, é possível estimar tendências e preferências desses agentes, podendo-se obter um entendimento mais acurado de seus papéis de agentes imersos em um campo.

Nessa teoria, a noção de campo, especificamente o campo científico, corresponde a um “mundo social” no qual os agentes e as instituições se encontram desempenhando seus papéis de produção, reprodução e difusão.

Arranjados em posições estratégicas no campo, agentes e instituições travam intensas lutas pela transformação da configuração do campo, pois cada posição ocupada no campo corresponde, precisamente, a graus de liberdade que permitem ao seu detentor comandar pontos de vistas, intervenções científicas, lugares de publicação, temas de pesquisa, ou melhor, é a posição do agente no campo que determina, ou orienta, o que ele pode e não pode fazer.

A estrutura das relações objetivas entre agentes, comandada por suas posições no campo, é determinada pelo volume global de capital que cada agente possui, naquela fração de tempo considerada, em relação ao peso total do campo. Assim, cada agente do campo científico está sujeito a uma pressão variável exercida pela estrutura, que varia de acordo

com seu peso relativo, isso é, varia de acordo com o volume de capital de que o agente dispõe em relação aos demais agentes do campo. Ao peso relativo de cada agente corresponde seu capital de crédito científico, responsável pela possibilidade de submeter as forças do campo à sua vontade.

Espécie particular de capital simbólico, o capital científico está assentado no reconhecimento obtido junto aos pares-concorrentes acerca da competência científica de determinado agente que, na economia do campo científico, equivale à autoridade necessária para participar da definição das regras que comandam o campo. Logo, capital científico representa poder, conforme explicita Bourdieu:

O capital simbólico é uma propriedade qualquer – força física, riqueza, valor guerreiro – que, percebida pelos agentes sociais dotados de categorias de percepção e de avaliação que lhes permitem percebê-lo, conhecê-la e reconhecê-la, torna-se simbolicamente eficiente, como uma verdadeira força mágica: uma propriedade que, por responder às “expectativas coletivas”, socialmente constituídas, em relação às crenças, exerce uma espécie de ação à distância, sem contato físico (BOURDIEU, 1990, p. 170).

Como forma de poder que se exerce sobre os agentes do campo, o capital científico se constitui de duas formas: poder temporal ou político, ligado às posições institucionais e institucionalizadas de destaque dentro do campo científico e ao poder de comandar a reprodução no campo. Essa forma de capital é suscetível ao comando político e ideológico e traz para a instituição científica possibilidade de controle externo. O segundo tipo de poder que o capital científico pode assumir está vinculado ao reconhecimento científico do agente dentro desse campo. Esse tipo de capital, de difícil aquisição, pode ser assimilado à imagem idealizada da ciência, por sua imprecisão, e por possíveis características místicas atribuídas ao cientista. É vulnerável à contestação e à crítica, embora, estabelecido, possa levar, tardiamente, seu detentor à obtenção de poderes políticos e econômicos.

Essas duas formas de capital coexistem dentro do campo científico, mas é muito difícil ocorrer que um mesmo agente social detenha ambos.

Mas, além disso, os indivíduos têm, cada qual, um estilo de vida, ou melhor, esquemas de percepção, pensamento e reação que foram internalizados durante o processo de socialização desse indivíduo, ou seja, aquilo que Bourdieu chama de *habitus* ou gosto. *Habitus* ou gosto se define por um modo de linguagem. A objetividade científica esta enquadrada em uma determinada concepção ou paradigma, localizado e identificado pela comunidade que emite. E cada comunidade científica tem a sua ontologia de linguagem, cercada naquele campo, naquela abordagem.

Fourez (2002, p. 172) exemplifica,

Existe uma linguagem prévia a qualquer descrição, e é preciso acrescentar que também existe, prévia a qualquer objeto, uma estrutura organizada do mundo em que os objetos se inserem...o mundo se organiza em função de uma sociedade e os objetos se dão *em si*, porém tomam sentido e utilidade por uma maneira comum de os ver, de os descrever, de os utilizar é assim que os objetos tornam-se objetos. ...Se pretendo fazer de uma flor uma coisa diferente do que está previsto na minha cultura, dirão que sou louco.

A ciência é feita pelos homens, por isso se diz que a ciência humana tem uma base social histórica. Embora quando se diga saber científico universal, e está se referindo a um saber global, não deixa de carregar influência local, contextual. Ou seja, todo e qualquer cientista pertence a uma cultura, para a qual contribui. Só podemos verificar a credibilidade de uma teoria científica pelo nível de convicção que faz a sua inserção na comunidade, ou seja, credibilidade implica convicção. Teoria é uma forma de olhar o mundo por um determinado prisma, constituído por ideias pré-concebidas, concebidas, científica ou experiencialmente, e organizadas em representações, modelos, quer científicos ou não. Os processos científicos não são deduzidos de uma racionalidade universal – isso seria uma dissimulação ideológica. Mesmo que tentemos construir uma

ideia interdisciplinar de um determinado problema, em qualquer situação esses processos não deixam de ser resultados de interações sociais e não de absoluta racionalidade. “...historicamente, as ciências são fenômenos da sociedade” (FOUREZ, 2002, p. 185).

A possibilidade de divulgar conhecimentos científicos depende da estrutura deles. Alguns são mais fáceis, como aqueles que têm uma estrutura de saber operacional útil – artefatos tecnológicos, por exemplo. Já aqueles com estruturas mais complexas e abstratas tornam-se mais difíceis caso os endereçados já não tiverem algum conhecimento prévio. Então, a ligação do conhecimento científico e suas implicações culturais em uma determinada sociedade é determinada pelo estado sociocultural econômico dessa sociedade e pela forma como está estruturado esse conhecimento científico. Bourdieu denomina *habitus*, essa forma de ser e de agir dos indivíduos, perante os desafios de sua existência. *Habitus* corresponde a modelos estéticos, posições básicas associadas a juízos e ações que, tendo sido formados durante a socialização familiar do agente, permanecem como meio que ele aciona inconscientemente e que regula seu estilo de vida, suas escolhas, seus comprometimentos, suas “disposições do comportamento”. A noção de *habitus* de Bourdieu permite pensar o homem como um ser que, no aprendizado de normas e valores, vai se socializando. Para ele, no processo de socialização, ocorre a aquisição conjunta de normas e valores e, apesar de o agente ser livre e consciente, não escolhe consciente e arbitrariamente esse processo. A percepção do mundo social se dá em conformidade com as normas e o aspecto cognitivo caminha junto com o normativo. É a noção de *habitus* que garante a articulação entre o individual e o coletivo, pois o agente tanto produz quanto é produzido individual e coletivamente. Logo, o agente é o produto da estrutura, e a representação que ele constrói do mundo social se faz mediante a posição que ele ocupa no seu campo, e se constitui em aspectos cognitivos e valorativos.

Assim, da interação entre o *habitus* de cada agente e o capital científico que lhe é acessível e as condições específicas do seu campo resultam em práticas objetivas ou, dito de outra forma, em cultura. Associadas ao *habitus*, as práticas científicas são sistemas de disposições variáveis que sofrem a influência

das disciplinas e, também, da trajetória escolar ou inclusão social do agente. Dessa forma, o *habitus*, que começa como aquisição familiar, é retraduzido escolar e cientificamente, correspondendo ao sistema de disposições do agente.

Logo, os campos são subespaços dentro do espaço social, nos quais lutas posicionais, em torno de prestígio e reconhecimento, travam-se. Dentro da hierarquia social, também, essa busca por melhores posições se faz por meio de lutas objetivando poder necessário para definir e estabelecer regras que valham para todos. No momento que a posição do agente no campo muda, alteram-se, também, suas disposições, suas representações e seu *habitus*. E é essa mudança que permite romper com os ciclos de reproduções a que os agentes estariam inseridos, transformando suas crenças e seu modo de comportamento.

Na disputa acirrada por posições no campo, os agentes podem acionar recursos de outros campos. Assim, é comum agentes de um campo amealharem capital simbólico em campos externos aos seus para convertê-lo em ascensão posicional nos seus. Por conseguinte, a noção de campo rompe com a ideia de ciência autônoma e independente da lógica social e, também, com a ideia de comunidade científica coesa, homogênea, unificada e solidária. Ela criva os agentes de todos os campos com o social.

Ao longo do tempo, o trabalho do cientista vem sendo associado à profissão que exige intuição, olfato, sentido prático, disciplina e outras coisas mais, refletindo a afirmação de Latour (1997, p.182): “sempre existe a ideia de que há na ciência algo de particular, de estranho e de misterioso, que escapa às explicações construtivas ou materialistas”.

Contudo, todas essas características esbarram em requisitos que nem de longe lembram a objetividade e o racionalismo da ciência. Fazendo uma análise detalhada do campo científico, Bourdieu concluiu: “a visão escolástica da prática científica conduz a produção de uma espécie de ficção” (BOURDIEU, 2007, p. 74).

Para esse autor, a particularidade do campo científico reside no fato de que o *habitus* científico é uma teoria realizada e incorporada, cujo domínio dos esquemas e das estruturas, obtidos por meio da formalização matemática, “passa para as práticas em forma de ofício, de habilidade manual, de olho clínico

etc., não caindo em estado de metadiscurso a propósito das práticas”. (BOURDIEU, 2007, p. 76). Ainda reforça que “...o sábio é um campo científico feito homem, cujas estruturas cognitivas são homólogas da estrutura do campo e, por elas, ajustam-se de maneira constante as expectativas inscritas no campo” (BOURDIEU, 2007, p. 77).

Mas, como microcosmo social, o campo científico tem independência relativa e seu grau de autonomia está associado à sua capacidade de refratar as pressões externas da sociedade, ou seja, em seu potencial de retradução das pressões sociais. Quanto mais um campo bloqueia as pressões externas, pela retradução delas, mais o campo é autônomo e maior é seu poder de influenciar o espaço social. De forma contrária, a heteronomia representa uma flutuação do campo e sua sujeição ao controle externo.

Como a autonomia do campo nunca é total, as estratégias dos agentes do campo científico têm dimensão política e científica e o peso de cada uma delas varia de acordo com o grau de autonomia do campo. Assim, quanto mais um campo for autônomo, menores serão as interferências políticas e econômicas e, portanto, menor será sua sujeição às pressões externas.

Na perspectiva das transformações sociais introduzidas na matriz cultural pela ciência, a noção de campo, de Bourdieu (1989), compreende o trabalho científico como prática social peculiarizada por seus meios de validação e regulação, que incorre, de certa forma, como uma luta de poder, assim como pela disputa de presença política e econômica cultural.

2.1.1 Cultura Científica e Significação Social

Apesar de a ciência e a tecnologia estarem presentes em grande parte do cotidiano coletivo, o pouco interesse da sociedade por conhecimento científico estruturado permanece como um dos problemas de maior relevância para a educação em um país. Ainda que a demanda por conhecimento científico via informação midiática na sociedade seja grande, a motivação para a busca de conhecimento acadêmico, estruturado em bases científicas, é muito menor.

Se perguntássemos, por exemplo, aos nossos estudantes do Ensino Médio o que é Ciência e qual o seu papel,

provavelmente, suas respostas nos dariam indícios sobre o andamento do processo de ensino e aprendizagem deles, e, também, oferecer-nos-iam oportunidade para avaliar o impacto dos conhecimentos científicos e de perceber sua relevância em suas vidas. De fato, pouco se conhece sobre a ciência implicada nos produtos tecnológicos que utilizamos, a ponto de muitos acharem que ambas, tecnologia e ciência, são a mesma coisa, como ressaltam Andrade e Carvalho (2002, p. 162):

Além disso, quando os alunos e os demais participantes do ensino das disciplinas científicas identificam alguma relação entre Ciência e a sociedade, ela parece, geralmente, fundamentar-se em uma visão de que a dependência da sociedade em relação à Tecnologia é um aspecto natural. Parece não existir, por parte dessas pessoas, um reconhecimento adequado no que concerne à existência de intrínsecas e complexas relações tanto de dependência, como também de influência entre ciência, a tecnologia e a sociedade.

Essas pesquisas, também, apontam a fraca motivação dos estudantes para a aprendizagem dos conhecimentos científicos. Acredita-se que, quando os estudantes demonstram atitude negativa em relação à ciência, posicionando-se contrariamente ao conhecimento científico, seja por meio de atitudes inadequadas ou por meio de demonstração explícita em testes de conhecimento e outras formas, eles estão recusando, também, valores e outros conhecimentos sociais que compõem, em um dado contexto, a sua cultura. Essa atitude de muitos, não só estudantes, diante da ciência pode, também, estar ocultando o papel silencioso da ideologia que, ao invadir os espaços sociais, lança sua trama sobre todos, em particular sobre o espírito contestador do jovem para, na contradição, fincar sua base, podendo se ocultar sob o rótulo de mera indisciplina. Mas essas atitudes dos alunos podem ser vistas de outro modo, como provocações lançadas à sociedade com o intuito de fazê-la pensar nos porquês da situação. Por que os estudantes recusam o saber formal estruturado? Por que o número de pessoas que não sente a necessidade de buscar esse saber aumenta e invade, principalmente, o domínio jovem?

Se de um lado não há respostas precisas para essas questões, por outro não se pode negar que as facilidades da vida moderna, considerando-se o ambiente doméstico, o escolar, o de trabalho, o social das cidades, também têm contribuído para a manutenção dessa realidade, à medida que solicita dos usuários dos artefatos tecnológicos pouco conhecimento científico, isentando-os, cada vez mais, da necessidade de conhecer mais profundamente as coisas. Realidade, cuja alta sofisticação tecnológica fica encoberta até por um simples ato de apertar um botão, aliado, também, ao sucesso que os usuários experimentam ao os utilizarem, o que lhes transmite confiança e suposta conexão com o presente. Essa situação é ainda mais agravada pela forma como os meios de comunicação difundem a ciência e a propagam, esvaziando seus princípios de base e seus fundamentos.

Nesse sentido, a industrialização tem colaborado para que a confiança transmitida aos usuários, quando da utilização dos artefatos tecnológicos, alimente um condicionamento inconsciente, no qual a dúvida perdeu seu lugar e seu papel, pois o que se coloca em primeiro plano é satisfação derivada da eficiência do produto. Com isso, no cotidiano coletivo, o espaço reservado para questionamentos se vê, cada vez, mais reduzido. Essa restrição leva a pensar na ideologia e sua ação disseminadora de interesses, muitas vezes, alheias aos da maioria da sociedade e, em contrapartida, na forma como a sociedade participa de esquemas ideológicos cíclicos, realimentando-os.

A preocupação crescente com a relação entre ciência e cultura tem se manifestado, também, na forma de facilitação do acesso à ciência. Partindo, inicialmente, da adesão do agente difusor a um sistema conceitual que lhe é compatível, a ação de difusão, que veicula a relação entre ciência e cultura, tem sido definida de formas variadas, assim como nomeada. Nos EUA, recebe o nome de Alfabetização Científica; na Inglaterra, Compreensão Pública da Ciência e, na França, Cultura Científica, e no Brasil pouco se fala.

A primeira, a americana, delas enfatiza o conhecimento científico pela quantificação. A segunda abordagem, a inglesa, centraliza os processos de aquisição científica. E a terceira, a francesa, centra-se nas estruturas sociais ou nas instituições científicas. Todas essas abordagens se preocupam com a

relação entre ciência e cultura geral, no que diz respeito ao aporte de conhecimentos necessários ao entendimento e à participação social. Apesar de terem abordagens distintas, todas “as três definições partilham da convicção que não cientistas que vivem em uma cultura científica e tecnologicamente complexa, deveriam saber um pouco mais sobre ciência” (DURANT, 2005, p. 15).

Diante do exposto, podemos interpretar que a ampla acessibilidade à tecnologia e os efeitos transformacionais que ela projeta criaram uma categoria nova de conhecimentos entre a população que não os identifica nem com a ignorância nem, tampouco, com a sabedoria. A gama de conhecimentos científicos necessários para a compreensão dos equipamentos e das estruturas de funcionamento da atualidade exige do homem moderno conhecimentos plurais que, dificilmente, são adquiridos por uma só pessoa. Porém, isso não é justificativa suficiente para que se instaure um sentido de conformismo diante da carência de conhecimentos científicos e culturais não só de nossos estudantes, como da população em geral.

Segundo Lévy-Leblond (2005, p. 121),

Certo é que a maioria dessas capacidades resulta em um estado de práticas adquiridas e desconexas, sem integrar-se em um marco teórico e uma visão do mundo global, mas constituem conhecimentos eficazes nada desprezíveis e pertencentes a cultura comum.

Olhando de outra forma, vemos que os problemas sociais de natureza política, econômica e ecológica, diante dos quais nos deparamos, cotidianamente, solicitam de cada membro da comunidade global conhecimentos abrangentes que abarquem, além de conhecimentos científicos contextualizados, interações com outros campos e saberes, ou seja, o desvendamento da realidade requer cultura que não pode ser “fornecida” via recomendação que valha, indiscriminadamente, para todos.

De fato, a cultura científico-tecnológica, que trouxe a tendência à objetivação das coisas e, conseqüentemente, a minimização do caráter subjetivo, tem contribuído para o apagamento da cultura humanística, uma vez que a racionalidade da ciência tende a minimizar sua importância, com os critérios de

racionalidade científica, e o produto tecnológico permeando toda a sociedade e agindo, em muitos casos, a favor da exclusão do sujeito cognoscente. Essa realidade, assim colocada, é perigosa e pode induzir a uma visão distorcida de cultura científica, por levar a considerar que ambas as culturas, a humanística e a científica, são antagônicas, o que é errado, pois ambas são partes de um todo, da cultura, e, como tal, são complementares, implicando a impossibilidade de uma suprir todo o aporte de conhecimentos necessários à vida em sociedade, em detrimento da outra.

Segundo Fourez (2002, p. 234),

A distinção entre a ciência e a tecnologia toma sentido na diferença dos lugares sociais onde são aplicadas não necessariamente onde são produzidas. Os saberes científicos são aplicados em lugares restritos, laboratórios, instituições, comunidades científicas. Os saberes tecnológicos ou as ciências aplicadas são utilizadas na realidade social, ou no mundo exterior. Os dois tipos de saberes são, pois, sempre destinados a serem aplicados, porém em lugares diferentes, o que implica que as tecnológicas são confrontadas com uma complexidade bem maior do que as de laboratório, e utilizam-se bem mais como saberes informais.

Portanto, o conhecimento científico e a ciência não deveriam ser dissociados de sua dimensão cultural e social, contudo, parece não ser muito claro de que forma é dada essa associação. Além disso, é importante termos em mente qual o ponto de partida quando se discute essa associação. Como há diversas interpretações quando se fala em cultura científica, de acordo com Vogt (2003), é preciso entender pelo menos três possibilidades de sentido que se oferecem pela própria estrutura linguística da expressão:

- Cultura da ciência: (a) cultura gerada pela ciência; e a (b) cultura própria da ciência.
- Cultura pela ciência: (a) cultura por meio da ciência; e a (b) cultura a favor da ciência.

- Cultura para a ciência: (a) cultura voltada para a produção da ciência; e (b) cultura voltada para a socialização da ciência. (Vogt, 2003)

2.1.2 A Cultura da Ciência

A ideia abarcada sob o termo Alfabetização Científica foi utilizada pela primeira vez por John Dewey, em 1934, quando da publicação de um artigo intitulado *The Supreme Intellectual Obligation*, no qual ele considera que os jovens precisavam se preparar melhor para enfrentar, racionalmente, os problemas ao longo de suas vidas. Na mesma direção, para Miller (2005), os jovens deveriam adquirir uma “atitude científica”, durante seu período de instrução, que os ajudasse a pensar de modo racional sobre os problemas que surgiriam ao longo de sua vida.

Posteriormente, no final da década de 1950, em nível mundial, surgiu uma discussão sobre a conveniência de se buscar alfabetização científica para a maioria da população. Nos EUA, o sentimento de derrota frente à corrida espacial, durante a Guerra Fria, levou o governo a empreender uma avaliação sobre o nível de conhecimento dos americanos em ciências, concluindo, após essa avaliação diagnóstica, que os americanos, embora favoráveis a respeito da ciência, apresentavam poucos conhecimentos sobre ela.

Preocupados com essa realidade, a educação científica foi alçada à condição de item de segurança nacional, ganhando prioridade máxima. Assim, iniciativas no sentido de reverter o quadro de empobrecimento científico começaram a ser empreendidas e acompanhadas por pesquisas, sem que tivesse sido identificado aumento real na alfabetização científica americana.

A expressão alfabetização científica passou a ser usada há poucas décadas e corresponde a uma preocupação global com a relação entre ciência e cultura geral dos indivíduos, e se manifesta na disposição de oferecer ao cidadão melhor acesso à ciência. Essa preocupação se ancora na convicção da necessidade de enfrentar o mundo que se reconfigura, constantemente, em face ao avanço científico-tecnológico, característico do modelo social em andamento. As dificuldades impostas por essa realidade se materializam, com frequência, na criação de uma incerteza frente ao novo saber, período em que a

ciência está gestando novos conhecimentos, fase em que os cientistas ainda não são capazes de responder às indagações da sociedade, quando não existe, ainda, um “aconselhamento” seguro a oferecer. Esse momento de dúvida, de insegurança social diante da necessidade de efetuar escolhas, requer das pessoas, além de domínio dos conteúdos científicos, informações mais abrangentes, como sobre a ciência, enquanto processo humano de aquisição de conhecimentos.

Segundo Cerezo e Luján (2004), as razões para que a população adquira certo grau de cultura científica são várias, mas a dimensão política da ciência e da tecnologia é uma das principais. Eles afirmam, ainda, que, em 1972, quando da criação da OTA (Office of Technology Assessment), o congresso americano já havia demonstrado, por meio de Charles Mosser, congressista norte-americano, preocupação com o excesso de poder que estava sendo depositado nas mãos da ciência e da tecnologia, principalmente considerando-se a falta de informação específica dos congressistas americanos nesse campo do conhecimento.

Mas foi a Royal Society, em informe de 1985, que deu um passo importante ao se manifestar a favor de uma melhor compreensão pública da ciência, apresentando como argumentos que a prosperidade nacional, supostamente, seria beneficiada pelas novas tecnologias; a ciência e a tecnologia passariam a ser vistas com melhores olhos e, com isso, diminuiriam as resistências do público, haveria possibilidade de crescimento econômico; a qualidade das políticas públicas seria beneficiada; alcançar-se-ia maior poder de decisão em nível pessoal, com melhoria, também, das condições de vida da população que poderia usufruir o pensamento e a cultura científica contemporâneos. Porém, o que estava por trás dessas ideias era o conceito de cultura científica baseada em compreensão mínima dos principais resultados da ciência e da tecnologia e, também, do chamado método científico baseado na educação formal e na divulgação científica.

No ritmo dessa discussão sobre compreensão pública da ciência, em 1987, Hirsch e Trefil publicam um livro apresentando uma lista composta por cerca de cinco mil expressões científicas que foi, posteriormente, ampliada. Segundo eles, caso houvesse domínio desses termos, a compreensão da ciência estaria garantida.

Esse meio utilizado para capacitar os americanos em ciência, e que corresponde a uma definição de alfabetização científica baseada na ênfase da metodologia e nos fatos científicos, provoca um efeito desfavorável à aprendizagem da ciência pelo público, considera Durant (2005). Para ele, no momento do novo, da incerteza científica, no período de gestação das teorias científicas, é o conhecimento da ciência, por meio de seus mecanismos de produção, que pode ser útil para o leigo, isto é, a cultura científica que melhor pode ajudar.

Na Grã-Bretanha, a questão da alfabetização científica foi trazida à pauta por meio da publicação do relatório *The Public Understanding of Science*, pela Royal Society. O Bodmer Report, como ficou conhecido, concluiu que todos aqueles que desejassem sucesso social, econômico e financeiro no mundo moderno deveriam ter uma compreensão melhor da ciência. Esse documento, inclusive, apontava que a comunidade científica tinha a obrigação de se abrir para o público rompendo com o isolamento que caracterizou sua atitude em relação à sociedade.

Essas recomendações feitas pela Royal Society foram efetivadas mediante algumas ações como: criação de comitês e incentivo, por meio de órgãos competentes, ao financiamento de pesquisas que medissem o nível de conhecimento tecnológico e científico do público e envolvimento da mídia na divulgação da ciência. Foram criadas, também, jornadas da ciência, engenharia e tecnologia, com a participação da comunidade científica apresentando seus trabalhos. Mas, uma pesquisa conduzida pelo Economic and Research Council, órgão financiador de pesquisas, mantido pelo governo daquele país, demonstrou que o nível de conhecimento dos britânicos, mesmo após as intervenções recomendadas pelo Bodmer Report, continuava preocupante, com apenas 11% da população sabendo explicar o que significava estudar determinado assunto cientificamente.

Novo esforço, então, foi feito, com incentivo maciço à divulgação científica. Instituições acadêmicas, responsáveis por cursos de mestrado e bacharelado, tiveram seus trabalhos direcionados para esse campo, assim como houve treinamento para pesquisadores da pós-graduação. Até os cientistas foram incentivados a sair de seus laboratórios e a ir trabalhar na mídia em tempo integral, por um período, para ganhar experiência e fazer contatos convenientes para o futuro. O governo se envolveu na questão, recomendando a inclusão de técnicas de

comunicação nos cursos de doutorado. Decorridos 10 anos, após essa intensa mobilização da sociedade, as pesquisas continuavam a mostrar que quase nada havia se modificado em relação ao entendimento da ciência entre os britânicos.

Analisando a complexidade da questão, Milller (2005) considera que, no caso britânico, uma série de fatores pôde ser percebida ao longo desse período. Um deles foi o interesse da comunidade científica em controlar a definição de alfabetização científica, o que lhes possibilitaria definir as prioridades em ciência para o público, além de sustentar seus interesses. Outro ponto, reconhecido no processo britânico de compreensão pública da ciência, foi a identificação de que as estratégias utilizadas, pautadas nas indicações da comunidade científica, rotuladas de “modelo de déficit” da compreensão pública da ciência, em sua maioria, beneficiavam a própria comunidade científica, preocupada com as políticas públicas e com o encurtamento sucessivo do seu orçamento. Ridicularizado pelo público por não esconder pressupostos obscuros segundo os quais as pessoas eram identificadas a depósitos ocultos de informações, esse método faliu, deixando descobertos os achados da pesquisa histórica e sociológica que ele tentou encobrir, segundo a qual, o homem, como ser social, forma suas opiniões com base numa série de fatores, dos quais a ciência, com seus fatos e métodos, é apenas parte desse processo.

Paralelamente, no mesmo período, nos EUA, uma guerra interna havia se estabelecido, tendo a comunidade científica americana que se defender da redução de verbas, com conseqüente declínio no apoio do governo aos seus projetos e do avanço da direita religiosa, da investida construtivista que passou a discutir as bases sociais da credibilidade da ciência, em uma dura batalha entre ciência e anticiência. Para os ingleses, o resultado dessa luta foi uma mudança radical na posição da comunidade científica, com a Sociologia e a História despertando, na mente dos cientistas ingleses, a necessidade de se abrir ao público, como aponta o relatório enviado à Câmara dos Lordes:

(...) que o diálogo direto com o público deveria deixar de ser um acréscimo opcional à elaboração de políticas relacionadas à ciência (...) e tornar-se uma parte integrante e normal do processo”; “que os organismos de

assessoramento e de tomada de decisões nas áreas que envolvem ciência deveriam adotar uma posição de abertura”; e “que qualquer diálogo com o público deveria ser conduzido em boa fé, e que seus propósitos e, em particular, seu papel no processo de elaboração política deveriam ficar claros desde o início. (MILLER, 2005, p. 129).

Nos EUA, a consequência positiva desse período conflituoso foi a indicação de se combater a anti-ciência por meio da alfabetização científica.

Atualmente, essa perspectiva de a ciência se abrir ao público de forma a propiciar o entendimento do conhecimento necessário a uma prática social saudável está sob foco, na qual as características peculiares de cada contexto social não podem ser perdidas, pois elas refletem aspectos motivacionais importantes ao alcance de melhores patamares de entendimento, tanto da ciência pelo público, quanto do público pela ciência.

Para Durant (2005), alcançar alfabetização científica significa investir em estudos sobre formas de transmitir para o público em geral uma “imagem mais verdadeira da ciência”, em que aos cientistas não sejam atribuídas características próprias da ciência enquanto instância coletiva de produção de conhecimentos, já que as propostas de alfabetização científica, formal e informal, esbarram frequentemente na visão idealizada dos processos de pesquisa científica.

Nessa linha, poderíamos acrescentar que uma primeira barreira à alfabetização científica é a crença que apenas conteúdos científicos são suficientes para o entendimento da realidade. Essa posição corresponde à visão reducionista que deixa de levar em consideração a natureza social humana. Uma segunda barreira se constitui quando se tenta abordar a ciência a partir de um pretense método científico, resultado, também, infrutífero e impossível. Tratar a ciência como prática social, embora mais adequado, pode, do mesmo modo, representar perigo se características próprias da ciência forem tomadas como atributos pessoais dos cientistas. Wynne (2005) compara a aproximação entre ciência e sociedade a uma negociação, na qual fatores como dependência e autonomia precisam ser considerados, assim como as relações pessoais e de trabalho. Logo, o contexto cultural que envolve as pessoas é fator decisivo

para a ciência fazer sentido para elas, pois “a pesquisa mostra que as pessoas não usam, assimilam ou vivenciam a ciência separadamente de outros elementos de conhecimentos, julgamentos ou recomendações” (Wynne, 2005, p. 31, apud CHICARINO, 2009).

Para Lévy-Leblond (2005), a união entre ciência e cultura não pode mais aceitar que o conhecimento seja difundido a partir da comunidade científica, considerando, apenas, que é necessária uma ação no sentido contrário:

(...) a junção entre ciência e cultura não pode mais se limitar à difusão centrífuga do saber, mas está exigindo um movimento centrípeto: à ação cultural científica deve-se acrescentar, agora, uma reação de retorno sobre o próprio meio científico (apud CHICARINO, 2009, p. 70).

Mas a aproximação dos cientistas com a sociedade tem se restringido a ações localizadas, além de mobilizar uma pequena parcela da comunidade científica, geralmente, aquela em final de carreira. Daí decorre que eventuais documentos que expressem essa participação sejam pouco representativos para a própria comunidade científica, como assinala Miller (2005):

Uma proporção muito pequena da comunidade científica relevante está envolvida nas atividades mencionadas. Os documentos e recomendações muitas vezes permanecem exatamente isso: listas de desejos de cientistas seniores e membros do governo com pouca prática como soldados rasos (Apud CHICARINO, 2009, p. 115-116).

A divulgação científica, geralmente, é constituída de traduções e representações sistêmicas. O que as pessoas de modo geral precisam saber para participar de maneira significativa nos debates e decisões, sejam individuais ou coletivas, nem é tanto de dados técnicos especializados. A sociedade, de modo geral, no Brasil, principalmente, tem dificuldades para entender de dados técnicos descritivos, mas pode entender, e isto é suficiente, por exemplo, quais as reais propriedades dos alimentos para elaborar suas refeições de modo saudável. Ou conhecer as vulnerabilidades da segurança

nas usinas nucleares para não correr riscos evitáveis. Ou seja, como afirma Fourez (2002), para ser um indivíduo autônomo, um cidadão de direito e participativo, em uma sociedade altamente tecnicizada, precisa ser científica e tecnologicamente alfabetizado. No Brasil, a preocupação com a cultura da ciência é ainda um assunto que serve mais para ludibriar o cidadão, que para esclarecê-lo. Como afirma Azevedo (1963, p. 29),

É preciso, para compreendê-la e explicá-la, situar a cultura nacional no seu quadro geográfico, social e histórico, acompanhá-la nas diferentes etapas de sua evolução, nas suas orientações e tendências, para mostrar, em seguida, quais as instituições que se organizaram, prepostas ao fim de transmiti-la, já sistematizada, de geração para geração para assegurar a sua continuidade no tempo, a sua unidade, a sua difusão e os seus progressos.

A concepção de Ciência que embasa este texto pressupõe que é construção humana para compreensão do mundo, e que sofre influências sociais, culturais, religiosas, políticas e econômicas. Se humana, não pode ser apresentada como verdade absoluta, neutra, imparcial, estática ou imutável, mas enquanto objeto sociocultural de uma determinada sociedade, portanto, uma produção histórico-cultural. E é a partir dessa visão que é abordada a Ciência, uma das representações da Cultura.

2.1.3 A Cultura para a Ciência ou a Ciência para a Cultura: uma Mutação Cultural. Do imperialismo cultural da Ciência   Ciência como Cultura

A  rea de ciência, tecnologia e inova o (CTI) fornece as principais respostas para construir a paz e para apoiar o desenvolvimento sustentável. Nós precisamos de uma ciência mais integrada para aperfeiçoar a gestão hídrica, assegurar o uso sustentável dos oceanos, proteger os ecossistemas e a biodiversidade,

enfrentar os desastres e a mudança climática, e promover a inovação.

BOKOVA, 2017³

Cada dia torna-se mais necessário juntar às exigências do desenvolvimento científico a necessidade do aprofundamento de uma autêntica cultura científica, fundada na visão da ciência como cultura e não apenas como um conjunto de saberes especializados produtores de teorias e metodologias que, eventualmente, venham a ter uma aplicação útil. (SANTOS, 2009)

Para Santos (2009), as mudanças epistemológicas e socioculturais da atualidade que implicam novas perspectivas para a compreensão do mundo são amplas, profundas e diversificadas, de tal forma que podem ser caracterizadas como uma mutação cultural. Diante dessa complexidade, a ciência, passo a passo, assume um protagonismo que, de modo profundo, atua sobre o cotidiano, em um movimento de reconstrução.

Vale lembrar que essas mudanças não estão restritas a reconstruções dos ambientes natural e cultural. O comportamento e o pensamento das pessoas são influenciados, englobando, mesmo, mudanças na percepção do próprio eu, conforme Latour (2011).

Na sequência, é apresentada uma breve síntese reflexiva sobre o campo epistemológico da produção da ciência, que nos permite identificar alguns marcos históricos da sua evolução, baseada em Santos (2009). Para a autora, “a concepção dominante da ciência até o Renascimento corresponde a uma representação teórica de tipo discursivo (p. 4)”. A ciência moderna, oriunda dos processos ocorridos no século XVII, “produziu valores e teorias científicas que entraram em conflito com valores, princípios e teorias prevaletentes na época (p. 5)”.

Para Santos (2009), esse novo campo epistemológico foi “dominado pelo ‘culto da razão’ e, também, foi influenciado pela emergência da ‘cidadania oitocentista’”. Para a autora, “para além

³ Mensagem de Irina Bokova, diretora-geral da UNESCO, por ocasião do Dia Mundial da Ciência para a Paz e o Desenvolvimento, 10 de novembro 2017 Disponível em: <<https://en.unesco.org/world-science-day>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

de processos internos a cada ciência, a ciência moderna foi bastante condicionada por contextos sociais e políticos.” (p. 45)

Já no século XX, novas transformações aconteceram no âmbito da produção do conhecimento científico. São possíveis de elencar as seguintes mudanças:

- Diminuição do caráter dogmático;
- Estreitamento da relação com a técnica, com a sociedade, com as questões éticas, com os valores sociais, com as estruturas de comunicação, além das estruturas de poder;
- As políticas de investigação, segundo Santos (2009), centraram-se na construção de projetos estruturados, como ciência aplicada, operando em contextos técnicos, sociais, culturais, políticos e militares;
- Ampliação dos trabalhos de pesquisa em equipes, com a ampliação das conexões entre a ciência, a tecnologia e a “reflexibilidade social” (SANTOS, 2009).

Essas mudanças (outras poderiam ser elencadas) influenciam sobremaneira na estruturação da compreensão do que seja a ciência, assim como da forma como ela é produzida e disseminada, alterando a sociedade da mesma forma que é alterada. As exigências do desenvolvimento científico e tecnológico, nesse contexto, devem ser somadas ao “aprofundamento de uma autêntica cultura científica”, segundo Santos (2009). Cultura Científica alicerçada no pressuposto da Ciência como Cultura.

2.1.4 A Ciência como Cultura

Podemos compreender a ciência como cultura sendo uma “ciência em perspectiva”, que abre caminho a uma ciência radicada numa solidariedade de saberes e de racionalidades, segundo Santos (2005). A ciência como cultura é capaz de travar discussões com o global, mas tendo como referência a realidade local, de estimular diluição das fronteiras entre academia e sociedade, além de reconhecer os saberes tradicionais e empíricos, para a construção de uma ciência cidadã, conforme Irwin (1998).

Santos (2009, p. 4) traz uma analogia muito interessante ao apresentar as possibilidades para a construção da ciência cidadã, numa perspectiva de ciência como cultura: Pontes. Para a autora, faz-se necessário erguer uma ponte:

em termos culturais, da comunidade científica para o cidadão comum - uma ponte ajustada ao exercício da cidadania que interligue cultura científica, cultura do fazer, cultura humanística e cultura de massa.

Para além da dimensão cognitiva, a ciência como cultura estabelece a importância do sentir e do querer (dimensões afetiva e volitiva, respectivamente), valorizando comportamentos da cultura humana, de tal forma que essa desempenhe um papel significativo, ademais da razão.

Aparentemente, uma perspectiva da ciência, que leva em conta os contextos e as pessoas, poderia ser consensual e desenvolvida sem obstáculos. Contudo, pela própria forma de entender a produção científica historicamente, alguns obstáculos podem ser observados.

Um deles diz respeito ao processo de aproximação da ciência com a tecnologia, de tal modo que a lógica do mercado tem ditado fortemente os caminhos das pesquisas e a percepção do que é relevante ou não para ser investido. Um segundo obstáculo pode ser percebido pela “acentuada assimetria cognitiva entre a capacidade de agir e a capacidade de prever, é outro obstáculo epistemológico à ciência como cultura”, segundo Santos (2009). Para a autora, a “ciência moderna tem vindo a aumentar de forma exponencial e sem precedentes a nossa capacidade de ação sem a acompanhar de uma correspondente capacidade de prever” (p. 4).

Por fim, a compreensão da ciência como cultura está apoiada em um paradigma emergente, que se caracteriza pelo reencontro da ciência com o senso comum, trilhando caminho inverso ao estabelecido pelo paradigma da ciência moderna.

Segundo Santos (2009),

Encarar a ciência como uma parte fundamental da cultura contemporânea - patrimônio cultural da humanidade - implica reconhecer que a ciência e a tecnologia são valiosos empreendimentos humanos, apreciar as suas possibilidades e valores, mas também os seus limites. A necessária consciência dos limites e 'impurezas' da ciência não impede o reconhecimento do valor e especificidades das diferentes

ciências historicamente constituídas. Não deve conduzir ao relaxamento na ordem e rigor do conhecimento científico.

A ciência como cultura abre as portas para a solidariedade entre saberes e de racionalidades, não sendo apenas a mixagem de abordagens, mas efetivamente a construção de junções transfronteiriças, unindo a comunidade científica e o cidadão comum, que passariam a interagir numa dimensão cognitiva (pensar), sem destacar-se das dimensões afetiva (sentir) e volitiva (querer).

Azevedo (1963, p. 28) afirma que

A educação, definida como o lugar da transmissão das tradições ou das consciências coletivas, o lugar da ação coercitiva que molda os indivíduos à imagem da sociedade, é *locus* em que pode ser apanhado o que caracteriza o coletivo na diversidade das civilizações brasileiras, portanto, é o lugar mais fértil para o estudo da cultura brasileira. A educação contém a essência da cultura porque é o que dela é perpetuado para que se garanta a existência da consciência coletiva - dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade - formando um sistema determinado que tem vida própria.

Nos dias atuais os modos de comunicação – redes sociais – implicam os espaços escolares e rompem com os tempos e procedimentos didáticos, requerendo outras formas de alfabetização. Instala-se outro modo de ser, de saber e de aprender, a cultura toma dimensão de cibercultura (CATAPAN, 2001).

Em decorrência das formas de comunicação digital, um dilúvio de informação tem gerado uma dispersão de estudos e objetos de pesquisa, sem que se caracterizem como uma fecundidade em relação à produção de ciência e cultura, pelo contrário, tem gerado maior dispersão e pulverização de tratados. Segundo Latour (2000, p. 35): “... as ciências e as tecnologias em estudos são os principais fatores desse crescimento desordenado de interesses e de métodos”.

A dispersão dos entendimentos que emolduram a temática Ciência, Tecnologia e Sociedade, precisa ainda da elaboração de

um material reunindo uma abordagem e um método mais adequados, para além das mazelas apenas ideológicas. Para esse escopo se faz necessário um conjunto de conceitos suficientemente consistente para suportar a polissemia, em se tratando de análise por narrativa, como é o caso aqui proposto. Olhar a relação de Ciência e Cultura passa pela relação Ciência e Tecnologia, embora nesse estudo não seja esse o foco. A questão é: Como se articulam Cultura e Ciência nos eventos da SBPC?

Considerando que a SBPC é um dos comitês científicos mais consistentes e contínuos dentro da comunidade científica do Brasil, o desafio de verificar como as suas divulgações científicas promovem uma determinada cultura na sociedade é bem relevante e inédito.

3. A SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA - SBPC

Eu acredito no Brasil, de verdade. O que eu puder fazer para reverter essa situação de falta de perspectiva, eu vou fazer, vou continuar lutando. Nosso povo é ávido por conhecer, por aprender.

Helena Nader⁴

A SBPC é uma entidade que congrega centenas de outras entidades científicas específicas, tendo sido criada em 8 de julho de 1948. Naquele ano, um grupo de cientistas, reunido no auditório da Associação Paulista de Medicina, decidiu fundar uma Sociedade para o Progresso da Ciência, nos moldes das que já existiam em outros países. Era o período final da Segunda Guerra Mundial e objetivavam incentivar e divulgar a ciência para promover o desenvolvimento social e econômico.

Já existiam outras associações científicas brasileiras, como a Academia Brasileira de Ciências (ABC), sendo, contudo, associações profissionais, exclusivas aos cientistas. A SBPC, por seu turno, foi uma sociedade instituída, não como associação profissional, mas aberta ao público, a todos os que se interessassem em apoiar e debater a dimensão da ciência como cultura.

Esse perfil institucional de divulgadora do conhecimento está marcado em sua missão, ao afirmar que almeja “promover a disseminação do conhecimento científico por meio de ações de divulgação da ciência. “Também, quanto aos valores institucionais, está explícito o compromisso de buscar “o amplo acesso público à divulgação da ciência e da tecnologia e das políticas públicas do setor.”⁵

A SBPC possui sede em São Paulo (SP), mas mantém presença nacional por meio de Secretarias Regionais. Idealizada para representar a ciência nacional como um todo, mais de 100 sociedades científicas estão vinculadas à SBPC, além dos seus

⁴ Morales e Mariuzzo, 2017.

⁵ SBPC, Portal SBPC. Missão, Visão e Valores. Disponível em: <<http://portal.sbpnet.org.br/a-sbpc/missao-visao-e-valores/>>. Acesso em: ago. 2017.

milhares sócios ativos, que compreendem pesquisadores, docentes, estudantes e cidadãos brasileiros interessados em ciência e tecnologia.

Essa sociedade científica participa ativamente de debates sobre questões que determinam os rumos das políticas de C&T e da educação no Brasil, o que pode ser observado pelo assento permanente no Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CCT), órgão consultivo do Governo Federal para definição das políticas e ações prioritárias no campo da C&T.

Mantém seus representantes oficiais em dezenas de conselhos e comissões governamentais:

- Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP);
- Comissão Nacional de Biodiversidade (CONABIO);
- Comissão Nacional do Programa Cerrado Sustentável (CONACER);
- Comitê Assessor da Política Nacional de Educação Ambiental (CA- PNEA-MMA);
- Comitê Científico do Programa Amazon FACE;
- Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (Ministério da Saúde);
- Comitê Nacional de Zonas úmidas (CNZU-MMA) - Área Zonas úmidas e Continentais;
- Comitê Orientador do Fundo Amazônia (COFA);
- Conselho Consultivo da Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP;
- Conselho de Administração do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM);
- Conselho de Administração do Museu da Amazônia (MUSA);
- Conselho de Gestão de Florestas Públicas (CGFLOP-MMA);
- Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN);
- Conselho Deliberativo do Fundo Nacional de Meio Ambiente (CD/FNMA);

- Conselho Diretor do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas – Rede Clima (MMA);
- Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA);
- Conselho Nacional de Imigração (CNIg);
- Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA);
- Conselho Nacional de Política Cultural (CNPIC);
- Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD);
- Conselho Nacional de Saúde (CNS);
- Conselho Superior da Agência Espacial Brasileira (AEB);
- Conselho Superior da Fundação CECIERJ;
- Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (EMBRAPII);
- Fundo Nacional Sobre Mudanças do Clima (FNMC);
- Instituto Nacional de Pesquisas Oceânicas e Hidroviárias (INPOH);
- Rede Nacional de Biotérios de Produção de Animais para Fins Científicos, Didáticos e Tecnológicos (REBIOTERIO);
- Rede Nordeste de Biotecnologia (RENORBIO).

Esta presença diversificada e marcante esteve instalada desde o início de sua fundação. Como dito, o fim da Segunda Guerra Mundial foi decisivo na intenção de incentivar a Ciência nacional, com vistas a promover o desenvolvimento social e econômico.

Segundo Fonseca (2012), a SBPC contava com 257 sócios em sua fundação, que foram multiplicados por vinte, ao longo de 20 anos, pois alcançou a marca de cinco mil associados. Nos anos 80, já contava com aproximadamente 16 mil integrantes. Fonseca (2012, p. 60) anota que se deu “o crescimento gradual ao longo dos primeiros 15 anos e a intensificação do crescimento, especialmente após 1968”. A autora relaciona o significativo aumento de sócios, nesse período, pelo motivo de a SBPC ser um dos poucos espaços propícios ao debate de temas

proibidos em outros, visto serem estes os anos mais duros da ditadura militar brasileira.⁶

3.1 AS REUNIÕES ANUAIS DA SBPC

Desde o princípio, a SBPC teve como ação principal, visando a seus objetivos, a realização de Reuniões Anuais (RA), entre seus membros e a sociedade, com caráter itinerante. Assim, desde o princípio, a SBPC advoga a importância de ser uma sociedade que, para além de reunir seus integrantes associados, tem a meta de estabelecer um vínculo especial com a sociedade.

As RAs acompanharam o crescimento do número de associados, tendo elas ampliado a participação do público em geral. Dados obtidos de Fonseca (2012) permitem elaborar o quadro sintético que segue.

Quadro 1 - RAs da SBPC: Média de participantes por período

Período	Média de participantes
1949 a 1961	300
1963 e 1974	1.300
1976 e 1984	4.100
1985 e 1988	5.450 inscritos e 9.500 participantes

Fonte: Fonseca, 2012, p. 61.

Além do aumento dos participantes, que nas últimas edições passou de 10 mil, a SBPC levantou outra importante meta. Ela estava vinculada à necessidade de ampliar a integração de cientistas das mais variadas cidades e regiões do Brasil. Daí surge a característica itinerante das RAs. Pela lista apresentada na sequência, pode-se perceber uma maior concentração das reuniões nas regiões Sul e Sudeste, em especial nos primeiros 30 anos de realização das RAs. Posteriormente, pode-se observar um incremento da presença das RAs nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

⁶ Fonseca, Marina Assis. ^[1] ^[2] Constituição de Valores de “Ciência e Cultura” no Brasil (1948-1988). Orientador: Bernardo Jefferson de Oliveira. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2012.

Quadro 2 - Relação das RAs da SBPC

Nº	Cidade e Estado	Ano	Região	Nº	Cidade e Estado	Ano	Região
1ª	Campinas/SP	1949	SE	36ª	São Paulo/SP	1984	SE
2ª	Curitiba/PR	1950	S	37ª	Belo Horizonte/MG	1985	SE
3ª	Belo Horizonte/MG	1951	SE	38ª	Curitiba/PR	1986	S
4ª	Porto Alegre/RS	1952	S	39ª	Brasília/DF	1987	CO
5ª	Curitiba/PR	1953	S	40ª	São Paulo/SP	1988	SE
6ª	Ribeirão Preto/SP	1954	SE	41ª	Fortaleza/CE	1989	NE
7ª	Recife/PE	1955	NE	42ª	Porto Alegre/RS	1990	S
8ª	Ouro Preto/MG	1956	SE	43ª	Rio de Janeiro/RJ	1991	SE
9ª	Rio de Janeiro/RJ	1957	SE	44ª	São Paulo/SP	1992	SE
10ª	São Paulo/SP	1958	SE	45ª	Recife/PE	1993	NE
11ª	Salvador/BA	1959	NE	46ª	Vitória/ES	1994	SE
12ª	Piracicaba/SP	1960	SE	47ª	São Luís/MA	1995	NE
13ª	Poços de Caldas/MG	1961	SE	48ª	São Paulo/SP	1996	SE
14ª	Curitiba/PR	1962	S	49ª	Belo Horizonte/MG	1997	SE
15ª	Campinas/SP	1963	SE	50ª	Natal/RN	1998	NE
16ª	Ribeirão Preto/SP	1964	SE	51ª	Porto Alegre/RS	1999	S
17ª	Belo Horizonte/MG	1965	SE	52ª	Brasília/DF	2000	CO
18ª	Blumenau/SC	1966	S	53ª	Salvador/BA	2001	NE
19ª	Rio de Janeiro/RJ	1967	SE	54ª	Goiás/GO	2002	CO
20ª	São Paulo/SP	1968	SE	55ª	Recife/PE	2003	NE
21ª	Porto Alegre/RS	1969	S	56ª	Cuiabá/MT	2004	CO
22ª	Salvador/BA	1970	NE	57ª	Fortaleza/CE	2005	NE
23ª	Curitiba/PR	1971	S	58ª	Florianópolis/SC	2006	S
24ª	São Paulo/SP	1972	SE	59ª	Belém/PA	2007	N
25ª	Rio de Janeiro/RJ	1973	SE	60ª	Campinas/SP	2008	SE

26 ^a	Recife/PE	1974	NE	61 ^a	Manaus/AM	2009	N
27 ^a	Belo Horizonte/MG	1975	SE	62 ^a	Natal/RN	2010	NE
28 ^a	Brasília/DF	1976	CO	63 ^a	Goiás/GO	2011	CO
29 ^a	São Paulo/SP	1977	SE	64 ^a	São Luís/MA	2012	NE
30 ^a	São Paulo/SP	1978	SE	65 ^a	Recife/PE	2013	NE
31 ^a	Fortaleza/CE	1979	NE	66 ^a	Rio Branco/AC	2014	N
32 ^a	Rio de Janeiro/RJ	1980	SE	67 ^a	São Carlos/SP	2015	SE
33 ^a	Salvador/BA	1981	NE	68 ^a	Porto Seguro/BA	2016	NE
34 ^a	Campinas/SP	1982	SE	69 ^a	Belo Horizonte/MG	2017	SE
35 ^a	Belém/PA	1983	SE				

Fonte: Portal SBPC 2018.

Segundo publicado no site da SBPC, nos vinte anos iniciais (1950-70), as atividades da SBPC estiveram muito focadas na divulgação da ciência pura, com RAs apresentando as pesquisas realizadas com esse viés. Com o golpe e instauração do regime militar, a SBPC passou a realizar reuniões cujas temáticas eram altamente politizadas. Durante os 20 anos de governo militar (1964–1984), foram grandes as manifestações contra perseguições a professores, pesquisadores e estudantes, e contra interferências nos sistemas educacional e científico, que pudessem ferir a autonomia das universidades.

No ano de 2017, completam-se 69 RAs ininterruptas, que, como caravanas da ciência, passaram por praticamente todas as capitais dos estados brasileiros, assim como por cidades do interior deles. Independente da abrangência das reuniões, o objetivo posto é o de debater políticas públicas de Ciência e Tecnologia e difundir os avanços da ciência.

Os eventos de divulgação científica nos moldes das RAs da SBPC não são frequentes. Elas mobilizam muitas áreas do conhecimento, seus pesquisadores, estudantes e professores universitários. Contudo, as RAs, para além desses públicos vinculados à produção e disseminação dos conhecimentos acadêmicos, procuram estabelecer uma ligação com as comunidades próximas aos locais onde acontecem. Há, por parte dos organizadores, intensa campanha para agregar ao evento múltiplas atividades que estabeleçam contato direto da produção científica com o cotidiano, seja por meio exposições tecnológicas ou feiras de ciências.

Ao longo dos anos, a SBPC foi ocupando lugar de destaque, de tal modo, como apresenta Fonseca 2012, p. 206), que

A SBPC não precisava mais lutar tão arduamente pela conquista de espaço para a ciência, disputando-o com outras culturas, procurando distinguir-se delas. Não precisava mais tratar de sua superioridade ou marcar diferenças entre a ciência e a cultura humanista, religiosa ou artística. Com um lugar mais consolidado em meio à opinião pública, a SBPC procuraria, cada vez, mais mostrar-se integrada a outras culturas, cujas existências já não lhe ameaçavam.

A percepção de uma maior articulação da SBPC e suas RAs com as questões mais vinculadas ao social, pode ser observado na apresentação de Fonseca (2012, p. 207), quando fala que

José Reis há muito praticava esse discurso mais engajado e denominava as reuniões da SBPC de *universidade itinerante*. Com esse termo denotava o papel da entidade para o desenvolvimento do país, para a articulação da comunidade científica e para a popularização da ciência [...]. Intencionou-se que a relação “SBPC - Ciência e Sociedade” fosse ampliada, tanto nas temáticas tratadas, crescentemente interdisciplinares, como no alcance da influência da SBPC em debates de temas da interface ciência-tecnologia-sociedade.

Para Fonseca (2012, p. 208), a expansão da cultura científica foi propósito basilar da SBPC, aproximando-a de grupos diversos, como

com a chegada dos estudantes e com a grande acolhida aos cientistas das ciências humanas e sociais junto ao grupo que fora inicialmente mais restrito às ciências naturais, principalmente à física e à biologia. Essas foram aproximações mais consistentes e duradouras.

Esse movimento foi especialmente interessante para a ampliação da participação de público mais amplo nas RAs. Estudantes e cientistas de Humanas engrossaram o volume do público interessado nas discussões da SBPC. Para Fonseca (2012, p. 77), o “ano de 1974 foi considerado o marco da entrada das ciências sociais na SBPC, pelo número de participantes na Reunião Anual (RA), sobretudo de pessoas representativas das ciências humanas.”

Segundo Fonseca (2012, p. 209), a

SBPC atuou em diversas frentes para consolidar e ampliar a ciência como cultura. Essa era uma intenção declarada pela Sociedade desde sua fundação, e sua

definição como sociedade aberta aos *amigos da ciência*, que lhe permitiu crescer da forma como aconteceu nos anos da ditadura, fora mais uma conquista nesta proposição da SBPC, de expandir a ciência como cultura.

Assim, respaldada pelos seus ideais de origem e a crescente procura dos públicos científicos, escolarizados e o geral, a SBPC consolidou um modelo específico de RA.

3.2 A IDEALIZAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES ANUAIS

Para uma melhor compreensão de como as RAs são estruturadas, na sequência estão apresentados grupos e/ou setores envolvidos com elas.

Inicialmente, há a Diretoria da SBPC. Ela é formada por nove membros eleitos, para um mandato de dois anos, pelos sócios ativos que compõem sua Diretoria e conta com a contribuição do Conselho e das Secretarias Regionais.

Composição da Diretoria da SBPC:

- Presidente;
- Vice-Presidentes (dois);
- Secretário-Geral;
- Secretários (três);
- 1º Tesoureiro;
- 2º Tesoureiro.

Há, também, uma Secretaria Executiva, que funciona na Sede e Unidade Administrativa da SBPC, em São Paulo, capital. Essa secretaria atua, sob as diretrizes da Diretoria, na administração da SBPC e na organização de eventos, como as Reuniões Anuais. Nas Reuniões Anuais, a SBPC conta, ainda, com a participação especial de colaboradores externos.

Compreendem a Secretaria Executiva os seguintes setores:

- Secretaria da Diretoria e Cerimonial;
- Financeiro e Administrativo;
- Sociedades Associadas, Mídias Sociais e Sócios;

- Secretaria da Comissão de Programação Científica, Logística e Infraestrutura;
- Inscrições, Pôsteres e Jornada de Iniciação Científica;
- Tecnologia da Informação;
- Assessoria de Imprensa;
- Operação da Programação Científica.

São, assim, esses dois coletivos que constituem, para efeito de organização das RAs, a Comissão Executiva Central (CEC). A CEC atua em sincronia com a Comissão Executiva Local (CEL), organizada pela instituição que receberá a RA.

Comissão Executiva Central (CEC), organiza a RA da SBPC e supervisiona a Secretaria de Eventos. É formada pela Diretoria da SBPC, coordenada pelo Secretário-Geral, e conta com a participação dos Coordenadores da CEL.

Para as RAs, é constituída, também, a Comissão de Programação Científica (CPC), que faz a definição da programação científica, com pesquisadores indicados pelas CEC e CEL, oriundos da cidade-sede, da CEL e das diferentes áreas do conhecimento. A programação inclui atividades próprias da SBPC e propostas da instituição hospedeira do evento.

Finalmente, há a Secretaria de Eventos da SBPC (SE), que é responsável por atividades de credenciamento, organização de espaços, contatos com participantes etc. A SE fica estabelecida em São Paulo e é supervisionada pela CEC.

A cada ano, a Diretoria estabelece o modelo básico da RA, que, geralmente, possui pequenas diferenças em relação às edições anteriores. Nas 14 edições pesquisadas e analisadas, de 2014 a 2017, foram aplicados diferentes modelos de RA, sendo que na maioria deles quatro programações específicas foram replicadas, já oito outras estiveram presentes de forma irregular ou em poucas edições.

Para exemplificar melhor este ponto, é importante ter em mente o modelo geral de uma RA. Elas possuem um núcleo científico, organizado pela CPC, denominado de SBPC Sênior ou Programação Científica.

A Programação da SBPC Sênior conta com diferentes atividades, como Conferências; Mesas-redondas; Simpósios; Minicursos; Pôsteres; Sessões especiais; Encontros e

Assembleias. Essas atividades estiveram presentes como parte da SBPC Sênior em todas as RAs pesquisadas.

Há, também, atividades como Prêmios, Concursos, Ciência em Ebulição, Grupo de Trabalho, Comunicações Orais, Seminários, Debates e Ciclos de Conferências. Essas atividades, como já dito, não estão presentes em todas as 14 RAs investigadas.

Uma outra Programação presente nas RAs pesquisadas é a **SBPC Jovem**. Ela é uma programação cujas atividades são voltadas aos estudantes do Ensino Básico (Em especial, Fundamental II e Médio). O objetivo é promover o contato de crianças e jovens com o conhecimento científico e com os pesquisadores, para despertar o interesse pela ciência, tecnologia e inovação. Em duas edições, na 66ª e 67ª RA, foram introduzidas atividades específicas para crianças de Educação Infantil e do Ensino Fundamental I.

Da mesma forma que na Programação Sênior, a SBPC Jovem possui especificidades a cada ano, pois é organizada pela CEL, sob aval da CEC, o que, de acordo com a região onde a instituição hospedeira encontra-se, pode variar muito, por exemplo, com a inclusão ou não de conferências para professores, oficinas, brincadeiras etc. A marca principal da SBPC Jovem são os estandes interativos, com demonstrações e experimentações científicas.

A ExpoT&C, anteriormente denominada ExpoCiência (até 2005), é a programação que, em forma de feira, reúne uma mostra de ciência, tecnologia e inovação (C,T&I). Ela ocorre durante as Reuniões Anuais da SBPC e reúne centenas de expositores, como universidades, institutos de pesquisa, agências de fomento, entidades governamentais, setor empresarial e outras organizações.

A SBPC Cultural, por fim, é a programação composta de diversas manifestações artísticas e culturais que acontecem ao longo da Reunião Anual. Consiste na apresentação das mais variadas atividades culturais, com destaque para as expressões e valores artísticos locais e regionais. Essa atividade é organizada pela universidade que recebe o evento em parceria com outras instituições locais, respeitando os horários e os espaços físicos da Programação Científica. Dependendo da instituição hospedeira, contempla atividades como mesas-redondas, oficinas, minicursos entre outras.

As programações que não estiveram em todas as 14 edições pesquisadas foram:

- **Dia da Família na Ciência** - é uma atividade realizada no último dia das Reuniões Anuais e Regionais da SBPC, com a programação dirigida à interação com a comunidade, mostrando que a ciência faz parte do dia a dia das pessoas. O Dia da Família na Ciência, incluído, em 2014, na 66ª RA, como programação, é gratuito e aberto a todas as crianças, jovens e seus familiares.

- **SBPC Afro e Indígena:** é uma das atividades da Reunião Anual da SBPC, cuja programação é composta de conferências, mesas-redondas e atividades culturais, com o intuito de colocar em debate temas afro-indígenas do Brasil contemporâneo, além de reflexões sobre práticas científicas, conhecimentos tradicionais e ética em pesquisa de temas afro indígenas, articulados com toda a programação e atividades da reunião. Em determinadas edições, foi estruturada exclusivamente como SBPC Indígena.

- **SBPC Educação** – desde 2014, é composta por um conjunto de atividades que antecedem a Reunião Anual da SBPC, cujo foco são os educadores do ensino fundamental e médio da região. Organizada pela comissão executiva local da Reunião Anual, em parceria com a Secretaria de Estado de Educação e instituições locais, o encontro oferece aos educadores do ensino básico da região conferências, mesas-redondas e minicursos sobre temas de interesse.

- **SBPC Inovação** - conta com conferências e mesas-redondas referentes a projetos e realizações aos temas de Ciência, Tecnologia e Inovação de empresas, universidades, instituições de pesquisa e fomento e secretarias de governo. Seu objetivo é apresentar a interface entre a academia e o empresariado, empresas e laboratórios.

O quadro seguinte reúne as 14 RAs pesquisadas, apresentando a temática e as diferentes programações.

Quadro 3 - As RAs e as programações, de 2004 a 2017

RA/ANO	TEMA	PROGRAMAÇÕES
69ª - 2017	INOVAÇÃO - DIVERSIDADE - TRANSFORMAÇÕES	Programação Científica SBPC Jovem ExpoT&C Dia da Família na Ciência SBPC Cultura SBPC Inovação SBPC Afro e Indígena SBPC Educação
68ª - 2016	SUSTENTABILIDADE, TECNOLOGIAS E INTEGRAÇÃO SOCIAL	Programação Científica SBPC Jovem ExpoT&C Dia da Família na Ciência SBPC Cultural SBPC Inovação SBPC Indígena SBPC Educação
67ª - 2015	LUZ, CIÊNCIA E AÇÃO	Programação Científica SBPC Jovem ExpoT&C Dia da Família na Ciência SBPC Cultural SBPC Inovação SBPC Indígena
66ª - 2014	CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM UMA AMAZÔNIA SEM FRONTEIRAS	Programação Científica SBPC Jovem e Mirim ExpoT&C Dia da Família na Ciência SBPC Cultural SBPC Indígena SBPC Extrativista
65ª - 2013	CIÊNCIA PARA O NOVO BRASIL	Programação Científica SBPC Jovem e Mirim ExpoT&C SBPC Cultural SBPC Educação
64ª - 2012	CIÊNCIA, CULTURA E SABERES TRADICIONAIS PARA ENFRENTAR A POBREZA	Programação Científica SBPC Jovem ExpoT&C SBPC Cultural

63ª - 2011	CERRADO: ÁGUA, ALIMENTO E ENERGIA	Programação Científica SBPC Jovem ExpoT&C SBPC Cultural
62ª - 2010	CIÊNCIAS DO MAR: HERANÇA PARA O FUTURO	Programação Científica SBPC Jovem ExpoT&C SBPC Cultural
61ª - 2009	AMAZÔNIA: CIÊNCIA E CULTURA	Programação Científica SBPC Jovem ExpoT&C SBPC Cultural
60ª - 2008	ENERGIA – AMBIENTE – TECNOLOGIA	Programação Científica SBPC Jovem ExpoT&C SBPC Cultural
59ª - 2007	AMAZÔNIA: DESAFIO NACIONAL	Programação Científica SBPC Jovem ExpoT&C SBPC Cultural
58ª - 2006	SBPC&T SEMEANDO INTERDISCIPLINARIDADE	Programação Científica SBPC Jovem ExpoT&C SBPC Cultural
57ª - 2005	DO SERTÃO OLHANDO O MAR, CULTURA E CIÊNCIA	Programação Científica SBPC Jovem ExpoCiência SBPC Cultural
56ª - 2004	CIÊNCIA NA FRONTEIRA: ÉTICA E DESENVOLVIMENTO	Programação Científica SBPC Jovem ExpoCiência SBPC Cultural

Fonte: Elaboração do autor, 2018.

Apesar de estarem presentes nas 14 edições pesquisadas, a SBPC Jovem e a ExpoCiência/ExpoT&C foram introduzidas como programações em 1993, na 45ª Reunião Anual, na UFPE, em Recife/PE.

A forma como uma RA é estruturada pode ser um indicativo de como diferentes Diretorias, Conselhos e Secretarias (Executiva ou Regional) da SBPC compreendem os aspectos centrais da compreensão da relação entre Cultura e Ciência, assim como das Políticas de Produção e divulgação da Ciência e suas implicações na sociedade.

No próximo capítulo será apresentada a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, discorrendo sobre as narrativas e seu processo de coleta de dados, as Entrevistas Narrativas.

4. A METODOLOGIA

Esta pesquisa realizada insere-se no campo da Pesquisa Descritiva e Qualitativa. Os métodos básicos de abordagem ao objeto, neste estudo, foram a análise documental e, principalmente, as ENs.

Pelas ENs, as experiências revividas pelos entrevistados apresentaram uma gama de percepções acerca das RAs. Foram realizadas ENs com seis participantes da SBPC, escolhidos por serem participantes regulares e por desempenharem diferentes funções: na diretoria, na secretaria ou como expectadores nos eventos.

Como já mencionado, além das ENs, outras duas fontes fazem parte do contraponto desta pesquisa para desenhar-lhe a moldura e delimitar o escopo: o mapeamento da organização e das temáticas das 14 RAs (ocorridas entre 2004 e 2017) e a descrição do perfil da publicação periódica organizada pela SBPC denominada Ciência e Cultura. Os olhares cuidadosos sobre essas fontes são organizados em forma de Matriz Dialógica Problematizadora, propiciando uma leitura das marcas e evidências culturais tintadas pelos eventos realizados pela SBPC na cultura brasileira.

Por meio de dados e informações organizadas em diferentes meios pela SBPC, como o Portal principal (portal.sbpcnet.org.br) e outros endereços acessados por meio de links específicos constantes nele, foi estruturada a pesquisa documental, que objetivou identificar nos arquivos das RAs e nos arquivos da revista Ciência e Cultura elementos que subsidiassem a discussão acerca da relação estabelecida pela SBPC da Cultura com a Ciência.

Esse tipo de abordagem pressupõe um envolvimento histórico-social do pesquisador e dos entrevistados, sendo que este pesquisador é um participante ativo e contínuo das RAs. Como está narrado no prenúncio, a participação deste pesquisador, até o momento, soma 17 anos, como organizador convidado nas RAs. A trajetória se inicia em 2001, no evento ocorrido na Universidade Federal da Bahia, em Salvador, e tem continuidade na participação recente, em julho de 2017, em Belo Horizonte.

4.1 A ABORDAGEM POR NARRATIVAS

Em pesquisa qualitativa, as fontes funcionam de diferentes maneiras, dependendo do propósito da pesquisa, do contexto e das buscas pretendidas. Pode-se pensar em dados conceituais e informacionais. Os conceituais são aquelas unidades de informação utilizadas para conceituar o projeto em si, para definir sua moldura teórica e indicar a melhor forma de abordagem do objeto. Quando se trata de coletas de dados de informantes, essas coletas podem ser feitas por meio de formulários, por entrevistas ou ainda por narrativas. As narrativas podem ser colhidas em textos escritos ou em áudios e vídeos, ou ambos (LANKSHEAR & KNOBLEL, 2008).

Mesmo que pareça, não é recente a utilização de narrativas como fontes de pesquisa, pois já eram comuns com os primeiros gregos, especialmente com a Poética de Aristóteles. Segundo Campos (2015, p. 23),

...na contemporaneidade, a Sociologia, a História, a Filosofia, a Psicologia e a Antropologia foram as primeiras Ciências a utilizarem as narrativas em seus campos de estudo, mas logo outras tornaram-se populares em outras áreas de estudo.

A narrativa permite que aquele que narra apoie-se sobre ela, que interprete, que (res) signifique, ou seja, que se implique, usando-a deliberadamente para reconstruções a cada nova vez. A narrativa é, desse modo, intrigante e reinterpretaiva, inclusive pelas possíveis trocas com outras narrativas e, ainda, auxilia na sistematização das experiências nos contextos sociais e educacionais, ajudando a entender como produzimos saberes e como os transmitimos, visto que

[...] se entendemos o mundo de forma narrativa, [...] então faz sentido estudá-lo de forma narrativa. Para nós, a vida- como ela é para nós e para os outros - é preenchida por fragmentos narrativos, decretados em momentos históricos de tempo e espaço, e refletidos e entendidos em termos de unidades narrativas e descontinuidades. (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p. 48):

Esses autores alertam para a questão da transição dos textos de campo para os textos da pesquisa em si. Os textos de campo funcionam como sinalizadores do que circunstancialmente se instalou nos narradores, e são fundamentais nesta investigação que busca identificar qual a contribuição científico-cultural das RAs. O pesquisador precisa ter ciência de que é uma investigação eivada de incertezas, pois tem como objeto de observação a percepção de pessoas, de lugares e de coisas que estão em célere transformação. Então, entre o texto de campo e o texto da pesquisa, há que se considerar essa dinâmica, essa fluidez que não se enquadra em uma análise de verificação no modo tradicional. A forma oral de comunicação gera novos significados, ressignifica, para a vida, o tempo transcorrido, e ao mesmo tempo traz à tona o passado das pessoas, por meio de suas próprias palavras.

Segundo Bauer e Gakel (2003, p. 91) "não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa". Essa é uma grande vantagem no método, de se utilizar narrativas em pesquisas de caráter sociocultural. Nós, os humanos, somos narradores durante nossa vida. Atentando ao nosso cotidiano, podemos ver que de alguma forma narramos. Narramos quando relatamos para alguém os fatos cotidianos, corriqueiros. Narramos nossos feitos, como maior ou menor orgulho. Narramos fenômenos. A partir dessas afirmativas é possível dizer, então, que toda a produção científica prescinde de uma narrativa.

Ao vivenciarmos ou experimentarmos fenômenos em nossas pesquisas científicas, para a socialização dos dados coletados e/ou analisados, fazemos uso de uma modalidade de texto, dita texto científico. As narrativas possuem singularidades, mas que não deixam de ser a fala, escrita ou gravada dos sujeitos. Ou seja, as percepções narradas têm uma relevância de sentido estritamente subjetivo, pois não são encontradas em qualquer documento.

A narrativa é, pois, inerente aos humanos em sua comunicação, mas que é única do indivíduo. Além da especificidade da narrativa pessoal, é possível de se pensar no quanto o entrevistador poderia influenciar na narrativa do entrevistado. Por isso a expressa indicação para a mínima influência durante as falas. Bauer e Jovchelovitch (2002) alertam, também, para a importância de o entrevistador utilizar apenas a

linguagem que o narrador faz uso, sem procurar sobrepor a sua em relação a quaisquer formas. Esse princípio metodológico parte do pressuposto de que o entrevistado tende a ser mais espontâneo quando usa linguagem coloquial, tornando a narrativa mais rica.

Segundo Ducrot (1981), a narrativa implica uma posição de participação assumida pelo pesquisador, em face da vida e dos problemas da sociedade. Nesse sentido, há engajamento entre os interlocutores. Desse modo, diverge da descrição da realidade como método de pesquisa convencional. O vivido emerge como uma história, que vai sendo narrativamente explicitada, mas, pela presença do outro, e pelo pesquisador, acaba por ser repensada, interagindo com a linguagem desse ouvinte. Esse processo de contar, de ler o outro, de recontar, estabelece para as ENs uma marca bastante colaborativa.

A leitura das narrativas considera não apenas o que foi dito, mas como foi dito e o que não foi dito, mas pode ser lido em outras formas de expressão, por diferentes formas de observação, a partir de documentos, imagens, entre outras formas (Ducrot, 1981).

A Entrevista Narrativa (EN) alia o termo Entrevista com o Narrativa, palavra derivada da língua latina, *narrare*, que significa relatar, contar uma história. Narrativa de pesquisa, utilizada como técnica de coleta e análise de pesquisa, é um processo que considera a percepção dos entrevistados a partir de seu envolvimento com o fato investigado.

Segundo Bauer e Jovchelovitch (2002), a EN, sistematizada por Schütze (2011), estimula quem vai ser entrevistado a narrar episódios importantes da vida, configurando-se esse ato de contar/narrar e escutar histórias em um método para atingir seus objetivos. Nesse sentido, a narrativa é incitada por questões específicas, a partir do momento em que o narrador começa a contar sua história, conservando ele próprio a fluência da narrativa. As ENs

combinam histórias de vida a contextos sócio-históricos, ao mesmo tempo que as narrativas revelam experiências individuais e podem lançar luz sobre as identidades dos indivíduos e as imagens que eles têm de si mesmos, são também constitutivas de fenômenos sociohistóricos específicos nos

quais as biografias se enraízam.”
(MUYLAERT, 2014, p.194)

As ENs, como forma de pesquisa, podem ser justificadas pela necessidade de o pesquisador ampliar a compreensão acerca dos esquemas conceituais utilizados pelas pessoas para relatarem suas experiências de vida. Busca-se, dessa forma, tornar mais clara a relação do indivíduo singular com os eventos complexos da sociedade. Segundo Bauer e Jovchelovitch (2002), fazendo uso de narrativas como fonte da pesquisa social, é possível esclarecer como determinadas ações são projetadas, executadas e retrospectivamente acessadas pelos indivíduos, e, ainda, compreender os motivos que os levaram a essas ações.

Desse modo, a EN permite ao narrador contar a história sobre algum acontecimento relevante de sua vida e do contexto do qual faz parte: “[...] sua ideia básica é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível” (BAUER e JOVCHELOVITCH, 2002, p. 93).

Essa técnica de pesquisa de cunho qualitativo, denominada não estruturada, contrapõe-se ao tradicional modelo pergunta-resposta da grande maioria das entrevistas que definem a estrutura das entrevistas, ordena as perguntas e as faz a partir de seu próprio vocabulário.

Podemos caracterizar as ENs como ferramentas de pesquisa que, mesmo de modo desestruturado, buscam fazer emergir histórias de vida. Tem-se evidenciado crescente número de pesquisas com o uso das ENs, em especial nas de cunho sociológico. Isto porque elas permitem maior aprofundamento em determinados aspectos das histórias de vida do entrevistado, ou mesmo de em um contexto situacional, que são de interesse do pesquisador.

A EN, como instrumento utilizado para a coleta de dados, está baseada nas orientações de Jovchelovitch e Bauer (2002). Na entrevista, o sujeito relata sobre os acontecimentos que considera importantes, sendo, nesse caso, relacionados às suas participações nas RAs da SBPC. Há, por conta do método, o encorajamento e a estimulação do entrevistado para que torne público aquelas vivências relevantes. O intento da escuta dessas passagens do narrador é reconstruir acontecimentos sociais, como as RAs da SBPC, sob o foco deles.

As Ens representam, portanto, uma possibilidade de produzir outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades, do cotidiano dos sujeitos e suas práticas e inter-relacionamentos com o objeto pesquisado.

Bauer e Jovchelovitch (2002) defendem que existe uma estrutura na narrativa, que eles chamam de paradoxo da narração, a qual se consubstancia nas exigências das regras implícitas que permitem o contar histórias. Portanto, faz-se necessário estabelecer a EN como técnica de entrevistas, com regras claras, por exemplo: como ativar o esquema da história; como incitar as narrações dos entrevistados; e depois de iniciada a narrativa, conservar a narração, seguindo a mobilização do esquema autogerador.

O ato de rememorar e a narração da experiência vivenciada de forma sequencial permitem acessar as perspectivas particulares de sujeitos de forma natural. A EN, como proposta por Schütze (2011), compreende etapas ordenadas, entre as quais podem-se destacar três principais. Todas as entrevistas deverão iniciar com uma pergunta narrativa orientada autobiograficamente, formulada de forma a abordar toda a trajetória de vida do sujeito pesquisado, ou parte da história de vida, a depender do interesse e do objeto de estudo do pesquisador.

Nessa primeira etapa, a produção da narrativa não poderá ser interrompida; a inserção de novo questionamento somente poderá ser realizada após a indicação de uma coda narrativa. A segunda etapa da EN é dedicada à exploração do potencial narrativo dos temas transversais e fragmentos narrativos expostos de forma resumida na primeira parte da entrevista. Após a explanação do informante, o pesquisador poderá intervir de forma a auxiliar na complementação.

Nesses casos, Schütze (2011, p. 212) sugere a utilização de expressões como: “Sim, e, então, não consegui acompanhar o restante. Será que poderia, a partir deste ponto, contar mais uma vez?”. Porém, a terceira etapa da EN objetiva a descrição abstrata de situações, percursos e contextos que se repetem. Nessa etapa incentivam-se respostas argumentativas às perguntas do tipo “por quê?“, ou seja, perguntas que instiguem o informante a verbalizar explicações subjetivas sobre eventos de sua trajetória.

E compreensível que do trabalho com a EN emergirão

dimensões nem sempre previstas pelo pesquisador; no entanto, ao eleger a EN, é necessário que o entrevistador tenha o domínio da técnica e de suas particularidades. Na fase de preparação, é fundamental o conhecimento do campo da pesquisa empírica, seguida da elaboração das questões que lhe interessam enquanto pesquisador e que tenham relação com o objeto de estudo. Na fase de iniciação, o pesquisador apresenta uma questão gerativa narrativa que seja clara e específica, que estimule uma narração extemporânea, e não respostas pontuais, podendo fazer uso de alguns dispositivos de memória.

As memórias individuais colhidas, sistematizadas e tornadas públicas por investigadores das Ciências Sociais não são grande novidade, contudo, vem crescendo o número de trabalhos com as narrativas dos sujeitos como possibilidade de produção do conhecimento. Nóvoa (2000, p.18) nos dá uma pista sobre esse fenômeno ao afirmar que a utilização de "abordagens (auto)biográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico".

Na pesquisa que se vale da narrativa como base, três dimensões podem ser consideradas: a temporalidade/continuidade, as relações pessoais/sociais, e lugar/posição. As narrativas dos sujeitos abarcam essa tridimensionalidade. Cada narrador situa a época do acontecimento, referenciando-o com o presente, mas também apresenta o espaço do ocorrido e possíveis mudanças e/ou permanências. A narrativa, como método de pesquisa, auxilia, pois, na sistematização das experiências nos contextos sociais, ajudando a entender como os pessoas produzem seus saberes e como transmitem o saber produzido por elas.

Foram realizadas cinco ENs, com participantes da 68ª RA da SBPC, ocorrida em julho de 2016, na Universidade Federal do Sul da Bahia, em Porto Seguro. Esses narradores participam da SBPC e de suas Reuniões Anuais de diferentes formas e por períodos variáveis, entre 10 e 50 anos, e a dimensão e abrangência das RAs serviram como espelho, postulando as narrativas dos participantes entrevistados.

A Reunião Anual de 2016, lócus das ENs, e os participantes narradores estão apresentados como atores de uma trama, na qual, busca-se evidenciar aspectos considerados

relevantes para o entendimento da relação entre Cultura e Ciência, impregnados ou potencializados nas RAs.

A narrativa do vínculo do pesquisador com as RAs e a SBPC, com impressões particulares sobre os lócus, importam quando se trata desse tipo de abordagem de pesquisa, utilizando-se de narrativas dos entrevistados.

A organização das percepções e evidências colhidas nas ENs foram orientadas pelas temáticas: *Apresentação pessoal e Formação profissional; Relação com a SBPC; Relação com as RAs; Mudanças nas RAs; O que mais atrai; Escolhas dos temas e as diferenças regionais; Legado para as cidades; Legado para as universidades hospedeiras; Pessoas da SBPC e o que te afeta mais nas RAs?*

As ENs foram interpretadas na busca de evidenciar aquilo que foi compreendido de forma imediata, mas que carrega um sentido imanente. Essa etapa de evidenciar o sentido imanente é importante na medida em que permite a identificação dos temas acima, os quais surgiram no decorrer da entrevista. Da narração central, conforme Schütze (1987, apud Weller e Otte, 2014, p. 325), foram identificadas as passagens nas quais o entrevistado abordou com detalhes o(s) tema(s). Dado o caráter biográfico da EN, as manifestações emotivas também estiveram no radar do pesquisador. Por último, foram analisadas as principais passagens nas quais o entrevistado apresentou temas mais relevantes para a pesquisa.

A paisagem da pesquisa na visão do pesquisador

Tive conhecimento das Reuniões Anuais da SBPC, ou parcialmente as conheci, em 1996. Neste ano, a Universidade Federal de Santa Catarina foi escolhida para receber e realizar uma Reunião Regional da SBPC. Estava, então, cursando o Mestrado em Educação na UFSC e, apesar de ver inúmeros cartazes chamando para comparecer às atividades, fui em poucas delas. Cinco anos depois, em 2001, fui convidado a participar como voluntário na organização da 53ª Reunião Anual da SBPC, na Universidade Federal da Bahia, em Salvador.

Após esse evento, a relação tornou-se contínua - participei ano após ano - até chegar no ano de 2016, quando, na Universidade Federal do Sul da Bahia, ocorreu a 68ª RA. Cheguei à UFSB numa quarta-feira, 29 de junho, para os preparativos da reunião, que iniciaria no domingo, 03, com a

cerimônia de abertura, e iria até o dia 09 de julho, sábado, com a 4ª edição do Dia da Família na Ciência.

Em 29 de junho, primeiro dia em Porto Seguro, fomos conhecer a UFSB. Foi uma surpresa, pois a universidade recém-criada estava situada num Centro de Eventos do Governo Estadual, que estava desativado. Só esse aspecto já criou uma dimensão muito diversa daquela RA, quando comparada com as demais.

Explico o que quero dizer. Todas as universidades que conheci, como membro organizador de RA da SBPC possuíam como característica comum muitas salas de aula, de dimensões variadas, mas poucos auditórios que comportassem o grande público presente nas atividades desenvolvidas durante a semana científica.

Poucas universidades possuem grandes auditórios e, quando possuem mais que um ou dois, são de médio ou pequeno porte e distantes entre si. Essa não é uma boa característica, pois dificulta a logística do evento.

A RA de Porto Seguro foi diferente, porque a universidade apresenta vários auditórios agrupados em um grande espaço, nos moldes dos modernos de centros multiuso de eventos. Isso proporcionou muito conforto aos organizadores e ao público participante.

Os espaços designados aos setores da organização estavam impecáveis e, novamente, tornaram a reunião muito agradável. Foi em um desses agradáveis espaços que as ENs aconteceram.

Eu estava preparado para elas, portando um gravador profissional para reportagens, um tripé para *smartphone* e munido de um iPhone para filmar cada uma das entrevistas. Contudo, a SBPC organiza uma equipe de comunicação, com equipe de cinegrafista e jornalistas para a cobertura do evento. Essa foi uma agradável surpresa. Um dos responsáveis pelas filmagens do evento gentilmente ofereceu-se para acompanhar as entrevistas e capturar as imagens, nos momentos em que não estavam acontecendo filmagens para a SBPC.

Assim, as cinco pessoas convidadas foram acomodadas numa ampla e iluminada sala para iniciarem e terem registradas as suas narrativas. As entrevistas foram gravadas em áudio-vídeos e transcritas. Das narrativas foram destacadas as percepções manifestas dos narradores, aquelas que mostram o

potencial das atividades realizadas no sentido de potencializar o desenvolvimento da cultura em suas diversas dimensões, mas mais especificamente da cultura da ciência. Os destaques das narrativas foram sendo organizados em uma sequência, das narrativas de identificação pessoal às mais contextuais e abrangentes.

5. ORGANIZAÇÃO, COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Para o processo de análise das informações colhidas, tomou-se enunciados das narrativas buscando intersecções com as fontes documentais extraídas dos programas dos eventos e das publicações na revista. Dessas fontes, foram organizadas matrizes dialógicas de análise. A narrativa, para Ricoeur (1980, apud Bauer & Gaskell, 2003), implica duas dimensões, uma cronológica – revela uma sequência de eventos ou episódios – e outra, não cronológica, que abarca o evento com um todo – que fica depois de sucessivos acontecimentos. Dir-se-ia que é um pequeno enredo dentro de uma história. Quando se utiliza a narrativa em uma pesquisa se faz necessário ligar o evento, o tempo e o sentido.

Por isso essa pesquisa não se limita à fonte advinda das ENs, mas toma como contraponto temporal e significativo, as publicações realizadas nas últimas RAs, que foram analisadas, considerando suas programações, e por artigos selecionados da revista Ciência e Cultura.

5.1 DAS FONTES PRIMÁRIAS - PROGRAMAÇÃO DAS RAS

É da filosofia da SBPC a integração da Ciência-Cultura. Nas suas programações, essas duas temáticas se entrecruzam, interceptam-se continuamente. O propósito é então olhar para o contexto temporal, espacial temático e ao mesmo tempo cultural narrativo desses encontros.

Como fonte primária, tomou-se, inicialmente, os programas das RAs. Tais programas foram coletados no site da SBPC e descrevem a temática das RAs e as intersecções entre Ciência e Cultura.

Na sequência, está a Figura 1, com uma síntese de todas as atividades desenvolvidas nas RAs de 2004 a 2017.

Figura 1 - Síntese quantitativa das atividades das RAs da SBPC – 2004 a 2017

Programação	Reunião Anual	56ª	57ª	58ª	59ª	60ª	61ª	62ª	63ª	64ª	65ª	66ª	67ª	68ª	69ª	TOTAL	MÉDIA RA	MÉDIA DIÁRIA	
	Atividades	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017				
Sênior	Conferência	34	53	57	61	80	61	69	57	52	77	49	63	52	50	815	58,2	11,6	
	Mesa-redonda	-	-	40	64	55	56	61	58	68	88	55	55	66	55	721	51,5	10,3	
	Simpósio	70	91	61	31	71	15	26	10	-	6	-	11	-	-	392	28,0	5,6	
	Minicurso	51	71	45	37	43	50	64	80	48	54	51	52	27	46	719	51,4	10,3	
	Pôster	1311	2734	2133	1982	2563	1605	4033	3395	3705	3488	1212	1698	2150	807	32816	2344,0	468,8	
	Prêmio	6	5	6	3	2	2	1	-	-	2	-	-	-	-	27	1,9	0,4	
	Concurso	1	1	1	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	6	0,4	0,1	
	Sessão Especial	3	8	9	8	9	7	10	5	2	9	10	14	6	-	100	7,1	1,4	
	Assembleia	7	7	10	6	7	6	5	4	5	11	3	5	7	5	88	6,3	1,3	
	Encontro	8	13	44	38	14	9	13	9	5	16	14	4	2	5	194	13,9	2,8	
	Ciência em Ebulição	-	-	-	-	-	-	3	3	-	-	-	-	-	-	6	0,4	0,1	
	Grupo de Trabalho	-	-	7	7	-	11	-	-	-	-	-	-	-	-	25	1,8	0,4	
	Comunicação Oral	-	-	37	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	37	2,6	0,5	
	Seminário	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	-	-	-	-	8	0,6	0,1	
	Reunião	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0,0	0,0	
	Debate	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	2	-	-	7	0,5	0,1	
	Ciclos de Conferência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	0,1	0,0	
	SBPC Cultural(I)	Atrações diversas	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim			
		Mesa-redonda	10	-	-	-	-	2	8	6	-	-	-	-	1	2	29	2,1	0,4
Oficina		4	37	-	1	-	-	7	-	-	-	-	-	-	3	52	3,7	0,7	
Minicurso		4	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	0,5	0,1	
Encontro		-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2	0,1	0,0	
Palestra		-	-	-	-	1	-	3	-	-	-	-	-	-	-	4	0,3	0,1	
Conferência		-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2	1	4	0,3	0,1	
Aula-Show		-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	0,1	0,0	
Workshop		-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,1	0,0	
Roda de conversa		-	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	1	6	0,4	0,1	
Visita Guiada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	3	0,2	0,0		
SBPC Afro e Indígena	Conferência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	0,1	0,0	
	Mesa-redonda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	7	0,5	0,1	
	Reunião	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	0,2	0,0	
	Minicurso	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	8	0,6	0,1	

Programação	Reunião Anual	56ª	57ª	58ª	59ª	60ª	61ª	62ª	63ª	64ª	65ª	66ª	67ª	68ª	69ª			
	Atividades	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	TOTAL	MÉDIA RA	MÉDIA DIÁRIA
SBPC Indígena	Conferência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11	5	5	-	21	1,5	0,3
	Encontro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	-	-	-	10	0,7	0,1
	Mesa-redonda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	24	9	10	-	43	3,1	0,6
	Assembleia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	3	0,2	0,0
	Minicurso	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	-	5	0,4	0,1
	Sessão Especial	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	4	0,3	0,1
	Oficina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	0,1	0,0
Painel	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	0,1	0,0	
SBPC Educação	Conferência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	3	0,2	0,0
	Mesa-redonda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	10	15	1,1	0,2
	Oficina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	sim			
SBPC Inovação	Conferência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	4	12	20	1,4	0,3
	Mesa-redonda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	6	17	27	1,9	0,4
	Minicurso	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	3	0,2	0,0
Reunião	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	0,1	0,0
SBPC Jovem		12ª	13ª	14ª	15ª	16ª	17ª	18ª	19ª	20ª	21ª	22ª	23ª	24ª	25ª			
SBPC Mirim		-	-	-	-	-	-	-	-	-	sim	sim	-	-	-			
SBPC Extrativista	Mesa-redonda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	4	0,3	0,1
	Roda de conversa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	0,1	0,0
	Minicurso	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	6	0,4	0,1
	Visita Guiada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2	0,1	0,0
ExpoT&C		-	-	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª			
ExpoCiência		12ª	13ª	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-			
Dia da Família na Ciência		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1ª	2ª	3ª	4ª			

Fonte: Elaboração do autor, 2018.

Quadro 4 - A frequência do tema Cultura nas programações das RAs

REUNIÃO ANUAL	CONFERÊNCIA	SIMPÓSIO	MESA-REDONDA
56ª - Ciência na fronteira: tica e desenvolvimento < http://www.sbpcnet.org.br/livro/56ra/home.htm >	1. A língua do estado e as línguas do povo: diversidade, civilização e cultura	1. A democracia no Brasil: desafios sociais, políticos e culturais	
	2. Ciência e tecnologia na Amazônia - aspectos culturais, econômicos e políticos	2. Artimanhas do planejamento urbano: modernização e patrimônio cultura	
	3. Cultura, desenvolvimento e globalização	3. ciência, cultura e arte na busca de formas novas e criativas de divulgação científica	
		4. Diversidade sociocultural - a sociedade e o estado	
		5. Divulgação científica e cidadania	
		6. Os sujeitos dos discursos científico e tecnológico em busca de seus valores	
		7. Saúde e diversidade sociocultural	
		8. Terminologia técnico-científica: confrontos éticos, culturais e políticos	
59ª - Amazônia: desafio nacional < http://www.sbpcnet.org.br/livro/59ra/ >	9. Arte, criatividade e sustentabilidade.	20. Interlocuções da análise do comportamento com sistemas explicativos na antropologia cultural, na biologia, na linguística e na sociologia	
	10. Ciência e Cultura	21. Léxico e cultura: riqueza e diversidade étnica.	
	11. Ciência interessa às sociedades indígenas?	22. Questões étnicas na formação da cultura musical brasileira.	
	12. Desafios da pesquisa em artes na Amazônia	23. Semiótica das culturas: mundos construídos e competências socioculturais	
60ª - energia – ambiente – tecnologia" < http://www.sbpcnet.org.br/eventos/60ra/ >	13. Além do tecnológico: as dimensões culturais e sociais da inovação.	24. Arte e censura: desafio nacional	
	14. Alfabetização e tecnologia em ambientes culturalmente diversos.	25. Mudança cultural no consumo de energia e sustentabilidade	
	15. Mito e natureza na arte da América latina.	26. Século XXI: novas formas de mal-estar na cultura	
		27. Terminologias, cultura popular e meio ambiente	
		28. A percepção pública da Ciência.	
61ª - Amazônia: ciência e cultura < http://www.sbpcnet.org.br/manaus/ >		29. Culturas e saberes na Amazônia.	4. Corpo, cultura e educação indígena.
		30. Imagens da cultura amazônica nas artes: a metáfora em vez do lócus.	5. Demografia dos povos tradicionais: territorialidade, cultura e ambiente.
		31. Semiótica, Cultura e Educação: convivendo com a diversidade.	6. Linguagem e administração do espaço cultural no Brasil.
62ª - "Ciências do mar: herança para o futuro" > http://www.sbpcnet.org.br/natal/home/ >		32. Terminologia e culturas amazônicas.	7. Populações amazônicas, gênero e cultura.
		33. Economia da cultura	8. Ciências do mar com Ciência e Cultura

63ª - "Cerrado: água, alimento e energia" < http://www.sbpcnet.org.br/goiania/home/ >	16. As relações entre língua e cultura: o meio ambiente na construção das línguas indígenas		9. Antropologia e educação intercultural: abertura da universidade aos povos indígenas.
64ª - Ciência, cultura e saberes tradicionais para enfrentar a pobreza" < http://www.sbpcnet.org.br/saoluis/home/ >	17. Ciência e turismo: estado da arte e agenda de pesquisa		10. Práticas corporais, culturas tradicionais e cerrado
	18. Para enfrentar a pobreza as contribuições de Paulo Freire para a Ciência, a Cultura e os Saberes Tradicionais		11. Ciência, cultura e saberes tradicionais para enfrentar a pobreza.
	19. Raízes do Brasil na literatura popular: uma questão pluricultural		12. Cultura e valores do norte/nordeste brasileiros
			13. Cultura popular, memória e identidade.
			14. Saberes astronômicos dos indígenas.
			15. Saberes tradicionais e pesquisa científica - desenvolvimento de produtos e processos para enfrentar a pobreza.
			16. Sociologia e saberes locais: refletindo sobre a transmissão do conhecimento no ensino médio.
65ª - "Ciência para o novo brasil" < http://www.sbpcnet.org.br/recife/home/ >			17. Ciência e arte, diálogos e prática
66ª - "Ciência e tecnologia em uma Amazônia sem fronteiras" < http://www.sbpcnet.org.br/riobranco/home/ >	20. Ensino a distância e suas implicações para o campo de estudos da história da matemática e cultura.		18. Cidades na Pan-Amazônia: multiculturalismo, identidade e organização social
67ª - "Luz, ciência e ação" < http://www.sbpcnet.org.br/saocarlos/home/ >	21. O plágio na comunidade científica: questões éticas, jurídicas e culturais.		19. Estado da arte da gestão cultural na academia.
			20. Arte total: espetáculos transdisciplinares de tecnologia e hibridação de expressões artísticas.
68ª – Sustentabilidade, Tecnologias e Integração Social "luz, ciência e ação" < http://www.sbpcnet.org.br/saocarlos/home/ >	22. As Ciências no Brasil: história coletiva e forma de cultura		21. A apropriação das tecnologias visando à sustentabilidade na área da arte, cultura e educomunicação.
			22. Novas estratégias de estudo, proteção e divulgação do patrimônio cultural subaquático brasileiro
69ª Reunião anual – 16 a 22/07/2017 – UFMG – Belo Horizonte < http://www.sbpcnet.org.br/livro/69ra/index.htm >	23. Science and technology for the study and preservation of cultural heritage: enhancing resilience of cultural heritage to natural catastrophes		23. Percepção pública da Ciência e Tecnologia no ambiente escolar.

Fonte: Elaboração do autor, 2018.

Do conjunto de atividades das RAs, foram analisadas apenas aquelas presentes na programação Sênior, pois são as organizadas pela SBPC Nacional, ou seja, refletem o posicionamento da Diretoria, do Conselho e de membros da Executiva Nacional. No quadro 3, apresentado ao longo das páginas 87 até 91, estão as atividades que apresentavam diretamente o tema da Cultura como central. É certo que há outras atividades abordando a Cultura, mas não tão explícito como os apresentados na sequência. Como as atividades são apresentadas ao público exclusivamente pelos títulos escolhidos pelos ministrantes ou pela Diretoria da SBPC, a informação imediata é que pode orientar as escolhas para participação do público presente nas RAs.

Levando-se em conta que nas 14 edições investigadas foram realizadas 815 Conferências, 392 Simpósios e 721 Mesas-redondas, propostas pela SBPC ou pelas Entidades Científicas Associadas, o número de atividades versando especificamente sobre Cultura foi baixo.

As Conferências sobre Cultura somaram 23, número que corresponde a um percentual de 2,8%. Nas Mesas-redondas não foi muito diferente, pois apenas 3,1% do total foram relacionadas diretamente com a Cultura. Por fim, no caso dos Simpósios, a relação ficou maior, com 8,4% do total.

Evidentemente, não se pretende com um simples cálculo matemático estabelecer uma verdade acerca do viés de Ciência que a SBPC apregoa, mas pode ser interessante para pensar se na comunicação que é feita aos diversos públicos da RA está se reforçando algum estereótipo de Ciência e cientistas, é claro, ou se deixa evidente que se quer romper essas fronteiras entre saberes.

5.2 DAS ENTREVISTAS NARRATIVAS

As ENs são, pois, técnicas para gerar histórias e, por isso, podem ser analisadas de diferentes formas, após a captação dos dados de campo e transposição para dados de pesquisa. O processo do desenvolvimento das ENs observa os passos definidos por Bauer e Gaskell (2003, p. 97).

No quadro 5 estão sintetizadas as fases de uma EN, além de proposições para a condução delas, de forma a tornar a experiência um evento capaz de ampliar as possibilidades de

compreensão do tema em pesquisa.

Quadro 5 - Fases principais da Entrevista Narrativa (EN)

Fases da EN	Regras para a entrevista
Preparação	Exploração do campo Formulação de questões exmanentes
Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração Emprego de auxílios visuais (opcional)
Narração central	Não interromper Somente encorajamento não verbal ou paralinguístico para continuar a narração Esperar para sinais de finalização (“coda”)
Fase de perguntas	Somente “Que aconteceu então? “ Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas do tipo “por quê? “ Ir de perguntas exmanentes para imanentes
Fala conclusiva	Parar de gravar São permitidas perguntas do tipo “por quê?” Fazer anotações imediatamente depois da entrevista

Fonte: Bauer & Gaskell, 2003.

Observando os passos da técnica, por meio do exposto no quadro 5, inicialmente, cuidou-se da elaboração das questões para a EN. As exmanentes referem-se às questões da pesquisa ou de interesse do pesquisador que surgem a partir da sua aproximação com o tema do estudo, já as imanentes são temas e tópicos trazidos pelo informante, elas podem ou não coincidir com as questões exmanentes.

Prevendo a realização da 68ª RA, a ser realizada na Bahia, procedeu-se uma verificação do perfil de algumas personagens que lá estariam e poderiam conceder uma narrativa interessante, segundo o propósito da pesquisa, e o envolvimento que este pesquisador vem tendo com a organização do evento, desde 2001.

Foram previstos os seguintes possíveis entrevistados: duas funcionárias do escritório da SBPC, Fernanda Albuquerque e Eunice Personini, sendo que ambas dedicam-se à organização das RAs há muitos anos; o professor Paulo Roberto Petersen Hofmann, docente aposentado da UFSC, que há mais de 20 anos organiza as RAs, como assessor especial, atuando junto aos estudantes voluntários (monitores), que auxiliam no

desenvolvimento de inúmeras atividades que acontecem na semana do evento; a professora Helena Bonciani Nader, atual presidente da SBPC; a professora Regina Pekelmann Markus, ex-secretária geral da SBPC; e o assessor de imprensa da SBPC, Carlos Henrique Santos.

Os possíveis entrevistados foram contatados a partir de correio eletrônico e/ou contato pessoal, durante a 68ª RA da SBPC, ocorrida em julho de 2016, na cidade de Porto Seguro/Bahia. Pelos contatos foi explicado muito sucintamente o objetivo da entrevista. Estando envolvidos na SBPC há muitos anos, todos os convidados foram muito receptivos, respondendo positivamente à solicitação.

Contudo, pela própria dinâmica de uma RA, que estabelece uma agenda muito sobrecarregada aos integrantes, não foi possível realizar as entrevistas com as três últimas pessoas que estavam agendadas. Então, foram escolhidas outras duas pessoas muito especiais, as quais estavam disponíveis e interessadas no estudo, e que, do ponto de vista da pesquisa, poderiam apresentar narrativas interessantes. Uma delas foi o professor Leonardo Moraes, que atua como docente na Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB, tendo sido um dos responsáveis locais pela organização da 68ª RA. Ele iniciou sua participação como estudante de graduação em uma Reunião Especial, em Feira de Santana/BA e, posteriormente, foi monitor na RA de Salvador, em 2001. Como quinta entrevistada, por indicação das duas outras entrevistadas, foi incluída a professora Maria Fuentes, sócia da SBPC que, há 50 anos, participa de todas as RAs, ininterruptamente, como audiência, em uma rara demonstração de relação estreita de suas pesquisas e prática com os eventos. Maiores detalhes sobre o perfil dos entrevistados serão fornecidos ao longo das narrativas.

Antes de cada entrevista, sucintamente, foi explicitado, em linhas gerais, o objetivo da pesquisa, mas sem detalhamentos que pudessem dirigir as narrativas individuais. Algumas questões foram formuladas, mas de modo a não influenciar a resposta do entrevistado ou induzi-lo. Nas entrevistas, as perguntas não seguiram uma ordem fixa ou rígida, dependendo muito do contexto e do rumo da conversa. As entrevistas foram integralmente registradas em vídeo e, posteriormente, transcritas para servirem de elementos textuais da tese. Elas compõem cerca de 3 horas de vídeo, transcritos em mais de 70 laudas.

Dessa forma, a escolha dos informantes foi pensada e construída tendo em vista a forma de participação junto aos eventos anuais e a disponibilidade de cada um. As narrativas dos entrevistados eram livres, sendo o disparador delas a visão mais ampla que possuem sobre as RAs.

Para a realização das entrevistas foi elaborado um roteiro temático, tendo em vista a experiência e o envolvimento pessoal dos entrevistados na relação com o objeto em estudo. Para todos os envolvidos, foram, inicialmente, lançados elementos de interesse, como por exemplo, o perfil dos entrevistados:

- Apresentação pessoal;
- Quando começou a participar das RA;
- Quais foram os motivos que o levaram a atuar na RA;
- Quais foram suas formas de participar ao longo do tempo.

Na sequência, mesmo havendo grande liberdade nas narrativas, foram feitas perguntas, não estruturadas, sobre como expressam a relação de Cultura e Ciência no cotidiano de suas construções pessoais e sociais, sugerindo:

- Ao longo de sua atuação nas RAs da SBPC, quais mudanças percebe em relação aos modos de pensarem a divulgação científica?
- Como percebe as RAs e o engajamento do público?
- O que você pensa, como público, da SBPC?
- Qual a marca das RAs para os lugares (IES e cidades) que as sediaram?
- Sendo as RAs eventos itinerantes, de que forma esse modelo favorece a divulgação da ciência no país?

As questões lançadas não estabeleceram ligação direta com o tema Cultura, justamente para permitir a observação se o narrador o trazia em sua fala, estabelecendo por sua conta se percebia o vínculo entre o que acontecia nos eventos científicos, as RAs, e as questões culturais subjacentes.

O momento da entrevista foi notadamente significativo e cheio de emoções variadas. A experiência vivida por cada um dos entrevistados apresentou-se concretamente, de forma histórica. Podemos dizer que o fascinante em uma entrevista é:

[...] a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo *compreender* as expressões de sua vivência. Saber compreender significa realizar um verdadeiro trabalho de hermenêutica, de interpretação. [...] No caso de entrevistas de história oral, ele também requer uma preparação criteriosa, que nos transforme em interlocutores à altura de nossos entrevistados, capazes de entender suas expressões de vida e de acompanhar seus relatos (ALBERTI, 2004, p. 18-19).

Dessa interlocução entre pesquisador e entrevistado, conforme Albert (2004, p. 19), é possível ampliar o conhecimento sobre os fatos ocorridos e suas conjunturas, com o aprofundamento propiciado pela análise das diversas experiências e versões particulares.

A análise de narrativas está diretamente associada a um tipo específico de entrevista, desenvolvido por Schütze e denominado como “entrevista narrativa” (Schütze, 2011 e Bauer e Jovchelovitch e Bauer, 2002). Nos anos 1970, Schütze ao estudar a comunidade e as mudanças pelas quais passou, implantou a técnica da EN, o que foi aplicado em outros trabalhos do autor.

A EN, assim, desenvolvida na pesquisa e balizada pela proposta por Schütze (2011), compreendeu três etapas ordenadas:

- 1 As entrevistas iniciaram com uma pergunta orientada a abordar a trajetória de vida do sujeito pesquisado, ou parte da história de vida. Nessa primeira etapa, a produção da narrativa não foi interrompida e ao ficar evidente que haveria uma parada na narrativa, um novo questionamento fora realizado;
- 2 Num segundo momento, foram explorados temas transversais ou de trechos poucos trabalhados na primeira parte da entrevista;
- 3 Por fim, houve solicitação aos narradores que apresentassem, por meio de explicações pessoais, suas percepções sobre RAs pesquisadas.

Pressupondo que a narração das experiências é a forma de

linguagem que mais se aproxima das situações as quais foram significativas para as pessoas que as narraram, tem-se a clareza da íntima relação da experiência com a linguagem. Nas EMs foi levado em conta que a memória possui seletividade e que as narrativas são interpretações/representações do mundo, não sendo comprováveis, assim como não podem sofrer julgamentos (elas expressam uma verdade pessoal/temporal/social), e que somente se lida com as representações dessas experiências ao interpretá-las, a partir da interação estabelecida e da narrativa obtida.

Levando-se em conta a subjetividade marcante no uso das ENs em pesquisas, por que sua franca utilização nesta pesquisa? Elas são consideradas auxiliares no aprendizado sobre o fenômeno estudado e que os outros métodos e teorias não conseguem alcançar, segundo Clandinin e Connelly (2011). Ela consegue ajudar a entender que as pessoas entrevistadas não se limitam às categorias sociais, não existem apenas pelas/nas histórias que contam sobre elas como se fossem todas iguais e agissem da mesma forma. Elas têm histórias próprias, não estão presas no aqui e agora e podem transformar-se: “são pessoas com todas as suas complexidades [...] vivendo vidas historiadas em paisagens historiadas” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p. 193). A investigação de narrativas é um enfoque da pesquisa que tem seu oposto ao ideal positivista que estabelece o distanciamento entre o investigador e o objeto investigado, justificado para trazer maior objetividade à pesquisa, assumindo, assim, a postura da objetividade como essencial para o credenciamento científico.

Portanto, a investigação narrativa não se limita a uma metodologia de recolha e análise de dados, distanciando-se do paradigma qualitativo tradicional e dos seus critérios habituais de credibilidade e legitimação da construção do conhecimento em educação (validade, generalização e fiabilidade).[...] Enquanto que a abordagem tradicional não utiliza as interpretações pessoais como objeto de estudo, considerando-as subjetivas e, portanto, excluindo-as da investigação científica, a investigação narrativa recorre às explicações narrativas com o objetivo de compreender as causas, as intenções e os objetivos que estão por detrás das ações humanas (REIS, 2008, p. 6).

A Narrativa, dessa forma, não deixa de ter o seu rigor próprio e o que a diferencia de outras metodologias ou formas

narrativas não é objeto ou o problema a ser investigado, é o caminho trilhado na aquisição e produção de conhecimentos. Nesse caminho, foi previsto também a transcrição, a textualização e uso das entrevistas. Quanto à transcrição, mantivemos como fora narrado no momento da entrevista, embora possa ocorrer a impossibilidade de, na transposição da língua falada para a língua escrita, incorporar os gestos, as emoções, os silêncios.

Na textualização, seguida de várias leituras e escutas, interferimos nas devidas pontuações da linguagem escrita e retiramos alguns vícios da linguagem falada. Mantivemos, portanto, os sentidos originais de cada construção narrativa. A construção narrativa projetada pela fala e pelo diálogo, (re)construídos na tessitura de sua globalidade, não é “como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos” (PORTELLI, 1997, p. 16). Foi por essa assertiva que trabalhamos o uso das entrevistas neste trabalho de tessitura.

Assim, importou-nos auscultar as diversas maneiras de pensar e agir em relação às participações nas RAs, sobre o presente/passado vivido no momento da rememoração, pois esse movimento de afloramento do conteúdo, advindo da reminiscência, foi possível pela análise e reflexão teórico-metodológica da história oral. A ação interativa, promovida pela comunicação entre entrevistado e entrevistador, foi permeada pela cumplicidade em relação ao objeto de estudo, pois ambos trabalham conscientemente pela significação da experiência vivida, pela arte da narração. “O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam” (BOSI, 1995, p. 85).

5.3 AS NARRATIVAS E OS ENUNCIADOS

Acho que é cultura não no sentido de atrações, mas uma cultura mais ligada ao conhecimento, de... como vou te explicar?

Fernanda Albuquerque (N2)

Segundo Ducrot (1981), entender o sentido de um

enunciado como o “retrato” de sua enunciação é admitir que ele implica (mostra) o modo como aquilo que se diz é dito, ou seja, tanto a sua força locucionária, como o futuro discursivo que, a partir dele, se abre às conclusões para as quais ele se apresenta como argumento.

No caso específico desta pesquisa, quando a EN estava para iniciar, foi apresentado a cada um dos envolvidos os procedimentos que seriam adotados, permitindo que pudessem discorrer livremente sobre suas percepções sobre as RAs e seu papel nelas.

Para apresentação das narrativas, estabeleceu-se um conjunto de categorias a partir dos temas recorrentes nas falas. São eles: *Apresentação pessoal e Formação profissional; Relação com a SBPC; Relação com as RAs; Mudanças nas RAs; O que mais atrai; Escolhas dos temas e as diferenças regionais; Legado para as cidades; Legado para as universidades hospedeiras; Pessoas da SBPC e o que te afeta mais nas RAs?*

Inicialmente, as falas dos narradores e narradoras basearam-se no relato de uma **Apresentação pessoal e Formação profissional**.

Narradora 1 (N1) – Eu sou Eunice Maria Fernandes Personini, mas todo mundo me chama de Eunice Personini ou, de fato, de Nicinha. Eu, com 19 anos, já trabalhava em uma empresa há dois anos. Uma amiga da minha mãe, a Estela, que era a secretária executiva da SBPC, precisava de uma auxiliar e me chamou. Eu tinha até prestado concurso para o Banco do Brasil, estava na fase final, mas fui fazer minha experiência. (...) Eu tinha prestado dois anos de Biologia, não entrei. Só prestei USP, eu queria Biologia. Aí fui na PUC, tinha o quê? Serviço Social, e fiz a faculdade. Aí, fui para a primeira reunião anual, em Recife, em 74. Na época era um auê as reuniões anuais. Eu nunca tinha viajado de avião, enfim, fiquei apaixonada pela SBPC, mesmo, encantada.

Narradora 2 (N2) - Meu nome é Fernanda, eu tenho 41 anos, dos quais mais da metade na SBPC, que eu entrei com 20 anos. Trabalhei nos 10 primeiros anos com a Diretoria, auxiliando a secretária e, depois, quando uma funcionária, que cuidava de eventos, aposentou-se - um pouco antes de ela se aposentar - eu fui trabalhar com ela em eventos. Eu fiz Desenvolvimento Web, não tenho nada a ver com eventos na minha formação. Eu fiz um

ano de Administração, parei, depois fiquei pensando no que fazer da vida, tentei vários cursos antes, mas desisti. Aí não trabalhava com eventos, ainda, quando comecei a fazer a faculdade. Em seguida, fui trabalhar com eventos, terminei a faculdade por terminar, achei que poderia me ajudar em alguma coisa. Na verdade, ajuda, sim, quando eu preciso fazer alguma solicitação dos setores que cuidam dos sistemas informatizados, da RA, eu falo do que eu preciso, o que eu sei que dá para fazer, mas é só isso, mais nada; minha faculdade não me ajudou em nada na experiência que eu tenho com eventos. (...) Já na SBPC, porque eu fiz a graduação bem mais tarde. Quando eu saí do colegial, eu queria fazer Farmácia, aí depois eu fui para Filosofia, aí eu quis Biologia, eu não sabia o que eu queria. E aí eu me mudei para São Paulo, trabalhei menos de um ano na Caixa de Assistência dos Advogados, não estava satisfeita, procurando, então, empregos no jornal, encontrei um anúncio para a SBPC.

Narrador 3 (N3) - Meu nome é Leonardo Evangelista Moraes, nascido em Feira de Santana, Bahia. Filho de nordestinos com pouca formação educacional. Meu pai tinha até a quarta série e meu pai terminou o curso de contabilidade no ensino médio por força da minha vó. Então, foi nessa situação que eu me encontrei, uma família de 3 irmãos, eu e mais dois, nenhum dos dois chegaram à universidade. Eu cheguei e me envolvi nesse mundo universitário, tendo basicamente conhecido na universidade essas questões de pós-graduação, num ambiente acadêmico, porque nessa região, eu sou do sertão, ouve-se pouco falar de ciência. Ouve-se pouco falar de, por exemplo, pós-graduação. Então, acho que basicamente é essa a essência. Inicialmente, a minha vontade era de ser médico, mas a Medicina estava distante. A distância da minha cidade a Salvador, era de 120 quilômetros, embora seja relativamente perto, a questão financeira pesava muito. Então, a Universidade Federal, embora perto, era algo distante, e lá na minha cidade tem uma universidade estadual, a Universidade Estadual de Feira de Santana, que tinha o curso de Biologia. Eu fui para esse curso de Biologia para fazer trampolim para o de Medicina. No segundo mês que eu estava como calouro, o colegiado do curso fez uma recepção aos calouros, porque estava tendo muita evasão, para poder apresentar todos os laboratórios de pesquisa. Nisso, eu me deparei com o laboratório de Ictiologia, para trabalhar com

peixes. Fui aprendendo a trabalhar, apaixonei, não quis mais sair. Eu entrei em fevereiro de 98 e em março de 98 fui no primeiro encontro; em abril de 98, estava estagiando. De lá para cá, não sei fazer outra coisa que não seja mexer com peixe. Na verdade, eu entrei no laboratório porque eu fui de ensino público. A minha educação toda foi no ensino público do Nordeste, uma coisa bem deficiente, não sabia de nada de peixe, não trabalhava com dieta de peixe, abria os estômagos e não via nada basicamente, que eu nunca tinha visto invertebrado na minha vida, invertebrado aquático, então era difícil identificar aquilo. Entrei no laboratório porque era o laboratório que mais viajava. Eu sou apaixonado por viajar, conhecer lugares. Conheci pelo trabalho, pelo ambiente, pelo orientador e por aí fui, tanto é que o pessoal me questionava bastante como que eu, nascido no semiárido, com pouca água - embora minha cidade seja conhecida como Santana dos Olhos D'água no início, porque tinha várias nascentes - mas lá tem pouca água realmente, estava indo para o ambiente aquático e, principalmente, o ambiente marinho.

Narradora 4 (N4) – Maria Fuentes Piedade - Bom, tenho que mais ou menos começar do início. Então, eu vim aqui, especialmente. Tinha que ir aos Estados Unidos para estudar lá. Que meus pais são de origem espanhola e moravam na Bolívia. E na Bolívia nasceram quase todos os filhos. Somos 6 filhos. 4 mulheres e 2 homens. 4 moram nos Estados Unidos, em Califórnia. E eu moro aqui, desde que estudei, porque eu escolhi para vir no Brasil, não sei por quê. Me chamou atenção que Brasil para mim era que não ia sair de Sul da América (...) Eu fiz Farmácia Bioquímica. Assim foi indo e, no fim, quando me formei, eu voltei para minha terra só para visitar meus pais, porque já estava bem ajeitada aqui. Fui chamada pelo (laboratório) Fontoura Wyeth, da fábrica de penicilina, pois eu era tão dedicada mesmo. Até hoje sou assim Qualquer coisa que me proponho fazer, eu faço de coração. Aí, então, eles falaram: “Bom, você tem que vir montar o laboratório, em primeiro lugar”, com botas, com tudo, e eu ia montar o laboratório enquanto estava em construção. (...) Depois desse trabalho, ainda trabalhei no Instituto Biológico (São Paulo/SP). No Instituto Biológico, meu marido já era funcionário público, e não tinha 2 anos de funcionário público, e o Jânio entrou, o governador, e botou fora todos os que tinham menos de 2 anos, e meu marido foi um

deles. Um dia eu estava trabalhando no IB, e ali que a gente já se conhecia, mas de vista, ele tinha a mesma formação que eu. Já se conhecia um pouco e daí começamos a nos conhecer melhor e casamos.

Narrador 5 (N5) – Paulo Roberto Petersen Hofmann. Bom, eu sou biólogo, formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor da Universidade Federal de Santa Catarina, desde 1980. Sou professor titular na área de Genética. (...) Bom, eu estou vinculado à SBPC, desde 1981. Já fui diretor da SBG, de uma série de entidades que são vinculadas com Ciência, Tecnologia e Educação. Me considero um professor, em primeira instância. Fiz mestrado e doutorado, para ser, não um grande pesquisador, mas um professor melhor. Acredito que a vivência na Ciência faz com que possamos transmitir as ideias, que cientistas fizeram em vários momentos, fora dos nossos tempos.

Interessante observar que este é um grupo diverso quanto à faixa etária, que vai dos 30 aos 80 anos de idade. Quanto ao local de nascimento, temos duas paulistas, sendo uma do interior (N2) e outra da capital (N1), um do interior da Bahia (N3), uma da Espanha (N4) e, finalmente, um do Rio Grande do Sul (N5). As formações em nível superior são, igualmente, distintas, com uma formada em Serviço Social, uma em Desenvolvimento Web, um Biólogo Ictiólogo, uma Bioquímica e um Biólogo Geneticista. Assim, temos três profissionais da área Biológica, uma da área Social Aplicada e uma da área da Tecnologia.

Essa diversidade de idades, origens, formação superior e pós-graduação estimula a imaginar que as narrativas poderiam percorrer itinerários distintos e que em momentos diversos delas seriam observadas colocações acerca dos temas de interesse na pesquisa.

Um segundo tema rastreado nas narrativas foi o da **Relação com a SBPC**, procurando compreender de que forma criou-se o vínculo com a instituição e dela com as Reuniões Anuais. Seguem os excertos com a abordagem da temática.

N1 - Quer dizer, eu saí da (empresa) que eu trabalhava em uma sexta, tinha 19 anos, entrei na SBPC na segunda. Era uma casinha na rua Costa Carvalho, um sobradinho pequeno e tinha meia dúzia de funcionários. (...) Na verdade, a SBPC começou

antes na USP. Aí, alugou uma casa quando cresceu, na rua Cunha Gago. Era um sobradinho pequeno, desses geminados dos dois lados, e eu vinha de uma empresa grande. Cheguei naquele ambiente toda tímida, jovem, um pessoal super legal e animado. Amei e não saí mais. Pedi demissão na sexta, entrei na segunda, tinha três meses de experiência. Eu entrei em fevereiro, fiz 20 anos em março (...). Fiz faculdade, entrei na PUC, trabalhando na SBPC. (...) Era efervescência (1974) e a SBPC acho que era o único fórum onde eles podiam falar. Então, eu fiquei encantada. A diretoria era o Renato Basile⁷, o presidente na época era o Oscar Sala⁸. O Renato era tesoureiro, ele que me adotou, sabe? Eu era muito tímida. O Luiz Edmundo era o secretário geral. (...) Não fui (ver um outro emprego), porque fiquei encantada com o ambiente. E essa foi a primeira reunião.

N2 - Durante um tempo, eu que fazia os sites da SBPC, tanto o site da RA, quanto o da SBPC. Aquele jornal da ciência, o antigo, que era azulzinho, quem desenhou o layout fui eu, e ele ficou muitos anos com aquele layout, acho que uns 14 anos, começou em 2002, eu nem tinha feito a graduação ainda em Desenvolvimento Web, eu tinha feito alguns cursos na área, mas a graduação eu ainda não tinha. Quando eu resolvi que eu iria, realmente, me dedicar a essa área, porque eu cuidava de tudo de informática da SBPC, além de ser secretária da Nicinha (N1). E aí, quando eu resolvi, surgiu essa oportunidade de ir para o setor de eventos (da SBPC). Durante um ano e meio, mais ou menos, eu fiquei fazendo as duas coisas, mas você sabe que é impossível, né?

Para N1 e N2, a aproximação com a SBPC deu-se exclusivamente por ser uma opção de trabalho para jovens. Dentro da Sociedade passaram por distintos setores e realizaram funções diversas, sendo que ambas atuam há anos nas atuais. Já, para N3, 4 e 5, a aproximação com a SBPC passou pelo acadêmico científico, seja como estudante de graduação, no caso de N3, de recém-formado (N4) ou estudante de pós-graduação (N5). Apesar da semelhança quanto ao aspecto da

⁷ Renato Basile, cientista brasileiro, foi tesoureiro da SBPC de 1971 a 1979.

⁸ Oscar Sala, cientista brasileiro, foi presidente da SBPC de 1971 a 1979.

aproximação, há pontos que merecem destaque em cada uma das narrativas.

N3 - Na verdade, o meu primeiro contato com o SBPC foi a Regional que teve lá em Feira de Santana (na UFS), cheguei a trabalhar lá como monitor, não estava na universidade, mas estava envolvido com algumas atividades, e aquilo ali já me despertou para um primeiro momento (...) A UFS era parceira desse evento da SBPC em Salvador e houve um chamado para a monitoria em Salvador, em 2001. Como éramos do Diretório Acadêmico, a gente começou a articular a participação dos colegas, e nos colocamos na linha de frente para trabalhar. (...) Eu fui para uma outra reunião, que eu não vou me lembrar agora o ano (2003), lá em Pernambuco, e aí era ainda envolvido com essa questão de estudante. Eu perdi um pouco a relação com o SBPC, em termos de participação, porque é um evento muito grande, e aí a gente já começava a se direcionar para as atividades de mestrado e doutorado, então, a tendência era buscar esses eventos mais específicos. (...) Então, a gente começou a focar em alguns eventos, e poderia ter focado em outros também, ainda mais por ser um curso de biologia, que é extremamente amplo, cabe para uma universidade lotar um ônibus e dar condições de ir, é mais fácil lotar esse ônibus com a SBPC do que lotar esse ônibus com um evento de ecologia, por exemplo, que é mais restrito.

Para N4, o contato com a SBPC foi posterior à graduação, “logo depois. Depois que me graduei (1964), já comecei” (participar das RA). No caso dessa narradora, toda a participação junto à SBPC esteve restrita à ida nas Reuniões Anuais, que completaram, em 2017, 51 edições como participante.

N5 - Então, a minha primeira RA aconteceu na Bahia, em 1981, ainda como estudante de mestrado, quando apresentei meu primeiro pôster em SBPC, naquela época os congressos da Sociedade Brasileira de Genética, da parte da Química e da Física, também, aconteciam dentro da SBPC. Depois as sociedades foram retirando seus congressos e fazendo a parte, mas durante a década de 80 funcionava dessa maneira. Depois em 83, já como estudante de doutorado na USP, eu fui convidado a fazer parte de uma mesa redonda em um congresso, que aconteceu em Belém (...) Eu tive, também, um envolvimento com

a própria SBPC sobre o ponto de vista do conselho, pois eu fui conselheiro de lá, não lembro exatamente a época, mas foi no final da década de 80 e início da década de 90, e em 2001 eu fui eleito o segundo tesoureiro, fazendo parte da diretoria, e agora, na atual gestão, eu sou secretário.

Fazendo um comparativo, N3 e N5 aproximam-se mais quanto ao tipo de aproximação inicial que tiveram com a SBPC. Ambos como estudantes e, posteriormente, como organizadores, sendo N5 no final dos anos 80 e N3, em 2016. N5 teve uma trajetória muito interessante, pois iniciou como Monitor na Reunião Regional, foi Monitor na RA de 2001 e, em 2016, participou ativamente como organizador do evento na sua instituição, a UFSB, onde ficou com a Comissão de Monitorias, sendo o responsável por todos os jovens monitores⁹ que tão bem trabalharam na semana científica.

Um outro tema que foi localizado nas falas dos narradores foi o da **Relação com as RA**. Nesse caso, apresentaram histórias sobre como interagem com as Reuniões que acontecem anualmente em várias partes do Brasil. Como a relação com a SBPC diferiu entre eles, formando três subgrupos – funcionários, organizadores e participante sem vínculo –, também a relação que estabelecem/estabeleceram com as RAs apresentou distintas abordagens.

N1 - Olha, na reunião eu lembro que a gente trabalhava até três, quatro horas da manhã, antes. Você recebia os trabalhos – eu achei outro dia, tem até lá – datilografados, aí a gente fazia o programa na máquina, eu, a Wanda¹⁰ e a Eliana. A gente passava dias datilografando o programa. Depois, a gente se reunia à noite para fazer o índice e era muito divertido porque a gente às vezes saía de madrugada, e a Carolina Bori¹¹

⁹ Os monitores são estudantes universitários da instituição hospedeira. Desenvolvem atividades de apoio aos organizadores do evento, seja no atendimento aos participantes, como conferencistas, ministrantes de minicursos, público em geral, ou às diversas comissões de organização. É um trabalho voluntário.

¹⁰ Wanda Albert, funcionária aposentada da SBPC.

¹¹ Carolina Martuscelli Bori (1924 – 2004), Cientista brasileira, Doutora em Psicologia. Atualmente, é homenageada tendo seu nome emprestado ao Portal de Revalidação/Reconhecimento de Diplomas

participava: antes como secretária, depois como secretária geral - porque ela foi da Diretoria por 20 anos – depois como presidente. A gente ficava em uma mesa, vários, cada um com uma letra. A Carolina era a que ditava. A gente ria muito, porque ela muito cansada, uma época ela ia ler: “Mario Kiotoko”, ela gaguejava e a gente caía na gargalhada. Esse dia a gente saiu três e meia da manhã. (...) Também não tinha esse bando de monitores, éramos nós que ficávamos na secretaria. Mas, nesses 42 anos, fui a todas as reuniões, inclusive porque quando tive minhas filhas. A primeira, Júlia, deixei com nove meses, e a Laura, a reunião foi na USP, em São Paulo, em 88, então, eu participei, não tive problema.

Já N2 trouxe, também como funcionária da SBPC, a seguinte narrativa:

N2 - De 2004 a 2007, eu fiquei só com a programação científica, fazendo aquela parte de organização da programação e ajudando bastante nas reuniões regionais, com emissão de passagens, reservas e listas de hotéis, quem faz, até hoje, sou eu. (...) Em 2007, quando minha filha nasceu, eu não fui para a RA, que foi a única que eu não fui, que foi em Belém. Quando eu voltei de licença maternidade, a Silvia, que cuidava das reuniões regionais, foi demitida. E aí o Aldo (Malavasi) passou tudo para mim. Então, eu fiquei com todas as reuniões para organizar. A partir daí, só acrescentando incumbências, digamos assim. Eu não ficava só na programação científica, eu entrei para a parte de logística, também, fazendo várias outras coisas (como) a questão da escolha dos auditórios, junto com você e com o Paulo, escolhemos os auditórios que teremos atividades. E junto com a comissão, eu também tomo parte da escolha de onde vai ficar cada atividade no campus.

Atualmente, N1, como já mencionado, atua junto à Presidência da SBPC, com atividades ligadas à agenda do Presidente e de Diretores mais próximos, mas trouxe um aspecto muito interessante, quando apresentou o grau de envolvimento com as RAs mais antigas. De qualquer forma, fica a marca da

Estrangeiros, do MEC: Portal Carolina Bori. Foi muito atuante nos anos 90 como responsável pelo Prêmio Cientistas do Amanhã, da SBPC, cuja premiação acontecia nas RAs a cada ano.

presença constante em 42 edições. Como apresentado em tópico anterior, o fato de ficar “encantada” já na primeira pode ter sido elemento indutor de comparecer a todas, visto que aos funcionários não é obrigatória a presença nos eventos, pois há atividades a serem desenvolvidas na sede, em São Paulo. N2 traz essa mesma visão de envolvimento com os preparativos e com o desenrolar do evento. Na sua narrativa veio a relação com a família, em especial com a filha única. Quando nas RAs, os organizadores de todas as áreas permanecem por 10 ou 12 dias na cidade hospedeira, em atividades que iniciam por volta das 7h30min e são encerradas, geralmente, às 19h. Ela evidencia a relação de afastamento com a seguinte narrativa.

N2 - A mãe só pensa nisso quando vai deitar, porque durante o dia não tem nem como pensar. Eu estou fora da minha rotina. Não é que eu não sinta falta, eu sinto muita falta dela, do meu marido, da minha casa, mas é diferente. Eu não estou vivendo o dia a dia, vendo as coisas deles e sentindo a falta deles, eu estou aqui trabalhando. Quando chego no hotel que falo, nossa, está faltando coisa aqui. Mas durante o dia é uma coisa tão corrida que não dá tempo para sentir falta. (...) A rotina é bem puxada, nós acordamos cinco e meia, seis horas. Tem que tomar café da manhã cedo, e aí já vamos para o trabalho. Eu fico na secretaria, também ajudando em tudo quanto é problema que aparece, tentamos resolver, mas o horário é bem puxado. A secretaria tem dias que abre às sete da manhã e fecha às quatro, mas não vamos embora às quatro, nós ficamos mais um tempo. Às vezes tem coisas à noite para fazermos, algum evento, alguma atividade da programação científica mesmo, que temos que participar.

N3, que já havia participado de reuniões anteriores como monitor, apresentou uma narrativa sobre a relação com a RA que ajudou a organizar na universidade onde trabalha.

N3 - Bom, em 2016, a SBPC veio para a universidade na qual eu sou docente. Eu confesso que eu achei uma loucura quando o nosso Reitor anunciou, em 2015, que a SBPC estava vindo para cá (Porto Seguro/BA). Eu tinha certeza que a gente iria conseguir abraçar esse evento, mas a preocupação com o momento político-econômico do país. Preocupado com a situação de sermos uma universidade nova, que agora em

setembro (em 2016) completa dois anos de sala de aula. Então, nós estamos construindo várias coisas. Nós estamos construindo PPC, envolvidos em várias reuniões para dar a cara à universidade e consolidar a universidade, embora, para mim, já esteja consolidado. Então, de repente, vem para a gente a responsabilidade, que não é pequena, da SBPC. Eu fiquei, de certa forma, embora preocupado, feliz.

Em conversas posteriores à entrevista, N3 comentou sobre a preocupação principal na RA que seria a de espaço físico. Como na RA de Salvador, em 2001, aconteceram muitos problemas com o pouco espaço disponível para as atividades e o grande fluxo de participantes (perto de 10.000 pessoas inscritas) estava temeroso de repetir-se em Porto Seguro. Geralmente, em cidades com maior atratividade turística há um número expressivo de inscritos e participantes.

Para N4, a forma de participação difere dos demais entrevistados, pois, em suas 50 participações em RAs, não esteve envolvida com a organização ou com o funcionamento ao longo do evento. Sua participação tem sido ativa em variadas atividades, não apenas de sua área de pesquisa, envolvendo-se em grupos de trabalho ou de discussão. Apresentou na narrativa um episódio ocorrido na RA de 2016.

N4 - Eu vejo tudo (na SBPC). Ontem, eu ajudei a fazer a moção para os indígenas (da SBPC Indígena), para entregar para SBPC, na reunião dos sócios de ontem à noite. (...) Todo mundo, quando estamos fazendo lá esse documento, um dava palpite, especialmente tinha uma senhora que até levantou com o microfone, e eu também ajudando um pouquinho, mais que tudo prestando atenção, como que ia fazer. Aí eles falaram que poderiam assinar 10 sócios, e eu falei: “está bom, aqui tem mais de 10, então a gente assina”. (...) ontem foi até meio tarde, 10 e meia. E assim mesmo o pessoal ficou conversando, e eu tive que embora (...) porque eu quebrei duas vértebras na coluna vertebral e está se cicatrizando, mas o médico que operou tentando me deixar sem andar, e eu gosto de andar, fico assim mesmo. E assisto tudo que é de ciência eu assisto. (...) Eu queria saber como que está, porque as últimas vezes que assistí, ainda vinha pouco índio. No começo, tinha um índio e um ajudantezinho dele. Não tinha mais nada, agora já vai aumentar, já tem doutores.

Ela apresenta um panorama de sua paixão pela Ciência. Trabalha em grupos na SBPC Indígena, assiste a atividades variadas, mesmo com a idade avançada e com problemas de saúde, mas sem deixar de explicitar sua percepção quanto às mudanças ocorridas em 50 anos, mesmo que entre grupos específicos de participantes.

Por fim, quanto à análise da relação entre os narradores e as RAs, segue narrativa de N5.

N5 - Eu estudava em São Paulo quando eu tive muito contato com o Aldo Malavasi¹², que era uma pessoa extremamente envolvida com a SBPC e que trabalhava nessa organização, muitas vezes. Em 1994, ele me convidou para ocupar esse lugar que, nesses últimos 22 anos, eu venho (ocupando) com duas únicas exceções, que foi uma reunião em Belo Horizonte e em Belém. Eu não lembro os anos que eu não trabalhei nessa atividade, mas nos outros anos todos eu participei nessa parte de organização, cuidando da questão dos monitores da programação científica. (...) 2001, inclusive, aconteceu o fato da sua entrada na SBPC, que foi quando o Aldo orientou, de que, já que eu iria ter uma série de reuniões, era importante que tivesse alguém a mais para trabalhar. E aí eu te convidei para participar junto e, desde então, nós viemos fazendo essa dupla. Porque, de 94 até 2000, eu sempre fiz essa atividade sozinho.

A participação de N5 nas RAs ampliou-se cada vez mais e, em 2016, foi eleito para o cargo de Secretário Geral, principal responsável, junto com a Presidência, na elaboração das diretrizes para as Reuniões da SBPC, sejam as Regionais, as Especiais ou as Anuais. Em todas elas, 21 edições ao longo de 23 anos, esteve a frente da organização dos monitores, em especial daqueles que atuam diretamente na Programação Sênior. Em suas falas aos monitores, deixa muito claro que o papel deles está para além das ações práticas das funções. Eles representam uma cultura universitária e uma cultura do local onde acontece a RA. A “cara” que se quer imprimir à RA passa pelo tratamento que os monitores dispensarem aos participantes,

¹² **Aldo Malavasi** Filho, cientista especializado em genética animal e professor aposentado da Universidade de São Paulo. Foi Secretário Geral da SBPC.

cientistas, estudantes ou curiosos dos mais variados locais do Brasil.

Um aspecto que ficou patente nas narrativas foi o fato das RAs terem sofrido mudanças ao longo dos anos. Assim, **as Mudanças nas RAs** que emergiram das falas estão destacadas a seguir.

N1 - Eu acho que a reunião até que é uma mudança mais lenta. Sinto no meu trabalho. A mudança mais complicada é a política (...), mas, na reunião, uma coisa gozada que me fascina na SBPC, é que entram pessoas com características e formas totalmente diferentes, e você fala: “Agora não vai”, e vai, entendeu? Parece que ela (a SBPC) tem uma proteção. Acho que pelo fato de as pessoas serem de posições diferentes e a diretoria ser indicada individualmente - porque muita gente fala: “tinha que ser chapa” - dá esse dinamismo para ela, ela não fica em uma mesmice.

Esse aspecto elencado pela narradora diz respeito ao fato de as eleições da SBPC não serem por chapas previamente estabelecidas. Para cada um dos nove cargos eletivos, várias pessoas podem inscrever-se. No momento da votação, o associado escolhe qual Presidente, depois quais os dois Vice-presidentes e assim por diante. Ao final, a composição da diretoria tende a ficar uma mescla de tendências políticas e científicas. *Diretorias hegemônicas não são uma tendência.*

N1 - Porque cada um que vem, fala: “Agora é a maior”, imagina. Teve reuniões que não tinha SBPC Jovem, era reunião científica. Não tinha a ExpoT&C. Ela surgiu, acho que há 20 e poucos anos. Não tinha essas agregadas. Era só Ciência, mesmo.

A narradora, contudo, não acredita que as mudanças operadas, com o surgimento de programações paralelas, veio a dispersar o público das RAs. Interessa observar, também, a colocação de que, antes dessas novas programações terem surgido, a RA era “só Ciência, mesmo”. Dando sequência aos destaques de N1, temos:

N1: Eu acho que não separa, porque o público da Jovem não assiste a Sênior. A ExpoT&C você passa, então até atrai, porque tem gente que tem interesse mais na área tecnológica ou

empresarial, e vai e acaba indo também para a Sênior. Penso que não separou. Acho que a Jovem e a ExpoT&C vieram juntas em Recife, e ambas pela Lucia Melo. Essa reunião de Recife foi a seguinte a de 74, acho que 20 anos depois. Mas não separou. Depois teve algumas outras integradas, teve um ano no Sul que teve até SBPC da terceira idade. Aí a indígena não teve só essas últimas, teve uma lá atrás também que até falei para a professora Helena. Mas acho que dependendo do local, faz sentido mais de uma. Muda bastante (por causa da cultura local). (...) Aquele pessoal antigo achava que SBPC é uma sociedade científica e que tem que ter alta ciência e não ficar agregando, porque isso tira ela da rota. (...) A resistência que eu tinha disso, de agora chamarem crianças para a ExpoT&C, nada a ver, uma reunião de grandes cientistas. Agora entendo que foi legal, a ExpoT&C também foi legal. Deve ter outras inovações.

Para a narradora, a mudança em um modelo já de sucesso, com inclusão de mais públicos poderia distorcer os objetivos de uma RA. Esse ponto de resistência vai de encontro justamente ao apregoado pela SBPC em sua fundação e com o lançamento da primeira RA: a discussão dos temas científicos e a divulgação da Ciência. Pelo modelo atual das RA, que incluem programações de acordo com as demandas locais ou nacionais, temos uma tomada de posição pautada na origem da entidade.

Para N4, as mudanças sofridas são de outra ordem, pois afirmou:

N4 - Quanto ao público não digo tanto, mas nas reuniões teve mudança, mais que tudo por falta disso (referiu-se ao financeiro). Porque parece que um tempo a SBPC estava com dificuldade e até pediu para os sócios se poderiam pagar um pouco mais por uns meses. Eu achei que isso iria prejudicar demais. Prejudicou, mas ainda estamos conseguindo fazer as reuniões boas.

N5 - É obvio que a SBPC (mudou), também, sob o ponto de vista do que eu vi lá. Eu peguei o final da ditadura, lá dentro, no início da década de 80. Estávamos naquela transição, na abertura e tal, então era toda uma programação que tinha muito dessa questão da redemocratização do país. Se discutiam Diretas Já, então, a coisa funcionou um pouco nisso. Uma coisa que eu acompanhei foi a entrada da tecnologia e agora a

inovação, então, isso tudo é uma espécie de renovação que a SBPC está tendo, ela está se moldando em função das necessidades do momento. Quando entrei, que era aquela coisa clássica da ciência e aqueles debates científicos, de políticas científicas, de educação, essa coisa toda, que era mais ou menos cristalizado. (...) Hoje, a cada local que você chega, é quase que colocar o ovo de Colombo em pé. Então, esse know-how que a nacional (equipe) tem, propicia que as coisas rolem, com uma certa facilidade. E ao mesmo tempo tem se mostrado um aprendizado muito grande para algumas pessoas, em termos de outros eventos, até mesmo da SBPC. (...) Quem pensaria, por exemplo, na década de 40, que a SBPC pudesse trazer presidenciáveis para lançar suas plataformas, e nós tivemos oportunidade de ver isso, vimos isso em Natal, no Acre, também. Então, são momentos em que tivemos a oportunidade de ver esse debate político, essa efervescência depois da democratização do país e tal. Então, é uma sociedade que tem sabido se adequar e se adaptar aos tempos. Ela não ficou cristalizada, parada e condensada.

Tanto quanto N1, N5 aponta mudanças que podem ser chamadas de mudanças culturais na estruturação das RAs e do que vai discutido e trabalhado nelas, assim como quais são os públicos com quem se quer conversar, interagir, aqueles que estarão participando do processo de divulgação da Ciência.

Tais mudanças alçaram as RAs (e também as Especiais e as Regionais) a um patamar muito distinto, de modo a mudar a percepção que se tem da ciência. Essa pode ser uma generalização sem maior análise de dados, contudo, nas narrativas colhidas, foi possível perceber que justamente **O que mais atrai** os narradores é a presença de públicos e atividades mais variadas, para além da discussão da Ciência da Academia.

N1 - Nós ouvimos alguns depoimentos desse “pessoalzinho” que sai da Jovem que é muito legal. Eu acho bem legal hoje em dia a Jovem. Acho o máximo. No dia da família (Dia da Família na Ciência, desde 2014), você estava em São Carlos, não é? Foi um sucesso. Acho bem bacana, acho que é um papel, sim, da SBPC. Ao contrário de quando começou, nós somos meio resistentes, agora acho perfeito. É muito bom.

A narradora apresenta sua concordância com novas programações e exemplifica com duas muito interessantes: a SBPC Jovem e o Dia da Família na Ciência. Ambas recentes na história das RAs e destinadas a públicos mais heterogêneos. O mesmo pode ser depreendido do narrado por N2:

N2 - Eu acho muito mais interessante uma Reunião Regional, pessoalmente falando, do que uma RA. Uma RA eu não consigo ter um contato muito próximo com o público, em geral. Na Reunião de São Raimundo Nonato, por exemplo, toda a parte da SBPC Jovem fomos nós da SBPC que montamos.

Tal qual N1 e N2, N4 foca sua narrativa quanto ao que mais lhe atrai das RAs nas crianças. Elas, desde a primeira SBPC Jovem, têm tido espaço privilegiado nas RAs. Além disso, muitos estudantes vêm acompanhados de professores e professoras, em grupos de escolas. A divulgação da Ciência e a compreensão de como ela está no cotidiano das pessoas para público bem jovem e para educadores é motor de um efeito multiplicador.

N4 - Agora, outra coisa que eu adoro fazer, é que quando vou na Jovem (...) eu me faço a pessoa mais ignorante do mundo. (...) Vou lá, especulo, pergunto por que isso, por que aquilo. E devem pensar mesmo (que é como a avó deles). 'Fulano vem aqui e não sei o que ela', manda explicar, então, é assim, e é como se estivesse aprendendo mesmo, faço questão de mostrar que estou aprendendo com eles. Você está valorizando o trabalho deles, porque você pode começar a fazer aquela crítica "não é isso", aí ele se sente péssimo. Ou então falar assim: "eu já sabia isso e não sei o quê", não, eu chego lá como a pessoa mais ignorante do mundo. Pergunto as coisas. Eles me explicam certinho. Criança de 7 anos, acho que tem até de 6, sei lá. (...) Por isso que eu estou sempre apta de querer saber as coisas e eu vou em tudo que é reunião, agora passei a ir nos Índios. Tem índio doutor, já, que maravilha. Eles (as crianças) entendem quando está explicando, para que que serve, porque está usando isso, como funciona. Isso que admiro nas crianças e, para isso, todo ano não deixo de ir na Jovem.

Por fim, quanto à característica mais atrativa das RA, N5 deixa claro o aspecto multidisciplinar das RAs, em sua narrativa que segue.

N5 - *O que eu acho, que é muito interessante, é que a SBPC proporciona que as pessoas transitem, não só pelas suas áreas, mas também tomem contato com atividades de outras áreas. Então, ao mesmo tempo em que você está tendo uma atividade de Genética, que é o meu caso, que me interessa, ou Biologia, de modo geral, tem questões que são seções de política, de literatura, de outras áreas, que também temos curiosidade, que não se envolve no dia a dia, por causa das funções que nós temos; e isso nos aproxima, lembramos que estamos em um contexto muito mais multidisciplinar do que aquela coisa restrita da sua área.*

Outro ponto relevante e que tem vínculo grande com o tema da pesquisa é o da **Escolhas dos temas e as diferenças regionais**. Digo isso, porque, partindo do pressuposto de que a Ciência é Cultura, uma atividade itinerante, que há quase 70 anos percorre o Brasil, pode apresentar aspectos distintos em sua configuração, em suas programações. Nas narrativas, alguns elementos permitem entrever esta especificidade cultural científica, dependendo da região do país onde a RA tenha sido realizada.

N1 - *Não tem muita diferença, algumas têm. Acho que isso é mais a Diretoria. Por exemplo, a de São Carlos (em 2015) foi bem Indígena, porque são locais que ainda têm comunidades indígenas. Isso sim.*

N2 - *Às vezes falamos que um cara tem um nome que chamará muita gente, só que aí ele dá um título para sua atividade, que não chama ninguém. Ou, às vezes, o contrário, o título é muito bom, mas o cara não é o especialista no assunto. E, às vezes, não tem público. Não é uma coisa que acertamos. Depende muito da região que a reunião está sendo realizada. Tem determinados temas que no Sul encham de gente, e no Norte e Nordeste, já não. (...) É, por exemplo, nas regiões da Amazônia, as atividades que mais têm público, eu acho que aqui também é uma dessas, são as atividades na área de humanas, Antropologia, Ciências Sociais, mais relacionado à temática que eles vivem no Amazonas. E ao mesmo tempo, as de Biologia, na Amazônia, também são bem fortes. No Sul é mais na área tecnológica, políticas públicas, que sempre tem bastante gente em qualquer lugar, mas depende, também, da pessoa que está lá*

falando. (...) Existe uma comissão formada por gente de todas as áreas do Brasil, e de várias áreas do conhecimento. Se não a reunião fica focada realmente em um único tema. Apesar dessa comissão mista, de pessoas diferentes, de áreas diferentes, áreas geográficas diferentes, acaba tendendo também para o tema da reunião em si. Aqui tivemos bastante da área de humanidades, porque é mais o foco do campus, o estilo dos cursos, as temáticas dos cursos da UFSB são mais voltadas para as áreas de Humanas, então tem bastante atividade da área de Humanas, aqui. Mas eu, como secretária, não interfiro em temas, quem define isso é a comissão. A cultura é essa, é ter uma comissão que represente todas as áreas do conhecimento, e todas as regiões geográficas do Brasil.

N5 - Essa é sempre uma questão que está vinculada à região onde está acontecendo a reunião, os assuntos de interesse. O Acre foi a primeira indígena, e era uma questão assim de que, há muito tempo que estamos vindo em locais em que poderiam ter uma SBPC indígena, mas eles fizeram questão de fazer lá. E já estamos na terceira edição, que está deixando um legado importantíssimo para a Federal aqui do sul da Bahia, que são as ocas, que foram construídas para o evento indígena e que agora serão aproveitadas, quer dizer, a SBPC vai embora e está deixando isso aí. (...) Mas voltando a sua colocação anterior, eu acho que essa questão da definição de programação tem muito a ver com isso, nós sempre ouvimos muito o desejo da região e dos locais, mesmo que haja uma programação, que ela possa se repetir ao longo dos anos.

Nas três narrativas sobre os temas a serem abordados nas RAs, os narradores identificaram diferenças de programação em virtude de necessidades ou anseios das comissões das instituições hospedeiras. As linhas de pesquisa e as áreas dos cursos delas combinam-se com as propostas da SBPC nacional, para imprimir uma marca no evento. Uma marca cultural/científica.

As RAs mobilizam, sobremaneira, as instituições hospedeiras, assim como as cidades por onde passam. Foi observado nas narrativas uma forte percepção dos narradores quanto ao **Legado para as cidades** que as RAs proporcionam. Na sequência, também o legado para as instituições hospedeiras está apresentado.

N1 – Nas Anuais eu fui em todas, Regionais não. Não fui ao Piauí e até hoje ouço que a Reunião Regional do Piauí foi a melhor reunião. Você depois fica sabendo que tem reuniões que viram marcos para a SBPC, marcos para o local. O que marca para mim, eu tomo para a minha vida. Que se você está com a intenção boa, se o motivo é bom e se você se empenha, o resultado é legal. Acho que é isso, não sei explicar com palavras, mas eu sinto.

N2 - Minha filha foi ano passado em São Carlos, ela amou. Ela achou que viria esse ano... então você vê aquelas crianças e que legal isso, eu queria que elas tivessem a oportunidade de ter alguma coisa na vida. Elas abrem a cabeça de uma forma, você não imagina que você vai fazer uma mudança dessas na cabeça de uma criança. Lá em Alcântara (MA) tinha criança que passava fome, ia para a escola para comer e tinha umas que chegavam dizendo que nunca tinham visto um microscópio e diziam: 'Agora eu já sei o que quero ser, quero ser cientista'. Então, o impacto na vida dessas crianças é muito maior que uma RA. (...) Eu acho que elas percebem que têm uma chance de melhorar. Eles pensam: 'Agora vou me esforçar para sair daqui, para fazer alguma coisa, para melhorar minha vida, minha família'. Já ouvimos várias coisas, de monitores mesmo, que são estudantes de graduação, falando que querem continuar, que querem fazer pós-graduação (...) Várias pessoas no Acre falavam que queriam fazer graduação na UFSCar, em São Carlos. E eles foram para a RA porque eles queriam conhecer a UFSCar, que era o sonho da vida deles. E nós proporcionamos, pelo menos, a inscrição gratuita para eles, para os monitores que trabalharam. Então, eles foram super felizes. (...) Acho que o evento aborda desde a ciência básica, até o ensino superior, pós-graduação e tudo mais. Só que no meu ponto de vista, investir mais nas crianças é o caminho. Temos aumentado a quantidade de atividades na SBPC Jovem, eles amam, adoram, sempre participam.

Essas questões de N2 remetem ao já comentado anteriormente, contudo, reforçada com a ideia do legado, das marcas que uma RA deixa numa cidade, na sua população, nos estudantes da Educação Básica, especialmente se era de porte médio ou pequeno. Quanto ao caso de RA em cidades maiores, N2 narra que:

N2 - Não tem o mesmo impacto. São Paulo é cheio de eventos e são eventos específicos. Então, cada um já vai direto na sua área de conhecimento. A maioria dos estudantes tem acesso fácil ao seu professor, que muitas vezes é o palestrante da RA da SBPC. Não estou dizendo que só têm palestrantes paulistas, mas são bastantes, então, eles já vão direto na fonte, então, não tem muito impacto. A reunião de Campinas foi menor que a reunião de Recife, São Luís, em termos de público, não de atividades. O público inscrito foi em torno de seis e sete mil pessoas, enquanto que em São Luís deu 12, 13 mil pessoas. Recife contando com o SBPC Educação, que foi antes, 23 mil pessoas. Então, São Paulo não costuma ser um bom lugar para se fazer uma reunião.

O número de participantes inscritos numa RA suplanta, muitas vezes, o número de alunos da universidade hospedeira e de grupos de estudantes em caravana de outros locais. Uma parte expressiva dos inscritos é de população local, o que reforça a ideia de marcas e legado consistentes quando da realização de uma RA.

N3 - A Regional teve o seu caráter, trouxe muita coisa para a UFS, foi pavimentada a rua do campus, não da frente dos módulos, pela primeira vez a gente ouviu falar num Datashow, porque foi comprado em função dessa Regional. A UFSB criou um site para agendamento das escolas, então, a gente consegue, a partir dele, ter uma ideia de quantas escolas e pessoas nos visitarão. Mas tem de fato essas escolas que aparecem do nada, teve uma escola, por exemplo, que a gente não sabia e veio de Ilhéus, enfrentaram essas 5 horas de estrada para chegar até aqui, e foram uns relatos muitos interessantes, eles falaram para gente que fizeram rifa, até camisa com o símbolo do evento, camisa padronizada para vir pra cá, curtir, e estava todo mundo radiante e feliz da vida por estar aqui. (...) Então, o pessoal está vindo realmente para cá, tem várias escolas que já falaram pra gente, dizendo que não conseguiram agendar o ônibus com a secretaria municipal, e perguntando pra gente se eles poderiam pegar o ônibus circular do centro pra vir pra cá. E outro testemunho interessante é a noite, eu vindo para casa, passando na passarela do descobrimento, que a gente chama, passa lá do alto, é o centro turístico de Porto Seguro, os meninos esperando os ônibus escolares para voltar para casa,

uns com óculos 3D à noite, olhando, e outros com tantos papéis e cartazes que você conseguia identificar tranquilamente que eles tinham conseguido aqui, estava todo mundo curioso e vendo aquilo ali.

Nesse relato anterior, evidenciou que, tanto na sua cidade natal, Feira de Santana, como em Porto Seguro, a RA estabeleceu uma intervenção positiva nas cidades e nos arredores. É, efetivamente, um grande evento científico, mas potente para afetar seus locais de acontecimento.

N3 - O dia da família é esse evento que (...) é o momento da SBPC se abrir, realmente, para que venha toda a família, venha a vó, o tio, o filho, de 0 a 100 anos, traga cachorro, papagaio, para participar. Não só respirar essa parte acadêmica, mas ver toda essa parte de tecnologia que é desenvolvida aqui na ExpoT&C, ver os cientistas e pesquisadores que estão desenvolvendo parques de Tecnologia, Inovação e Ciência, lá na SBPC Jovem. Ainda tem o pessoal do SBPC Cultural que não está desmobilizada, vai fazer atividades culturais amanhã também. Então, é para fazer essa grande festa. Embora o encerramento seja hoje, eu acho que essa grande festa de encerramento vai ser amanhã, esperamos lotar esse campus aqui, estamos brincando, alguns estão fazendo umas apostas de quantas mil pessoas teremos, ficaremos tristes se vierem poucas pessoas, porque, realmente, em Porto Seguro, a competição no final de semana, com orla, com descanso, com tudo isso, é muito complicado. Mas a gente aguarda, realmente, que o pessoal venha para cá. E o fato é que, nessa expectativa de público, que estamos arriscando serem 8 mil pessoas, os monitores estão todos querendo ficar. Quer dizer, todos não, mas boa parte está querendo ficar. Então, cria-se uma marca com a SBPC.

A 'marca' descrita acima traz à tona essa percepção da influência que o evento teve junto às comunidades acadêmicas, escolar e em geral. Durante a apresentação do objetivo da pesquisa com as ENs aos participantes nelas, foi comentado sobre os aspectos culturais da Ciência, da SBPC e das RAs, contudo, a citação da SBPC Cultural apareceu uma única vez. Não foi evidenciada a dissociação específica entre Cultura e Ciência nas narrativas. A narrativa de N5, que segue, traz semelhante percepção ao de N3 sobre o legado do Dia da

Família na Ciência, além de concordar com os demais, ou seja, que cidades menores são afetadas mais fortemente pelas RAs do que as de grande porte.

N5 - Eu acho que têm coisas que são muito emblemáticas. Eu não tenho dúvida de que, desde o Acre, de novo, com a SBPC da Família, as crianças vêm durante a semana, veem coisas e trazem, fazem questão que seus familiares venham junto para verem novamente, então, essa é uma questão que eu acho que puxamos para dentro da SBPC uma parte da comunidade que não podia acompanhar, deixando esse sábado a mais, quando as pessoas podem fluir e acompanhar. Acho que isso é um legado importante, porque estamos mostrando a Ciência para pessoas que, às vezes, talvez não tivessem, nunca, a ideia do que fossem essas questões. A chegada da ExpoT&C é uma coisa muito importante, porque é uma grande feira de Ciências, não é uma questão de sentar e ouvir palestras, que são, às vezes, meio herméticas, sob o ponto de vista muito especializado, mas é você viver aquela coisa, o que ciência produz. Então, esse é um legado que eu acho importante, pois envolve as cidades. Têm cidades que isso mobiliza completamente, eu me lembro do Maranhão, não sei se em 1998, não me lembro exatamente da data, mas que eu fui a um shopping (...) e eu lembro de uma menina me perguntando, “você está nesse evento? Eu até esqueci, eu tenho que pegar a inscrição da minha mãe.” Quer dizer, a cidade inteira veio para dentro da universidade. E eu não tenho a menor dúvida de que a SBPC acontece, faz sentido e pesa, de fato, nos centros menores, distantes das capitais, por exemplo, ou em capitais no Acre ou em Porto Seguro.

Mais especificamente, no que tange ao Legado para as universidades hospedeiras estão transcritas três falas de narradores que podem trazer mais elementos para a discussão.

N2 - O principal legado da SBPC acho que é o desejo das pessoas de continuarem a buscar aprimorar seus conhecimentos em sua área, ou abrir seus horizontes, procurar outras coisas, outras áreas de atuação também. Visivelmente vemos que a universidade se transforma. Com a reunião da SBPC, a universidade é obrigada a arrumar suas instalações, então, para

isso ela busca auxílio no MEC ou outras instituições, para arrumar sua estrutura física.

N3 - Eu sabia do quanto isso (trabalhar numa RA como monitor) poderia potencializar as competências, poderia potencializar as paixões dos nossos estudantes, vivenciando esse evento não só como participante, mas como monitor. Porque como monitor, você conhece os bastidores, conhece os problemas, você sabe das limitações, enquanto participante você está meio que recepcionando o que estão te oferecendo, enquanto monitor, você consegue ser parte inclusive de momentos de intervir e mudar a história daquilo ali. (...) Eu respondendo o pessoal (pelos aplicativos de smartphones). E foi muito interessante o pedido de compartilhar Snapchat, WhatsApp, Facebook, ou seja, vários contatos. Os estudantes embora sejam da mesma instituição, inclusive muitos deles do mesmo curso, porque os cursos daqui são replicados nos 3 campi, os cursos de primeiro ciclo, eles não se conhecem. A monitoria e essa participação no SBPC permitiu essa aproximação acontecer. Muitos deles, inclusive, já estão falando no WhatsApp para marcar de fazer um componente em Teixeira (um dos campi da UFSB) ou em Tabuna (um dos campi da UFSB), aí já falam: “mas você vem para cá pra pouso? Vai ficar em minha casa.

N5 - Nós temos encontrado alunos que foram monitores nossos em uma série de reuniões e que vão na próxima, que nos procuram, que lembram e agora estão em uma condição de visitante, não mais aquela de trabalhar no operacional. (...) Isso é uma coisa muito impressionante (legado para as universidades). Hoje, eu estava dando uma entrevista para a Cláudia (Cláudia Levy, Secretária Geral da SBPC, em 2016) para uma rádio de São Carlos (...) e aí ela começou a dizer o número de inscritos e tal, de onde eram suas origens, a primeira, obviamente, era Bahia, depois São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, e quinto lugar estava o Acre (com estudantes da UFAC).

Essas três narrativas especificam um pouco mais a ideia de legado que as RAs da SBPC deixam nas cidades hospedeiras, assim como nas universidades hospedeiras e em sua comunidade acadêmica.

As pessoas fazem uma RA. Elas podem ser eventos para 4, 10, 13 ou 20 mil pessoas, mas há um grupo relativamente pequeno que se mobiliza para que tudo esteja de acordo com as demandas da instituição hospedeira, do público participante e dos convidados a ministrar conferências, simpósios etc. Este tópico foi denominado de *Pessoas da SBPC* e traz narrativas a respeito de duas pessoas que marcam de tal maneira as RAs que seus nomes surgiram em mais de uma narrativa.

N1 – (Falando de antigos Presidentes da SBPC) Aziz¹³. Acho que sim. Mas ele... quem foi antes dele? (...) Ele tinha uma coisa de ser um professor nato, uma dedicação que até nos incomodava, porque ele queria explicar a atender qualquer um a qualquer hora, explicar tudo. Podia ser um cara que subiu na Maria Antonia (rua da Sede da SBPC em São Paulo), e quero ver o que é isso... E ele cheio de coisa para fazer, aí eu falava... Ele era o presidente, estava na salinha e eu falava: “Professor Aziz, não pode, porque agora ele está em uma reunião...” E ele era mais do que antenado, era bruxo, vidente... Porque você pensava, ele chegava na SBPC, às cinco, seis horas já, porque dormia para a janta. Aí ficava até meia noite, uma hora. Aí todo dia ele falava que ia vir mais cedo. (...) Então, ele era demais. Mas aí se chegasse alguém e você tentasse despachar, não tinha nada a ver, ele falava que não, ele ia atender. Ele tinha colocado aqueles mapas de satélites, aqueles que tinham no corredor do SBPC, sabe? E ficava explicando as imagens de satélites, o que era aquilo, as formações geológicas... tudo. Ele era um professor nato, o que você perguntasse para ele... então foi uma lição de vida, um desprendimento.

N3 - Em 2001, (...) eu me meti na comissão de transporte, aí tive o enorme prazer de conhecer, por exemplo, trazer do aeroporto para o campus (...), os professores, os papas e, por exemplo, ter contato com Aziz Ab’Saber (...) teve engarramento e ele veio mapeando toda a cidade de Salvador, já tinha estudado aquilo ali e dando toda uma aula dentro de um furgão, saindo do aeroporto até o campus (...). Aziz Ab’Saber para mim

¹³ Aziz Ab’Saber (1924-2012) foi um grande estudioso da geomorfologia brasileiro. Estudioso da geografia aliada à natureza, é um dos autores da teoria dos refúgios, que explica a formação das chamadas linhas de pedra na geografia brasileira.

era um nome (...) e esse nome se revela pra mim na aula de Geologia. Ali foi o meu primeiro contato, já sabia quem era com essas aulas de geologia. (...) O Aziz, logo quando entrou no furgão já veio querendo saber quem eu era, de onde eu estava vindo, se estava gostando do evento, já procurando saber... praticamente me mapear, e a partir disso começou a rolar uma conversa interessante, ele começou a dar não uma aula especificamente, mas falando de vários temas, principalmente relacionados a Salvador, ao Recôncavo da Bahia, como que ele se estruturava geologicamente.

Em conversas com os monitores, ao longo dos anos de participação nas RAs, eles afirmaram que gostaram muito de terem conhecido pessoalmente autores dos livros lidos quando estudavam na universidade. Até sua última participação nas RAs, o professor Aziz Ab'Saber foi referência dos estudantes e monitores. Os relatos dos contatos intelectuais e prazerosos é de que tinham uma nova meta: serem professores, cientistas, profissionais que atuassem e interagissem com as pessoas nos moldes do professor Aziz.

Outras duas narrativas trazem como nome de referência nas RAs a professora Maria Fuentes, que foi uma das narradoras na pesquisa.

N2 - Nós temos a dona Maria Fuentes, que participa há 50 anos da reunião da SBPC, acho que desde a fundação. A dona Fuentes, aquela senhora que todo ano vem. Ela foi, inclusive, conosco naquele passeio na Chapada dos Guimarães. A dona Maria Fuentes é sócia da SBPC. Acho que ela é ex-professora da USP, é idosa, está bem velhinha. Esse ano ela veio com o genro dela. O ano passado para São Carlos ela não foi, porque estava doente, e ano retrasado ela foi para o Acre. Eu acho que seria interessante você entrevistar ela. Encontrei com ela hoje aqui.

N1: Fiel, ela participa. Tudo que ela pode ela assiste. A dona Fuentes sei que fizemos uma entrevista com ela, não lembro quem entrevistou, mas tem uma entrevista. Ela estava aqui no campus. Se você olhar em algum... Vou dar uma olhada depois ali nos auditórios e ver se encontro ela. Pode ser que tenhamos inclusive nos registros o telefone para contato, ou algo assim.

Por distintas razões, professor Ab'Saber e professora Maria Fuentes são marcantes junto aos organizadores das RAs e, creio, têm servido de exemplo para nominar pesquisadores com trato humano para com todos.

N5 traz em narrativa não um único nome, mas da equipe da SBPC nacional, com os funcionários que mais regularmente vêm às RAs e interagem com os membros das comissões locais e convidados para organização.

N5 - Eu acho que, em um primeiro momento, o que me vem a cabeça é o sentido de equipe. Então, essa é uma coisa que eu aprendi muito, a trabalhar em equipe, essa questão da divisão de trabalho, porque eu sou uma pessoa muito centralizadora e perfeccionista, então eu confio pouco, às vezes, nas pessoas, e a SBPC tem me dado uma tranquilidade muito grande, porque eu sei que o trabalho da Fernanda vai ser bem executado, o trabalho do Tiago também, da Nicinha, de todos.

Diante das narrativas, ao final, foi feita uma pergunta aos narradores: **O que te afeta mais nas RAs?**

As falas foram das mais diversas ordens, mas em cada uma delas ficou claro que o envolvimento com um evento desse porte, mas que, ao mesmo tempo, tem uma característica de proximidade com os participantes, deixou boas lembranças.

N1 - Enfrentava essas coisas de estourar auditório, tem fotos que vou te mandar de reunião no Maranhão, não essa recente, uma anterior, que as pessoas subiam... tinham janelas, no parapeito, e ficavam. Tem fotos que tiramos que dava até medo de as pessoas se machucarem, e tudo isso para ouvir um grande cientista falando. (...) Então, acho que é tipo assim, você ver uma coisa acontecer, que depende de tanta gente e que tem tanta coisa errada, porque nós que estamos nos bastidores vemos as coisas erradas. Tem tanta coisa errada, não foi, não está pronto, mas que no fim dá certo. É uma lição de vida para mim, porque é um empenho das pessoas, é a grandeza que faz acontecer, é como se fosse um milagre. Às vezes você olha e fala que vai dar errado, se vier para cá vai dar tudo errado, e fulano fez isso, eu esqueci de fazer aquilo, nossa vai dar tudo errado... e dá certo. (...) Acho que isso só na SBPC, mesmo, acho que isso também mantém ela. E é gozado, porque as pessoas que trabalharam há anos, às vezes em reuniões você

ainda encontra gente assim. Fica no sangue. A impressão é que a SBPC fica no sangue. Você ouviu isso das pessoas, é isso.

N2 - São várias lembranças, algumas boas, outras ruins, outras excelentes, outras nem tão boas assim. Eu fiquei muito emocionada na reunião ano passado, que foi em São Carlos, porque é minha região, de onde vim, e quando eu morava no interior eu nunca tinha ouvido falar em SBPC. Quando cheguei para fazer a entrevista da SBPC, eu falei: "O que é isso?", eu achei que era uma coisa de malucos. Hoje, tenho certeza. (...) Amigas minhas vindo lá da cidade para participar do evento. Então, fiquei muito emocionada, eu consegui levar minha filha, minha irmã, meu cunhado e minha sobrinha para o evento e foi uma que me marcou, apesar de recente, com coisas muito boas. Trouxe-me recordações da infância.

N3 - Me arrepiei completamente, lá na SBPC Jovem, ao ver o pessoal de Ilhéus chegando, porque eu vejo as escolas, agora, de Porto Seguro, chegando, fico entusiasmado, acho interessante, mas a gente correu muito esse território Sul da Bahia, divulgando...

N4 - Sinceramente, de ir aprendendo mais e se puder ajudar em algo, para ajudar também. Por exemplo, nesse (encontro de Bioquímica Internacional) eu vou sempre mais para aprender, porque tem gente de todas as partes do mundo. Esse nosso (RA da SBPC de 2017) vai ser em Minas Gerais, já disseram porque eu que fico perguntando. (...) Tenho coleção de pastas, nem sei desde quando. Às vezes, quando ganho em duplo por algum motivo - agora parece que ganhei em duplo um - , eu dou para algum sobrinho, alguém que está precisando. Mas material dou quando é estudante. Falo assim: "sei que você ainda não está nessa fase, mas já pode ir lendo", por exemplo, vou dar para os sobrinhos lerem. Já tenho alguns que até esperei para dar e eu faço questão de dar para as pessoas jovens. Para estudarem.

N5 - Acho que foi na PUC de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no final da semana, os alunos me entregaram - acho que você não estava naquela - um presente e fizeram um cartão lindo, que eu, inclusive, tentei achar para resgatar nessa coisa toda, onde eles agradeciam o ensinamento daquela vivência. Eles admiravam a forma competente com que eu geri aquela

situação. Eu estou usando as palavras deles, não que eu ache que isso acontece; mas é isso, você ter o reconhecimento dessas pessoas.

As narrativas dos cinco entrevistados apresentaram pontos em comum, como a satisfação em participarem do evento, seja na concepção, na organização, na vivência nos dias em que as RAs estão acontecendo a “pleno vapor”, no reconhecimento do trabalho relevante que sustentam ter a SBPC na divulgação da Ciência e, muito mais que isso, na disseminação de uma Cultura toda especial que pode contribuir para a mudança da vida de jovens, sem deixar de lado a conscientização da sociedade quanto ao seu papel frente à Cultura Científica.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou evidenciar, na percepção das pessoas narradoras e na organização das Reuniões Anuais da SBPC, de que forma a Ciência e a Cultura estão entremeadas. Tendo por classificação, dessa forma, que a Ciência é uma Cultura específica, que estaria no imaginário da sociedade atual.

Trabalhar com o conceito de Ciência como Cultura implica assumir que a ciência deve ser um objeto de estudo tão importante como literatura e artes, visto ser ela identificada nos múltiplos aspectos da vida, sejam ligados ao desenvolvimento do homem, às condições de saúde, ao ambiente, mas sem deixar de tê-la como Ciência para o consumo, que implica, por exemplo, ao cidadão saber se valerá a pena pagar mais por um eletrodoméstico que consuma menos energia. Ciência como Cultura implica, também, na busca de mais justiça social e para melhorar o pensamento crítico, que carece de um trabalho prático de qualidade e discussão de problemas de resposta não linear. Sendo assim, tão intricadamente relacionada com a vida de todos, a Ciência/Cultura é de se esperar que haja intensa divulgação entre a coletividade.

Os meios de comunicação são privilegiados divulgadores de modos de pensar e agir derivados das atividades científicas, em quaisquer de suas áreas. A imprensa escrita, as TVs e, mais recentemente, a Internet, destacam-se como autoridades intelectual e moral do discurso científico. Um ponto merece reflexão. E a Escola? E as Associações Científicas? Como estão envolvidas no processo de divulgação do discurso da Ciência? Apresentam-se como dissociadores da Ciência com a Cultura ou são, ao contrário, favoráveis a não disjunção?

Esse foi um ponto perseguido pela pesquisa. Não diretamente com a escola, mas com uma forma de divulgação científica que ocorre há 70 anos no Brasil. Foi na escuta dos narradores e das narradoras, assim como na Programação Sênior da SBPC, que se procurou compreender um pouco mais de que forma as RAs salientam a unidade Cultura e Ciência.

As pessoas vivem imersas no universo das histórias. Nossas sensações e experiências podem ser compartilhadas por meio das histórias, atingindo um número grande de pessoas, passam a ter um pouco de nós. Há muitas formas de narrar algo. Desde as histórias contadas em uma sala de aula por um

professor até as narrativas científicas, que conhecemos por inúmeros nomes (Palestras, Conferências, por exemplo)

Vivemos, atualmente, o tempo da informação. A informação, por ser facilmente acessível, esvazia o saber. Isso porque o saber exige assimilação e internalização. Um tempo que é acelerado. Já o tempo das histórias segue um ritmo mais tranquilo, visto ser o tempo da memória e da sabedoria. Ele flui, sem sobressaltos, suspenso, por vezes, o aqui e agora. É capaz de deslocar para outro tempo.

Pelo estudo dessas narrativas, foi possível compreender elementos acerca da identidade de quem as contou, mas também sobre as forças ideológicas que subjazem ao texto. As narrativas, expressas pela oralidade, foram entendidas como um acontecimento, um evento que ocorreu na presença de outra pessoa, o pesquisador/ouvinte.

A oralidade, que parece suplantada pela escrita e a imagem, é realmente potente, pois não há como se expressar sem a voz, com sua potência de ação. Pela oralidade, discursamos e nos comprometemos. Não uma voz solitária, mas fortemente ligada ao corpo do narrador. Esse, também, comunica. Assim, quando se observa o narrado, está-se tratando da materialidade de um discurso, que abarca voz e corpo de quem fala, assim como a presença de um outro, que interage, alterando a produção de sentidos.

O método qualitativo das ENs permitiu a abordagem de questões relacionadas ao campo (as RA) e aos entrevistados. Por meio das narrativas foi possível capturar as tensões do campo, com os posicionamentos, às vezes uníssonos e, em outras, díssonos. As narrativas permitiram ir além da transmissão de informações ou conteúdo, revelando a experiência, fundamental à compreensão tanto dos sujeitos entrevistados individualmente, como do contexto em que estavam inseridos.

O método de pesquisa por narrativas rompeu com a tradicional forma de entrevistas baseadas em perguntas e respostas, e revelou-se um importante instrumento para a investigação em curso. Também, apresentou dados capazes de produzir conhecimento científico, de combinar histórias de vida a contextos sócio-históricos, tornando possível a compreensão dos sentidos que produzem mudanças nas crenças e valores que motivaram ações dos narradores.

A associação do método das ENs com a análise do conteúdo das Programações das 14 RAs da SBPC possibilitou inferir que, a despeito de haver uma menor participação do tema Cultura em relação a outros campos da Ciência, há relevante contribuição para o desenvolvimento de uma percepção de que a Ciência não está mais tão encastelada, pouco acessível aos públicos não acadêmicos.

Atividades como a Programação SBPC Jovem foram identificadas como capazes de aproximar estudantes da Educação Básica da Ciência, compreendendo-a como integrante de suas vidas e não como meta inalcançável, aberta apenas a poucos iluminados. As narrativas, sem distinção, apresentaram a presença de jovens na SBPC como fator indispensável na popularização da Ciência, mas sem a banalização.

Os narradores relataram o imenso prazer que sentem em encontrar o jovem junto da divulgação científica de alto nível. Não apenas os jovens estudantes, mas também seus professores podem usufruir do mais relevante em produção de Ciência Nacional e muitos de seus desdobramentos tecnológicos.

As Programações presentes nas RAs somam-se compondo um mosaico fluido, deixando entrever o que é a Ciência e sua relação com as diferentes culturas nacionais, tais como os regionalismos, os grupos étnicos e os interesses por áreas diversas do conhecimento.

Justamente, as múltiplas áreas do conhecimento contempladas nas RAs são, igualmente, propiciadoras de uma visão ampla do conhecimento científico. A SBPC Indígena, SBPC Afro, SBPC Cultural são algumas dessas atividades que trazem à academia e ao público em geral a amplitude do olhar. Esta característica de uma reunião da SBPC diverge do modelo recorrente entre as sociedades científicas, em geral, que discutem várias temáticas, mas todas abrigadas num grande guarda-chuva conceitual. Nas RAs, as mais de 100 sociedades associadas estão representadas e divulgando a públicos heterogêneos suas produções. Do trânsito de pessoas com um determinado interesse por atividades de áreas tão diversas há um potencial de novos olhares, de enriquecimento cultural e de compreensão e ação interdisciplinares.

Outro ponto relevante é a característica de ser itinerante das RAs, isso faz uma outra mescla. Internamente, os saberes estão mesclados e, externamente, as culturas dos diversos

pontos desse vasto país trocam conhecimento, pela mobilidade de estudantes inscritos e de pesquisadores, apresentando trabalhos de suas áreas, que dificilmente poderiam acontecer sem a força de um evento deste.

É possível pressupor que, da participação de estudantes da Educação Básica, Universitários de Graduação e Pós-Graduação, de Professores e Cientistas e colaboradores/organizadores, amplie-se a compreensão da Ciência como uma atividade humana, entre tantas outras (Arte, Religião, Educação etc.), e sua estreita identificação com a Cultura.

Por fim, como quem lê um livro e percebe pontos novos nas leituras subsequentes, conferindo novos sentidos ao texto, diante dos registros audiovisuais e impressos, filtrados pelo interesse pessoal, todos sentimos o que o momento e a bagagem cultural individual permitem sentir. E é dessas leituras e interpretações que se constituiu este texto.

Não estão apenas no leitor e na obra os símbolos e as representações, mas na interação entre ambos no momento específico da leitura.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

ANDRADE, Elenise C. P. e CARVALHO, Luiz Marcelo. O Pró-Álcool e Algumas Relações CTS concebidas por alunos de 6a série do Ensino Fundamental. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 8, n. 2, p. 167-185, 2002.

AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**. 3ª ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1963.

BAUER, Martin W: Gaskell, George. **Pesquisa Qualitativa com textos imagem e som**. Rio de Janeiro, Vozes, 2ª ed., 2003

BAUER, Martin W.; JOVCHELOVITCH, Sandra. Entrevista Narrativa. in: BAUER, Martin W.; GEORGE, Gaskell. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989. p. 59-73.

CAMPOS, Alessandra Tomé. **Narrativas de professores no Ensino Tecnológico**. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) Programa de Pós-Graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus.

CASTELLS, Manuel. **Communication power**. Oxford University Press. 2013.

CATAPAN, Araci Hack. **Tertium: o novo modo do ser, do saber e do apreender: Construindo uma Taxionomia para Mediação Pedagógica em Tecnologia de Comunicação Digital**. Tese

(Doutorado em Mídia e Conhecimento). Florianópolis: UFSC, 2001. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/79393/179712.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 ago. 2017..

CEREZO, José Antonio López; Luján, José Luis. Cultura científica y Participación Formativa. In: **Percepción Social de la Ciencia**. Madrid: UNED Ediciones, 2004.

CHICARINO, Angélica da Graça Gonçalves Palmeira. **Cultura Científica**: um estudo da relação entre cientistas. 2009. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho. Bauru.

CLANDININ, D. Jean e CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DUCROT, Oswald. **Provar e Dizer**: Linguagem e lógica. Tradução de Maria Aparecida Barbosa, Maria de Fátima Gonçalves e Cidmar Teodoro Pais. São Paulo. Global Editora.1981.

DURANT, John. O que é alfabetização científica? In: MASSARANI, Luisa; TURNEY, Jon; MOREIRA, Ildeu de Castro (Org.). **Terra Incógnita**: a interface entre ciência e Público. Rio de Janeiro: Vieira & Lent; UFRJ; Casa da Ciência; Fiocruz, 2005.

FOUREZ, Gérard. **A construção das Ciências**: Lógicas das invenções científicas. Lisboa, Instituto Piaget, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LCT Editora, 1989.

HALL, Stuart. A centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação on-line**. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br>>. Acesso em: 30 maio 2017.

IRWIN, A. **Ciência cidadã**: Um estudo das pessoas, especialização e desenvolvimento sustentável, Piaget: Lisboa, 1998.

LANKSHEAR, Coliun e KNOBEL, Michele. **Pesquisa Pedagógica**: do projeto à implementação. Porto Alegre, Artmed, 2008.

LATOOUR, Bruno. **A ciência em ação**. Editora Unesp: São Paulo, 2011.

LATOOUR, Bruno e WOOLGAR, Steve. **A vida de Laboratório**: A produção de fatos científicos. Rio de Janeiro, Relume, Dumará, 1997.

LATOOUR, Bruno. **Ciência em Ação**. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo, UNESP, 2000.

LÉVI-STRAUSS, C. **Raça e História**. 1ª ed. São Paulo: Presença, 2000.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MILLER, Steve. Os cientistas e a compreensão pública da ciência. In: MASSARANI, Luisa; TURNEY, Jon; MOREIRA, Ildeu de Castro (Org.). **Terra Incógnita**: a interface entre ciência e Público. Rio de Janeiro: Vieira & Lent; UFRJ; Casa da Ciência; Fiocruz, 2005.

MUYLAERT, Camila Junqueira; SARUBBI JR, Vicente; GALLO, Paulo Rogério; ROLIM NETO, Modesto Leite; e REIS, Alberto Olavo Advincula. **Entrevistas Narrativas**: um importante recurso em pesquisa qualitativa. Rev. Esc. Enferm. USP 2014; 48 (Esp2):193-199. Disponível em: <www.ee.usp.br/reeusp/>. Acesso em: 24 de outubro de 2016.

POPKEWITZ, T.; Bloch, M. Em **A difusão mundial da escola**; Nóvoa, A.; Schriewer, J., eds.; Educa: Lisboa, 2000, p. 41.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. In: **Projeto História**, nº14, São Paulo: EDUSC, 1997, p. 7-24.

PRIGOGINE, Ilya. A flecha do tempo e fim das certezas. In: MATSUURA, Koichiro. **As chaves do século XXI**. Lisboa, Instituto de Piaget, 2000 p 23-37.

REIS, Pedro Rocha. **As narrativas na formação de**

professores e na investigação em educação. Nuances: estudos sobre educação. Presidente Prudente, v. 15, n. 16, p.17-34, jan-dez. 2008.

SANTOS, M.E.; **Que Educação? Para que Cidadania? Em que Escola?** Santos-Edu: Lisboa, 2005, vol. 2, p. 32, 42, 66, 157/8.

SANTOS, Maria Eduarda Vaz Moniz dos. **Ciência como cultura** - paradigmas e implicações epistemológicas na educação científica escolar. Quím. Nova vol.32 no.2 São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-40422009000200043>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian e PFAFF, Nicole. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 210-222.

VOGT, C. **A espiral da Cultura Científica**. ComCiência, Jul. 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/cultura/cultura01.shtml> >. Acesso em: 12 jul. 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – DADOS COMPLETOS DAS ATIVIDADES DA PROGRAMAÇÃO SÊNIOR DAS RAS, CUJA TEMÁTICA FOI CULTURA (2004-2017)

56ª REUNIÃO ANUAL – 18 a 23/07/2004 – UFMT – CUIABÁ/MT
 CIÊNCIA NA FRONTEIRA: ÉTICA E DESENVOLVIMENTO
 Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/livro/56ra/home.htm>>.

CONFERÊNCIAS

1 A LÍNGUA DO ESTADO E AS LÍNGUAS DO POVO:
 DIVERSIDADE, CIVILIZAÇÃO E CULTURA

Conferencista: Eduardo Junqueira Guimarães (UNICAMP).

Apresentador: Aryon Dall'Igna Rodrigues

Entidade proponente: Sociedade Brasileira para o Progresso da
 Ciência – SBPC.

2 CIÊNCIA E TECNOLOGIA NA AMAZÔNIA - ASPECTOS
 CULTURAIS, ECONÔMICOS E POLÍTICOS

Conferencista: Adalberto Luís Val (INPA).

Apresentador: Regina Pekelmann Markus

Entidade proponente: Sociedade Brasileira para o Progresso da
 Ciência – SBPC.

3 CULTURA, DESENVOLVIMENTO E GLOBALIZAÇÃO

Conferencista: Gustavo Lins Ribeiro (UnB).

Apresentador: Yvonne Maggie

Entidade proponente: Sociedade Brasileira para o Progresso da
 Ciência – SBPC.

SIMPÓSIOS

1 A DEMOCRACIA NO BRASIL: DESAFIOS SOCIAIS,
 POLÍTICOS E CULTURAIS

Coordenador: Maria José de Resende (UEL)

As dificuldades de efetivação da democracia no Brasil:
 reconstruindo o debate intelectual e político proposto por Celso
 Furtado.

Expositor(es):

Marcos César Alvarez (UNESP) Democracia, cidadania e
 políticas públicas de segurança.

Ileizi Luciana Fiorelli (UEL) Estado, democracia e educação

Entidade proponente: Sociedade Brasileira de Sociologia - SBS

2 ARTIMANHAS DO PLANEJAMENTO URBANO: MODERNIZAÇÃO E PATRIMÔNIO CULTURAL

Coordenador: Brasilmar Ferreira Nunes (UnB)

Espaço social planejado e heterogeneidade social.

Expositor(es): Ana Elizabeth Medeiros (UnB) Modernidade e patrimônio histórico.

Sônia Marques (UFRN) A prática do planejamento urbano e o campo da arquitetura no Brasil

Entidade proponente: Sociedade Brasileira de Sociologia - SBS

3 CIÊNCIA, CULTURA E ARTE NA BUSCA DE FORMAS NOVAS E CRIATIVAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Coordenador: Luisa Massarani (FIOCRUZ)

Um panorama de iniciativas alternativas de comunicação em ciência.

Expositor(es):

Isabel Azevedo (UFRJ).

Carlos Palma (ACP Cultural) ArteCiência no Palco

Entidade proponente: Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência - ABCMC

4 DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL - A SOCIEDADE E O ESTADO

Coordenador: Aryon Dall'Igna Rodrigues (UnB)

Algumas notas sobre diversidade linguística e Estado no Brasil.

Expositor(es):

Lívio Sansone (UFBA) O Estado e o multiculturalismo: uma reflexão sobre alguns países norte-europeus e o Brasil.

Bela Feldman-Bianco (UNICAMP) Globalização, antigos imaginários e reconstruções de identidade.

Entidade proponente: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC.

5 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CIDADANIA

Coordenador: Ildeu de Castro Moreira (MCT).

Expositor(es):

Mônica Teixeira (TV Cultura/SP) O caso da indústria farmacêutica.

Marcelo Leite (FSP) Caminhos e descaminhos do debate sobre biotecnologia no Brasil.

Entidade proponente: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC.

6 OS SUJEITOS DOS DISCURSOS CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO EM BUSCA DE SEUS VALORES

Coordenador: Cidmar Teodoro Pais (USP)

Publicidade e propaganda nos discursos científico e tecnológico: confrontos éticos e políticos.

Expositor(es):

Alice Maria Teixeira de Sabóia (UFMT) O conhecimento da linguagem e a linguagem do conhecimento.

Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista (UFPB)

Investigação científica e cultura regional: confrontos.

Entidade proponente: Sociedade Brasileira de Professores de Linguística – SBPL.

7 SAÚDE E DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL

Coordenador: Madel Therezinha Luz (UERJ).

Expositor(es):

Maria Clara Vieira Weiss (UFMT) A saúde da população indígena.

Maria Inês da Silva Barbosa (UFMT) A saúde da população negra

Entidade proponente: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – ABRASCO.

8 TERMINOLOGIA TÉCNICO-CIENTÍFICA: CONFRONTOS ÉTICOS, CULTURAIS E POLÍTICOS

Coordenador: Maria Aparecida Barbosa (USP)

Terminologia técnico-científica: diálogos transdisciplinares.

Expositor(es):

Maria Luisa Ortiz Álvarez (UnB) A terminologia técnico-científica como representação da nova ordem internacional: desdobramentos e interpretações.

Marieta Prata de Lima Dias (UFMT) Especificidades terminológicas do Código Penal Brasileiro e do Código Penal Português: ética e legalidade

Entidade proponente: Sociedade Brasileira de Professores de Linguística – SBPL.

57ª REUNIÃO ANUAL – 17 a 22/07/2005 – UECE – FORTALEZA/CE

DO SERTÃO OLHANDO O MAR, CULTURA E CIÊNCIA:

Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/>>.

CONFERÊNCIAS

1 CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA: O BRASIL DIANTE DO CRESCIMENTO DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS NO MUNDO

Coordenador: Paulo Cesar Miguez de Oliveira (MINC).

Expositor(es): Cláudia Sousa Leitão (SECULT/CE)

Entidade proponente: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC.

2 A ARTE CONSTRÓI O QUE A MISÉRIA DESTRÓI: PROJETO QUATRO VARAS.

Conferencista: Adalberto de Paula Barreto (UFC)

Entidade proponente:

Sociedade Científica de Estudos da Arte

SIMPÓSIOS

1 CULTURAS E CULTURAS: DOS "LUGARES REMOTOS" AOS "CENTROS URBANOS".

Coordenador: Eduardo Junqueira Guimarães (UNICAMP)

Designação e significação do real: Disputa atual na música brasileira.

Expositor(es):

Berenice Abreu de Castro Neves (UECE) "Festas, ventos ruins, chuva e temporal": A viagem Fortaleza-Rio de Janeiro. (14 de Setembro – 15 de Novembro de 1941).

Tânia Clemente de Souza (UFJF) Conflito de olhares: a mulher índia

Entidade proponente: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC.

2 DE QUE AMANHÃ SE TRATA? CIÊNCIA, CULTURA E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NO OLHAR DA CRÍTICA EMANCIPATÓRIA

Coordenador: Jorge Romeu Paiva (Práxis).

Expositor(es):

Robert Kurz (Revista Exit)

Anselm Jappe (Revista Exit) A ciência e a emancipação humana.
De um obscurantismo a outro?

Maria Tereza Ricci (Revista Exit) O ócio e a emancipação
Entidade proponente(s): UECE em Associação com Instituto
Filosofia da Práxis, UFC, UVA - UECE/Práxis/UFC/UVA

3 DIMENSÕES LOCAIS E TRANSVERSAIS DA CULTURA - SOB O CÉU DO SERTÃO

Coordenador: Irllys Alencar Firmo Barreira (UFC)

O sertão na cidade e a invenção das tradições.

Expositor(es):

Beatriz Maria Alasia de Heredia (UFRJ) Novas lideranças, novas
facções: a velha política.

Maria Sulamita de Almeida Vieira (UFC) Na pisada dos retirantes,
um outro sertão

Entidade proponente: Associação Nacional de PG e Pesquisa em
Ciências Sociais – ANPOCS.

4 OS POVOS INDÍGENAS NO CEARÁ E NO NORDESTE: PERSPECTIVAS PLURAIS, POLÍTICA E CULTURA

Coordenador: Carlos Guilherme Otaviano do Valle (UFRN).

Expositor(es):

Luis Manuel do Nascimento (Tribo Tremembé) Os povos
indígenas no Ceará e no Nordeste.

Isabele Braz (UFC)

Entidade proponente: Associação Brasileira de Antropologia –
ABA.

5 PLANEJAMENTO, SOBERANIA E SOLIDARIEDADE: PERSPECTIVAS PARA O TERRITÓRIO E A CIDADE

Coordenador: José Antônio Gomes de Pinho (UFBA)

Gestão urbana e regional: processos, metodologias e
formulações teóricas.

Expositor(es):

Cibele Saliba Risek (USP) Cidade e cultura: alteridade,
sociabilidade e diversidade na construção do espaço.

Jair do Amaral Filho (UFC) Novos recortes de território

Entidade proponente: Associação Nac. de PG e Pesq. em Planej.
Urb. e Regional – ANPUR.

6 TRADIÇÃO ORAL, LITERATURA POPULAR, DISCURSOS ETNO-LITERÁRIOS

Coordenador: Cidmar Teodoro Pais (USP)

Os discursos etno-literários, a função mítica e os valores da cultura.

Expositor(es):

Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC) O linguístico e o cultural nos contos populares paraibanos.

Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista (UFPB) Poesia oral, romancelo e cancionero tradicional popular.

Entidade proponente: Sociedade Brasileira de Professores de Linguística – SBPL.

58ª REUNIÃO ANUAL – 16 a 21/07/2006 – UFSC – FLORIANÓPOLIS/SC

SBPC&T SEMEANDO INTERDISCIPLINARIDADE

Disponível em: <<http://www.sbpnet.org.br/livro/58ra/>>.

MESAS-REDONDAS

1 CULTURA: SEMEANDO INTERDISCIPLINARIDADE

Debatedor e Moderador: Marcelo Ridenti (UNICAMP).

Debatedor(es): Ruben George Oliven (UFRGS); Renato Ortiz (UNICAMP)

Entidades proponentes: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC e Associação Nacional de PG e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS

2 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E SOCIEDADE

Debatedor e Moderador: Maria Lúcia Maciel (UFRJ).

Debatedor(es): Antonio Carlos Pavão (UFPE); Marcelo Leite (FSP)

Entidade proponente: Instituto Ciência Hoje - ICH

3 O FUTEBOL E A COPA DO MUNDO DA ALEMANHA: UM DEBATE SOBRE ESPORTE, IDENTIDADE, CULTURA E MERCADO

Debatedor e Moderador: Paulo Ricardo Canto Capela (UFSC).

Debatedor(es): Arlei Sander Damo (UNISC); João Batista Freire (UDESC)

Entidade proponente: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte - CBCE

CONFERÊNCIAS

1 A RELIGIÃO COMO SOLVENTE CULTURAL

Conferencista: Antônio Flávio Pierucci (USP)

Entidade proponente: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC

2 NAÇÃO E CULTURA: CONTRIBUIÇÕES INTERDISCIPLINARES PARA A CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO

Conferencista: Ruben George Oliven (UFRGS)

Entidade proponente:

Associação Brasileira de Antropologia - ABA

3 PATRIMÔNIO CULTURAL DA SERRA DA CAPIVARA E DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO NO NORDESTE

Conferencista: Niède Guidon (FUNDHAM)

Entidade proponente: Instituto Ciência Hoje - ICH

SIMPÓSIOS

1 REFLEXÕES SOBRE A NATUREZA E CULTURA EM FACE DAS PROBLEMÁTICAS AMBIENTAIS CONTEMPORÂNEAS

Coordenador: Emília Pietrafesa de Godoy (UNICAMP)

Reflexões sobre a natureza e a cultura em face das problemáticas ambientais contemporâneas.

Expositor(es):

Angela Bertho (UFSC) , Henyo Trindade Barreto Filho (IEB)

Entidades proponentes: Associação Brasileira de Antropologia – ABA e Associação Nac. de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade – ANPPAS.

2 SEMIÓTICA DAS CULTURAS: DIÁLOGOS ENTRE SABERES COMPARTILHADOS

Coordenador: Cidmar Teodoro Pais (USP)

Expositor(es):

Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista (UFPB) O humor na literatura popular oral e escrita: uma abordagem em semiótica das culturas, Eliana Meneses de Melo (UNINOVE)

Entidade proponente:

Sociedade Brasileira de Professores de Linguística - SBPL

3 UM PRIMATA IGUALITÁRIO, CULTURAL E COOPERATIVO

Coordenador: Maria Emília Yamamoto (UFRN)

Homo moralis, um primata cooperativo.

Expositor(es):

Maria Lúcia Seidl de Moura (UERJ) A mente em uma perspectiva evolucionista: a modularidade e a fluidez, Fernando Leite Ribeiro (USP)

Entidade proponente: Associação Nacional de Pesquisa e PG. Em Psicologia - ANPEPP

4 USO DE PLANTAS E CONSERVAÇÃO: ABORDAGENS ETNOBOTÂNICAS

Coordenador: Natalia Hanazaki (UFSC)

Etnoecologia, etnobiologia e as interfaces entre o conhecimento científico e o conhecimento local.

Expositor(es):

Cristina Baldauf (UFSC) Extratativismo de samambaia-preta no Rio Grande do Sul: fundamentos para o manejo e monitoramento da atividade

Alexandre Siminski (UFSC) O conhecimento local no sistema de cultivo em roças em Santa Catarina

Entidade proponente: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia - SBEE

5 LINGUAGENS DA INTERDISCIPLINARIEDADE

Coordenador: Alzira Lobo de Arruda Campos (UNESP).

Expositor(es): Dorotea Machado Kerr (UNESP), Laima Mesgravis (USP)

Entidades proponentes: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC e Sociedade Científica de Estudos da Arte - CESA

59ª REUNIÃO ANUAL – 08 a 13/07/2007 – UFPA – BELÉM/PA
AMAZÔNIA: DESAFIO NACIONAL

Disponível em: <<http://www.sbpnet.org.br/livro/59ra/>>.

CONFERÊNCIAS

1 ARTE, CRIATIVIDADE E SUSTENTABILIDADE. (CRIABRASILIS)

Regina Lara - Coord. (CRIABRASILIS), Marcos Rizolli (Mackenzie) e Petra Sanchez Sanchez (Mackenzie).

2 CIÊNCIA E CULTURA (SBPC).

Ildeu de Castro Moreira - Coord. (MCT), Alfredo Manesy (MinC) e Luís Roberto Cardoso de Oliveira (ABA).

3 CIÊNCIA INTERESSA ÀS SOCIEDADES INDÍGENAS? (SBPC)

Maria Manuela Carneiro da Cunha - Coord., Davi Kopenawa Yanomami (CCPY) e André Fernando Baniwa (FOIRN).

4 DESAFIOS DA PESQUISA EM ARTES NA AMAZÔNIA. (SBPC)

Lia Braga Vieira - Coord. (UFPA), José Afonso Medeiros de Souza (UFPA) e Glória Caputo (ICG).

SIMPÓSIOS

1 INTERLOCUÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO COM SISTEMAS EXPLICATIVOS NA ANTROPOLOGIA CULTURAL, NA BIOLOGIA, NA LINGÜÍSTICA E NA SOCIOLOGIA. (SBPC)

Maria Amalia Pie Abib Andery - Coord. (PUC/SP), Emmanuel Zagury Tourinho (UFPA) e Alexandre Dittrich (UFPR).

2 LÉXICO E CULTURA: RIQUEZA E DIVERSIDADE ÉTNICA. (SBPL).

Maria Aparecida Barbosa (USP) - Coord., Maria do Socorro Silva Aragão (UFC).

3 QUESTÕES ÉTNICAS NA FORMAÇÃO DA CULTURA MUSICAL BRASILEIRA. (CESA)

Dilma de Melo Silva - Coord. (CESA), Teresinha Rodrigues Prada Soares (CESA) e Mario Lima Brasil (CESA).

4 SEMIÓTICA DAS CULTURAS: MUNDOS CONSTRUÍDOS E COMPETÊNCIAS SOCIOCULTURAIS. (SBPL / SBPC)

Cidmar Teodoro Pais - Coord. (SBPL), Eliana Meneses de Melo (Mack) e Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista (UFPB).

5 ARTE E CENSURA: DESAFIO NACIONAL. (CESA/SBPC).
Maria Cristina Castilho Costa - Coord. (USP), Roseli Aparecida
Figaro Paulino (USP) e Valzeli Figueira Sampaio (UFPA) .

60ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC - 13 a 18/07/2008 - UNICAMP -
CAMPINAS/SP

ENERGIA – AMBIENTE – TECNOLOGIA

Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/eventos/60ra/>>.

CONFERÊNCIAS

1 ALÉM DO TECNOLÓGICO: AS DIMENSÕES CULTURAIS E
SOCIAIS DA INOVAÇÃO.

Conferencista: José Antonio Fernandes Martins (Marcopolo).

Apresentador: Evando Mirra de Paula e Silva (ABDI).

Proponente: SBPC

2 ALFABETIZAÇÃO E TECNOLOGIA EM AMBIENTES
CULTURALMENTE DIVERSOS.

Conferencista: Thaís Cristófaros Silva (UFMG).

Apresentador: Maria Cecília de Magalhães Mollica (UFRJ).

Proponente: ABRALIN

3 MITO E NATUREZA NA ARTE DA AMÉRICA LATINA.

Conferencista: Marisa Bertoli (ABCA) .

Proponente: CESA

SIMPÓSIOS

1 MUDANÇA CULTURAL NO CONSUMO DE ENERGIA E
SUSTENTABILIDADE.

Coordenador: José Vicente Tavares dos Santos (UFRGS).

Participantes: José Armando Valente (UNICAMP), Belmira A. de
B. Oliveira Bueno (USP).

Proponente: SBS

2 SÉCULO XXI: NOVAS FORMAS DE MAL-ESTAR NA
CULTURA.

Coordenador: Maria Viviane do Amaral Veras (UNIBERO).

Participantes: Nina Virgínia de Araújo Leite (UNICAMP), Flávia
Trocoli Xavier da Silva (UniAnchieta).

Proponente: ABRALIN

3 TERMINOLOGIAS, CULTURA POPULAR E MEIO AMBIENTE.

Coordenador: Maria Aparecida Barbosa (USP).

Participantes: Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC), Maria Luísa Ortiz Alvarez (UnB).

Proponente: SBPL

4 A PERCEPÇÃO PÚBLICA DA CIÊNCIA.

Coordenador: Carlos Vogt (UNICAMP) .

Participantes: Ildeu de Castro Moreira (MCT), Carmelo Polino (Centro Redes), José Luis Luján (UIB/ES) .

Proponente: SBPC

61ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC - 12 a 17/07/2009 - UFAM - MANAUS, AM

AMAZÔNIA: CIÊNCIA E CULTURA

Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/manaus/>>

MESAS-REDONDAS

1 CORPO, CULTURA E EDUCAÇÃO INDÍGENA.

Coordenador: Wilson Luiz Lino de Sousa (UFG).

Participantes: Beleni Salete Grando (UNEMAT).

Proponente: CBCE

2 DEMOGRAFIA DOS POVOS TRADICIONAIS: TERRITORIALIDADE, CULTURA E AMBIENTE.

Coordenador: Pery Teixeira (UFAM).

Participantes: Roberto Luis de Melo Monte-Mor (CEDEPLAR), Alfredo Wagner Berno de Almeida (UFAM).

Proponente: ABEP

3 LINGUAGEM E ADMINISTRAÇÃO DO ESPAÇO CULTURAL NO BRASIL.

Coordenador: Eduardo R. J. Guimarães (UNICAMP).

Participantes: Lauro Baldini (UNIVÁS), Sérgio Freire (UFAM).

Proponente: SBPC

4 POPULAÇÕES AMAZÔNICAS, GÊNERO E CULTURA.

Coordenador: Maria das Graças Silva Nascimento Silva (UNIR).

Participantes: Amélia Batista Nogueira (UFAM), Benhur Pinós da Costa (UFMS).

Proponente: CESA

SIMPÓSIOS

1 CULTURAS E SABERES NA AMAZÔNIA.

Coordenador: Otávio Velho (UFRJ).

Participantes: José Aldemir de Oliveira (SECT/AM).

Proponente: SBPC

2 IMAGENS DA CULTURA AMAZÔNICA NAS ARTES: A METÁFORA EM VEZ DO *LOCUS*.

Coordenador: Teresinha Rodrigues Prada Soares (UFMT).

Participantes: Mário Lima Brasil (UnB), Dilma de Melo Silva (USP).

Proponente: CESA

3 SEMIÓTICA, CULTURA E EDUCAÇÃO: CONVIVENDO COM A DIVERSIDADE.

Coordenador: Maria de Fátima B. de M. Batista (UFPB).

Participantes: Eliana Meneses de Melo (UBC), Antonio Luciano Pontes (UECE).

Proponente: SBPL

4 TERMINOLOGIA E CULTURAS AMAZÔNICAS.

Coordenador: Maria Aparecida Barbosa (USP).

Participantes: Maria do Socorro Silva Aragão (UFC), Antonieta Buriti de Souza Hosakawa (UFAC).

Proponente: SBPL

62ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC - 25 a 30/07/2010 - UFRN - NATAL, RN

CIÊNCIAS DO MAR: HERANÇA PARA O FUTURO

Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/natal/home/>>.

MESAS-REDONDAS

1 CIÊNCIAS DO MAR COM CIÊNCIA E CULTURA.

Coordenador: Wanda Jorge (UNICAMP).

Participantes: Fábio Hazin (UFRPE) e Ronaldo Cavalli (UFRPE).

SIMPÓSIOS

1 ECONOMIA DA CULTURA.

Coordenador: José Sávio Oliveira de Araújo (UFRN).
Participante: Fabio de Silos Sá Earp (UFRJ) e Cristiane Oliveiri (Advogada).

63ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC - 10 a 15/07/2011 - UFG - GOIÂNIA, GO
CERRADO: ÁGUA, ALIMENTO E ENERGIA
Disponível em: <<http://www.sbpnet.org.br/goiania/home/>>.

CONFERÊNCIAS

1 AS RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA E CULTURA: O MEIO AMBIENTE NA CONSTRUÇÃO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS.
Conferencista: Sílvia Lúcia Bigonjal Braggio (UFG).

2 CIÊNCIA E TURISMO: ESTADO DA ARTE E AGENDA DE PESQUISA
Conferencista: Elizabeth Kyoko Wada (UAM).
Apresentador: Rosana Mazaro (UFRN)

MESAS-REDONDAS

1 ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: ABERTURA DA UNIVERSIDADE AOS POVOS INDÍGENAS.
Coordenador: Mônica Thereza Soares Pechincha (UFG).
Participantes: Antonio Jaco Brand (UCDB).
Proponente: ABA.

2 PRÁTICAS CORPORAIS, CULTURAS TRADICIONAIS E CERRADO.
Coordenador: Sissília Vilarinho Neto (UFG).
Participantes: Beleni Salete Grandó (UNEMAT) e Ana Márcia Silva (UFG).
Proponente: CBCE.

64ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC - 22 a 27/07/2012 - UFMA - SÃO LUÍS, MA
CIÊNCIA, CULTURA E SABERES TRADICIONAIS PARA ENFRENTAR A POBREZA
Disponível em: <<http://www.sbpnet.org.br/saoluis/home/>>.

CONFERÊNCIAS

1 PARA ENFRENTAR A POBREZA AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A CIÊNCIA, A CULTURA E OS SABERES TRADICIONAIS.

Conferencista: José Pereira Peixoto Filho (UEMG).

Apresentador: Marília Regina Costa Castro (IFPE).

2 RAÍZES DO BRASIL NA LITERATURA POPULAR: UMA QUESTÃO PLURICULTURAL?

Conferencista: Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista (UEPB).

MESAS-REDONDAS

1 CIÊNCIA, CULTURA E SABERES TRADICIONAIS PARA ENFRENTAR A POBREZA.

Coordenador: Maria Ozanira Silva e Silva (UFMA).

Participantes: Ana Gita de Oliveira (IPHAN) e Ivo Fonseca da Silva (CONAQ).

Proponente: SBPC.

2 CULTURA E VALORES DO NORTE/NORDESTE BRASILEIROS.

Coordenador: Darcília Marindir Pinto Simões (UERJ).

Participantes: Conceição de Maria de Araujo Ramos (UFMA) e Maria Aparecida Barbosa (USP).

Proponente: SBPL.

3 CULTURA POPULAR, MEMÓRIA E IDENTIDADE.

Coordenador: Luércio Araújo de Sá Júnior (UFRN).

Participantes: Linduarte Rodrigues (UEPB) e José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA).

Proponente: ABRALIN.

4 SABERES ASTRONÔMICOS DOS INDÍGENAS.

Coordenador: Walmir Thomazi Cardoso (PUCSP).

Participantes: Priscila Faulhaber Barbosa (MAST) e Germano Bruno Afonso (MUSA).

Proponente: SBPC.

5 SABERES TRADICIONAIS E PESQUISA CIENTÍFICA - DESENVOLVIMENTO DE PRODUTOS E PROCESSOS PARA ENFRENTAR A POBREZA.

Coordenador: Rute Maria Gonçalves de Andrade (SBPC/Instituto Butantã).

Participantes: Vanderlan da Silva Bolzani (UNESP), Alfredo Wagner Berno De Almeida (UEA) e Lucia Fernanda Inácio Belfort (INBRAPI).

Proponente: SBPC.

6 SOCIOLOGIA E SABERES LOCAIS: REFLETINDO SOBRE A TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO NO ENSINO MÉDIO.

Coordenador: Danyelle Nilin Gonçalves (UFC).

Participantes: Ileizi Fiorelli Silva (UEL), Simone Meucci (UFPR) e Rosângela Duarte Pimenta (UVA).

Proponente: SBS.

65ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC - 21 a 26/07/20130 - UFPE - RECIFE, PE

CIÊNCIA PARA O NOVO BRASIL

Disponível em: <<http://www.sbpnet.org.br/recife/home/>>.

MESAS REDONDAS

1 CIÊNCIA E ARTE, DIÁLOGOS E PRÁTICA.

Coordenador: Antonio Carlos Pavão (UFPE).

Participantes: Jarmeson de Lima (Produtor Cultural), Francisco Amâncio da Silva (Maestro) e Cristiano Costa Bastos (UFPE).

Proponentes: SBPC.

66ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC - 22 a 27/07/2014 - UFAC - RIO BRANCO, AC

CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM UMA AMAZÔNIA SEM FRONTEIRAS

Disponível em: <<http://www.sbpnet.org.br/riobranco/home/>>.

CONFERÊNCIAS

1 ENSINO A DISTÂNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O CAMPO DE ESTUDOS DA HISTÓRIA DA MATEMÁTICA E CULTURA.

Conferencista: Milton Rosa (UFOP).
Proponente: SBEM.

MESAS REDONDAS

1 CIDADES NA PAN-AMAZÔNIA: MULTICULTURALISMO, IDENTIDADE E ORGANIZAÇÃO SOCIAL.

Coordenadora: Edna Maria Ramos de Castro (SBPC/UFGA).

Palestrantes: Tatiana Schor (UFAM), Margarita Chaves (UNAL) e Elder Andrade de Paula (UFAC).

Proponente: SBPC.

67ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC - 12 a 18/07/2015 - UFSCAR - SÃO CARLOS, SP

LUZ, CIÊNCIA E AÇÃO

Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/saocarlos/home/>>.

MESAS-REDONDAS

1 ESTADO DA ARTE DA GESTÃO CULTURAL NA ACADEMIA.

Coordenador: Regina Pekelmann Markus (SBPC/USP).

Participantes: Eduardo Saron Nunes (Itaú Cultural), Martin Grossmann (USP) e Lia Calabre de Azevedo (RB).

Proponente: SBPC.

2 ARTE TOTAL: ESPETÁCULOS TRANSDISCIPLINARES DE TECNOLOGIA E HIBRIDAÇÃO DE EXPRESSÕES ARTÍSTICAS.

Coordenador: Dilma de Melo Silva (USP).

Participantes: Terezinha Rodrigues Prada Soares (UFMT) e Mario Lima Brasil (UnB) .

CONFERÊNCIA

1 O PLÁGIO NA COMUNIDADE CIENTÍFICA: QUESTÕES ÉTICAS, JURÍDICAS E CULTURAIS.

Conferencista: Sonia Maria Ramos de Vasconcelos (UFRJ).

Proponente: SBPC.

68ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC - 03 a 09/07/2016 - UFSB - PORTO SEGURO, BA

SUSTENTABILIDADE, TECNOLOGIAS E INTEGRAÇÃO SOCIAL

Disponível em: <<http://www.sbp cnt.org.br/portoseguro/home/>>

CONFERÊNCIAS

1 AS CIÊNCIAS NO BRASIL: HISTÓRIA COLETIVA E FORMA DE CULTURA.

Conferencista: Marcia Regina Barros da Silva (USP).

Apresentador: Ivan da Costa Marques (UFRJ).

MESAS-REDONDAS

1 A APROPRIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS VISANDO À SUSTENTABILIDADE NA ÁREA DA ARTE, CULTURA E EDUCOMUNICAÇÃO.

Coordenador: Dilma de Melo Silva (USP).

Participantes: Dilma de Melo Silva (USP) e Rosangela Malachias (UERJ).

Proponente: CESA.

2 NOVAS ESTRATÉGIAS DE ESTUDO, PROTEÇÃO E DIVULGAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO BRASILEIRO.

Coordenador: Carlos Caroso (UFSB).

Participantes: Rodrigo de Oliveira Torres (UFBA), Carlos Rios (UFPE) e Ricardo Santos Guimarães (DPHDM-Marinha do Brasil).

Proponente: SBPC.

69ª REUNIÃO ANUAL – 16 a 22/07/2017 – UFMG – BELO HORIZONTE

INOVAÇÃO - DIVERSIDADE - TRANSFORMAÇÕES

Disponível em: <<http://www.sbp cnet.org.br/livro/69ra/index.htm>>

CONFERÊNCIAS

1 SCIENCE AND TECHNOLOGY FOR THE STUDY AND PRESERVATION OF CULTURAL HERITAGE: ENHANCING RESILIENCE OF CULTURAL HERITAGE TO NATURAL CATASTROPHES.

Conferencista: Antonio Sgamellotti (Università degli Studi di Perugia).

Apresentador: Luiz Antônio Cruz Souza (UFMG).

MESAS-REDONDAS**1 PERCEPÇÃO PÚBLICA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR.**

Coordenador: Antonio José Silva Oliveira (UFMA).

Participantes: Antonio José Silva Oliveira (UFMA), Márcia Azevedo Coelho (UNICAMP) e Guilherme Lima (UFOP).

Proponente: SBPC .

ANEXOS

ANEXO 1 – CÓPIA DA ATA DE FUNDAÇÃO DA SBPC

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA
SBPC
 CAIXA POSTAL, 2226 - SÃO PAULO - BRASIL

ATA DA FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA

Aos oito de julho de mil novecentos e quarenta e oito, na sede da Associação Paulista de Medicina, reuniram-se, por convocação dos doutores Faule Sawaya, José Reis e Maurício Rocha e Silva, as pessoas que esta assinam, para o fim de discutir o projeto de estatutos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, cuja fundação fôra acordada em reunião preliminar realizada a oito de junho deste ano, no mesmo local. Submetido a discussão o projeto de Estatuto elaborado por uma comissão constante dos doutores Jorge Americano, J. Francisco Maffei, J. Ribeiro do Vale, J. Reis e M. Rocha e Silva, foi ele amplamente discutido, tendo sido apresentadas emendas pelos senhores Gastão Rosenfeld, Silvio Grieco, Jaime Honig, Paulo Henrique Meinberg, Roberto Pasqualini, Raul de Moraes, Moisés Kuhlmann, Karl Silberschmidt, Eichbaum, Sousa Neto, Eugenia M. Andrade, Agésilau Bitancourt, Jorge Americano, J. Reis, F. Rawitscher, Q. Mingoia, Jesuino Maciel, J. F. Toledo e Paulo Roberto de Paula e Silva. Devidamente apreciadas e discutidas as emendas, aceitas umas e rejeitadas outras, resultou aprovado o texto que a seguir vai transcrito, e que passa a ser o Estatuto da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência: "Capítulo I - Da Sociedade, seus fins e objetivos" - Artigo 1º - Sob a denominação de Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), fica fundada uma sociedade civil que se regerá pelos presentes Estatutos, nos termos da legislação em vigor. Parágrafo único - A SBPC tem fins científicos e educativos, sem fito de lucro, nem caráter político ou religioso. Artigo 2º - A SBPC tem sede e fôro na cidade de São Paulo e será representada em juízo ou fora dele pelo seu Presidente. Artigo 3º - A SBPC tem por objetivos: a) Apoiar e estimular o trabalho científico. b) Melhor articular a ciência com os problemas de interesse geral, relativos à indústria, à agricultura, à medicina, à economia etc. c) Facilitar a cooperação entre os cientistas. d) Aumentar a compreensão do públi-

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA
SBPC

CAIXA POSTAL, 2028 - SÃO PAULO - BRASIL

co em relação à ciência. e) Zelar pela manutenção de elevados padrões de ética entre os cientistas. f) Mobilizar os cientistas para o trabalho sistemático de seleção e aproveitamento de novas vocações científicas, inclusive por meio de ensino post-graduado, extra-universitário etc. g) Defender os interesses dos cientistas, tendo em vista a obtenção do reconhecimento de seu trabalho, do respeito pela sua pessoa, de sua liberdade de pesquisa, de direito aos meios necessários à realização do seu trabalho, bem como de respeito pelo patrimônio moral e científico representado por seu acervo de realizações e seus projetos de pesquisa. h) Bater-se pela remoção de impecilhos e incompreensões que entram o progresso da ciência. i) Articular-se ou filiar-se a associações ou agremiações que visem objetivos paralelos, como a UNESCO, a Federação Mundial de Trabalhadores Científicos, a Organização Mundial de Saúde e outras. j) Representar aos poderes públicos ou entidades particulares sobre medidas referentes aos objetivos da Sociedade. k) Outros objetivos que não colidam com os presentes Estatutos. Artigo 4^o - A SBPC poderá realizar os fins mencionados no artigo 3^o mediante: a) Conferências periódicas e demonstrações outras, destinadas a familiarizar o público com o trabalho científico realizado no país e no estrangeiro, sempre porém sobre base de experiência pessoal no assunto, e visando, o conjunto das conferências, a cobrir o maior campo possível da ciência. b) Comemorações dos grandes feitos da ciência, revelando a vida e a obra dos grandes pesquisadores, assim como a repercussão de suas descobertas no progresso da humanidade. c) Patrocínio e, quando possível, realização de obras científicas. d) Administração de legados ou doações que objetivem proteger e estimular a ciência, para isso cooperando também com outros órgãos de idêntica finalidade. e) Realização de um cadastro dos cientistas nacionais com suas atividades e movimentação e, quando possível, publicação de índices desse pessoal, de seus currículos e realizações. f) Crítica e análise de atos públicos ou privados que interessem à ciência, aos cientistas e aos institutos de pesquisa, tomando em cada caso as medidas indicadas para maior prestígio deles. g) Publicação de revista adequada aos fins da sociedade. h) Realização de inquê-

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA
SBPC

CAIXA POSTAL, 8926 - SÃO PAULO - BRASIL

ritos regionais ou locais pelos membros da Sociedade, tanto no interesse cultural ou econômico das localidades estudadas quanto no da própria Sociedade, para isso elaborando relatórios dos estudos feitos. 1) Realização anual de reunião conjunta de todas as divisões em local previamente escolhido. Capítulo II - Dos sócios, sua admissão e seus deveres - Artigo 5º - Serão sócios, nas categorias abaixo indicadas, quaisquer pessoas idôneas que se interessem pelo progresso da ciência: a) SÓCIOS HONORÁRIOS, os que a Sociedade eleger. b) SÓCIOS BENEMÉRITOS, os que fizerem doações ou contribuições valiosas à Sociedade, a juízo do Conselho. c) SÓCIOS REMIDOS, os que contribuírem, de uma só vez, com dez parcelas iguais às da anuidade dos contribuintes. d) SÓCIOS CONTRIBUINTES, os que pagarem a anuidade básica, estabelecida em Assembleia Geral ordinária. e) SÓCIO CORPORATIVO qualquer pessoa jurídica que pagar a anuidade estabelecida em Assembleia Geral ordinária. f) SÓCIOS FUNDADORES, os remidos, contribuintes ou corporativos que assinarem a ata de fundação. g) SÓCIOS ASSINANTES, os pertencentes ao corpo discente de escolas superiores e que pagarem metade da anuidade estabelecida para os, digo, os que pagarem metade da anuidade estabelecida para os contribuintes. h) SÓCIOS ESTUDANTES, os pertencentes ao corpo discente de escolas superiores e que pagarem metade da anuidade estabelecida para os assinantes, sendo de vinte e cinco anos a idade máxima para a admissão de sócio na categoria desta alínea. i) SÓCIOS CORRESPONDENTES, os estrangeiros ou brasileiros residentes permanentemente no estrangeiro, e que forem eleitos pela Sociedade. Parágrafo único - Os sócios de que tratam as alíneas "a" e "i" serão propostos pelo Conselho e eleitos pela Sociedade. Artigo 6º - Cada sócio, excoetados os casos previstos no parágrafo único do artigo anterior, será admitido por indicação de pelo menos três sócios mediante parecer da Comissão de Sindicância e aprovação da diretoria. Parágrafo único - Os sócios eliminados pela alínea "a" do artigo 9º poderão ser readmitidos a critério da Diretoria. Artigo 7º - São direitos dos sócios: a) Receber gratuitamente as publicações oficiais da Sociedade. b) Frequentar as Assembleias Gerais e as reuniões, inclusive as especializadas, e tomar parte nas discussões. c) Votar, com exceção dos sócios de que tratam as alíneas

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIENCIA
SBPC

CAIXA POSTAL. 3222 - SÃO PAULO - BRASIL

"g" e "h" do artigo 5^o. d) Gozar das demais vantagens que lhe forem atribuídas pela Sociedade. Artigo 8^o - São deveres dos sócios: a) Pagar as contribuições previstas na forma do artigo 5^o. b) Acatar e prestigiar os atos e decisões dos órgãos da Sociedade. Artigo 9^o - Serão eliminados os sócios que: a) Deixarem de pagar as anuidades. b) Agirem de modo prejudicial aos fins da Sociedade. c) Procederem com manifesta inconduta. Capítulo III - Da Diretoria, do Conselho e da Assembleia Geral - Artigo 10^o - São órgãos da Sociedade: a) a Diretoria; b) o Conselho; e c) a Assembleia Geral. Artigo 11^o - A Diretoria compor-se-á de: um Presidente, um Vice-Presidente, um Tesoureiro e um Secretário Geral, auxiliado por um Secretário, todos eleitos trienalmente pelos sócios, por processo estabelecido no artigo 20, parágrafo segundo. Artigo 12^o - Incumbe à Diretoria: a) Fazer executar as deliberações da Assembleia Geral e do Conselho. b) Elaborar o orçamento anual e propô-lo ao Conselho, até a data por este fixada. c) Nomear e demitir funcionários. d) Apresentar ao Conselho relatórios e contas, devidamente verificados por contador ou firma idônea. e) Convocar extraordinariamente o Conselho e a Assembleia Geral. f) Deliberar sobre abertura de contas correntes em bancos. g) Designar substitutos para os impedimentos ou vagas nela ocorridas, por prazo não excedente de três meses. h) Apurar as eleições, admitida a fiscalização de qualquer sócio. i) Fixar a data para a reunião anual do Conselho e da Assembleia Geral. j) Deliberar sobre admissão e eliminação de sócios. Artigo 13^o - Incumbe ao Presidente: a) Representar a Sociedade em juízo e fora dele. b) Presidir as reuniões da Diretoria, do Conselho e da da Assembleia Geral. c) Aprovar os programas culturais e sociais elaborados pelo Vice-Presidente. Artigo 14^o - Ao Vice-Presidente incumbe substituir o Presidente em seus impedimentos e elaborar, propor ao Presidente e com este executar os programas sociais e culturais da Sociedade. Artigo 15^o - Incumbe ao Tesoureiro: a) Administrar o patrimônio da Sociedade. b) Organizar os balanços e as contas a serem apresentadas pela Diretoria ao Conselho. c) Assinar cheques e obrigações juntamente com o Presidente. Artigo 16^o - Ao Secretário Geral, auxiliado pelo Secretário, incumbe secretariar as reuniões da

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIENCIA
SBPC

CAIXA POSTAL, 2926 - SÃO PAULO - BRASIL

Diretoria, do Conselho e da Assembleia Geral e administrar a Secretaria da Sociedade. Artigo 17^o - O Conselho, eleito trienalmente, será presidido pelo Presidente da Diretoria e compor-se-á: a) de tantos membros quantos forem os múltiplos inteiros de cinquenta sócios, num mínimo de doze membros, eleitos pela Assembleia, de acordo com o artigo vinte, parágrafo segundo; b) dos antigos Presidentes da Sociedade e dos membros da Diretoria atual, estes sem direito a voto quando se tratar de deliberar sobre os atos da mesma Diretoria. Parágrafo único - O Conselho reunir-se-á obrigatoriamente uma vez por ano e, extraordinariamente, quando convocado pela Diretoria ou por um número mínimo de um terço dos seus membros. Artigo 18^o - Incumbe ao Conselho: a) Regulamentar e pôr em execução as deliberações da Assembleia Geral. b) Dar conhecimento aos sócios dos nomes dos candidatos a cargos da Diretoria e do Conselho. c) Deliberar sobre a formação de Divisões regionais e aprovar os regulamentos elaborados por essas divisões. d) Organizar as Seções especializadas e aprovar os seus regulamentos, bem como nomear o Presidente e Vice-Presidente de cada uma. e) Deliberar sobre as publicações da Sociedade. f) Deliberar sobre os casos que lhe forem propostos pela Diretoria. g) Deliberar sobre os casos omissos. h) Designar substitutos para os cargos vacantes da Diretoria até o fim do mandato. i) Preencher as próprias vagas até o fim do mandato. j) Nomear as Comissões mencionadas no artigo vinte e quatro, parágrafo segundo. l) Opinar sobre o relatório e contas apresentadas pela Diretoria, encaminhando-os à Assembleia Geral. m) Propor à Assembleia Geral os candidatos a sócios honorários e correspondentes e deliberar sobre os beneméritos. Artigo 19^o - A Assembleia Geral será integrada por todos os sócios quites e se reunirá quando especialmente convocada pelo Conselho ou por um número mínimo de vinte sócios e, obrigatoriamente, uma vez por ano, na segunda quinzena de Março, para ouvir e julgar o relatório e as contas da Diretoria e estabelecer as deliberações que julgar convenientes. Artigo 20^o - Incumbe à Assembleia Geral: a) Deliberar sobre alienações de bens patrimoniais. b) Deliberar sobre matéria que não esteja atribuída pelos presentes Estatutos aos demais órgãos. c) Eleger o Conselho

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA
SBPC

CAIXA POSTAL 3026 - SÃO PAULO - BRASIL

e a Diretoria, pelo processo estabelecido no parágrafo segundo deste artigo, bem como fixar as anuidades dos sócios contribuintes e corporativos. d) Julgar o relatório e as contas da Diretoria encaminhadas pelo Conselho. Parágrafo primeiro - As convocações extraordinárias da Assembleia Geral declararão o assunto a deliberar. Parágrafo segundo - Para a eleição da Diretoria e do Conselho, considera-se a Assembleia em funcionamento independentemente de reunião, sendo os votos remetidos em cédula assinada, dentro de envelope só aberto no momento da apuração. Artigo 21^o - As convocações da Assembleia Geral serão feitas em jornal matutino de grande circulação, de uma só vez, com antecedência de uma semana, declarando-se nessa publicação o dia e hora tanto da primeira quanto da segunda convocação, mediante pelo menos cinco dias entre uma e outra, caso não se reúna na primeira maioria absoluta de sócios. Parágrafo único - A Assembleia deliberará em segunda convocação com qualquer número de sócios, salvo em casos especiais previstos nestes Estatutos. Artigo 22^o - Consideram-se presentes à Assembleia: a) Os sócios que se representarem por procuração. b) Os sócios que mandarem voto escrito sobre o assunto da convocação. Capítulo IV - Das disposições gerais - Artigo 23^o - A Sociedade, além da revista, poderá editar um Boletim informativo, redigidos ambos por uma comissão designada pelo Conselho, e que será responsável pela orientação científica, e dirigidos por um Diretor que será responsável perante a lei. Artigo 24^o - A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência poderá exercer as suas atividades mediante Divisões Regionais, na conformidade de que deliberar o Conselho. Parágrafo primeiro - As Divisões Regionais obedecerão aos presentes Estatutos, completados pelos respectivos regulamentos, podendo distribuir suas atividades científicas e culturais por Seções Especializadas, compreendendo entre outras: a) Matemática; b) Física e Astronomia; c) Química; d) Geologia e Mineralogia; e) Biologia; f) Antropologia; Sociologia e Psicologia; g) Engenharia e Tecnologia; h) Ciências médicas e farmacêuticas; i) Agricultura; j) Ciências econômicas e administrativas; l) Educação; m) Geografia e História. Parágrafo segundo - As atividades administrativas e sociais das Divisões serão exercidas obrigatoriamente por meio de Comissões,

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA
SBPC

CAIXA POSTAL, 2926 - SÃO PAULO - BRASIL

quanto aos seguintes assuntos: a) Controle financeiro; b) Intercâmbio; c) Ação social e sindicância para admissão de sócios. Artigo 25^o - A Sociedade poderá, pelo seu Conselho, conferir o título de Presidente Honorário a pessoas de notável saber que hajam prestado relevantes serviços à causa da Ciência. Artigo 26^o - Os sócios não serão responsáveis pelas dívidas da Sociedade. Capítulo V - Dos fundos e patrimônio da Sociedade - Artigo 27^o - O patrimônio da Sociedade será formado pelas contribuições previstas nestes Estatutos, bem como por doações. Parágrafo único - Os saldos que se verificarem anualmente poderão ser levados a um fundo de reserva, cuja aplicação será resolvida pela Assembleia Geral. Capítulo VI - Da extinção da Sociedade - Artigo 28^o - A Sociedade poderá ser extinta em qualquer tempo, por deliberação da maioria dos sócios presentes à Assembleia Geral convocada para este fim. Parágrafo único - Em caso de dissolução da Sociedade, a Assembleia dará, pelo voto da maioria dos sócios presentes ao patrimônio social e fundos de reserva, o destino que melhor convier, de acordo com os objetivos para que foi fundada a Sociedade. Capítulo VII - Da modificação destes Estatutos - Artigo 29^o - Os presentes Estatutos poderão ser modificados a qualquer tempo desde que assim o julgue necessário a Assembleia Geral, por maioria absoluta em primeira convocação. Capítulo VIII - Das disposições transitórias - Artigo 30^o - Serão considerados sócios fundadores os que se inscreverem e pagarem a anuidade até a reunião da primeira Assembleia Geral ordinária, quando será assinada a ata de fundação da Sociedade. Artigo 31^o - Para efeito do disposto no artigo anterior, a anuidade dos sócios contribuintes será de duzentos cruzeiros e a dos sócios corporativos de dois mil cruzeiros. Parágrafo único - Fica estabelecida uma quota de fundação, a critério de cada sócio, de subscrição não obrigatória, para o fim de atender às necessidades financeiras iniciais da Sociedade". Encerrada a discussão do projeto de Estatuto, foi pelo doutor Paulo Sawaya, que presidiu a reunião, declarada fundada a SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, com apoio de todos os presentes. Afim de conduzir os destinos da Sociedade até a primeira reunião da Assembleia Geral, prevista no artigo trinta do Estatuto aprovado,

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIENCIA
SBPC

CAXA POSTAL, 9928 - SÃO PAULO - BRASIL

-8-

foi eleita por aclamação uma comissão executiva provisória constante dos senhores Jorge Americano, H. da Rocha Lima, J. F. Maffei, Max de Barros Erhart, O. G. Hier, Paulo Sawaya, A. Carvalho da Silva, H. Hauptmann, Gastão Rosenfeld, J. Reis, M. Rocha e Silva, Adriano Marchini, C. A. Krug, Luis Cintra do Prado e J. Ribeiro do Vale, havendo-se deliberado que essa comissão iniciasse prontamente as atividades culturais da Sociedade, e marcando-se para o dia vinte e sete do mesmo mês a primeira conferência pública pública patrocinada pela Sociedade, em reunião conjunta com o Departamento de Cultura da Associação Paulista de Medicina, subordinada ao título "Vicissitudes da Vida Científica". Nada mais havendo a tratar, foi suspensa a sessão, tendo eu, José Reis, lavrado a presente ata, que vai assinada por todos os presentes.

Jorge Americano

Forem aplicadas à. a. via deste documento as regras estabelecidas criadas pela lei 2455, art. II

REGISTRO DE TITULOS E DOCUMENTOS

3.º OFICIO
REGISTRADO hoje sob n. 119 252 no livro
A n. 30 de Registro de Pessoas Jurídicas
36º Paulo, 30 de Novembro de 1947

OFICIAL

